

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO

ANA BEATRIZ CAMPEIZ

A violência nas relações de intimidade vivenciada por bissexuais em  
contexto pandêmico: Perspectiva do Paradigma da Complexidade

RIBEIRÃO PRETO

2023

ANA BEATRIZ CAMPEIZ

A violência nas relações de intimidade vivenciada por bissexuais em contexto pandêmico: Perspectiva do Paradigma da Complexidade

Tese apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Ciências, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem em Saúde Pública.

Linha de pesquisa: Assistência à criança e ao adolescente

Orientador: Maria das Graças Bomfim Carvalho

RIBEIRÃO PRETO

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Campeiz, Ana Beatriz

pppA violência nas relações de intimidade vivenciada bissexuais em contexto pandêmico: sob a perspectiva do Paradigma da Complexidade. Ribeirão Preto, 2023.

141 p. : il. ; 30 cm

pppTese de Doutorado, apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Enfermagem em Saúde Pública.

pppOrientador: Maria das Graças Bomfim Carvalho

p

1. Violência por pares. 2. Juventude. 3. Bissexualidade. 4. Pandemia. 5. Complexidade.

CAMPEIZ, Ana Beatriz

A violência nas relações de intimidade vivenciada por bissexuais em contexto pandêmico: sob a perspectiva do Paradigma da Complexidade

Tese apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Ciências, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem em Saúde Pública.

Aprovado em ...../...../.....

Presidente

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Comissão Julgadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

## **AGRADECIMENTOS**

A Divindade, pela minha vida e pelo privilégio de poder desfrutar do meio acadêmico e adquirir e compartilhar conhecimentos.

Aos meus pais e irmãs, Carlos, Vera, Cora e Fafá, como carinhosamente as chamo, por acreditarem em mim e por todo apoio e amor que me foram dados, fundamentais para que eu estivesse aqui.

À Lilian, por tantas horas de sessões em terapia sobre minhas questões pessoais referente ao doutorado, gratidão por me incentivar e me trazer a calma necessária na alma e saúde mental.

À minha orientadora, Profa. Dra. Maria das Graças Bomfim de Carvalho, com a qual pude compartilhar questões acadêmicas e de fórum particular, pela qual tenho admiração pela mulher que é. Com o tempo nossos laços foram se estreitando e a relação se transformando para além de professora e aluna. Agradeço pela disposição e por ter me dito o sim em 2015 ao entrar para o mestrado e estar me acompanhando até o dia de hoje.

À Profa. Dra. Diene Monique Carlos e ao Prof. Dr. Lucas Pereira de Melo, por toda solicitude, atenção e disposição em me ajudar, e pela condução, instruções, sugestões e estímulos que foram de imprescindível importância para a realização deste trabalho. Minha gratidão eterna.

A todos integrantes do núcleo de estudo e pesquisa PROASE, com os quais aprendi e cresci muito, tanto no âmbito pessoal quanto acadêmico.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

*Esse crime, o crime sagrado de ser divergente,  
nós o cometeremos sempre.*

Pagu

## RESUMO

**CAMPEIZ, A. B. A violência nas relações de intimidade vivenciada por bissexuais em contexto pandêmico: sob a perspectiva do Paradigma da Complexidade.** 2022. 141 p. Tese (Doutorado). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2022.

Na contemporaneidade, a violência é tema prioritário de atenção, por ser apontada e reconhecida como um problema social, relacional e de saúde, e se faz presente nas relações de intimidade entre os adolescentes e jovens. O fenômeno é mais grave para os que se identificam com orientações dissidentes/não heteronormativas, por já vivenciarem outras formas de violência da sociedade, que os colocam em lugar de vulnerabilidade ainda maior. O presente trabalho visa analisar a violência nas relações de intimidade vivida por bissexuais durante a pandemia por Covid-19, sob a perspectiva do Paradigma da Complexidade. Este estudo foi delineado em uma abordagem qualitativa e teve como participantes 27 adolescentes e jovens, de ambos os sexos, que se autodeclararam bissexuais e sejam residentes do estado de São Paulo. Os dados foram coletados através de formulário online pelo google docs, entrevista semiestruturada e o diário de campo, no período entre junho de 2021 até junho de 2022, e analisados à luz do referido Paradigma. Os resultados indicaram (i) a pandemia tanto fragilizou o estado emocional dos participantes quanto foi usada como justificativas para os autores dos comportamentos violentos; (ii) a existência de mitos e de imaginário social sobre a bissexualidade que influenciam diretamente nas ações violentas e nas dinâmicas das relações íntimas vivida pelos bissexuais; (iii) a reprodução de violência e questões estigmatizantes resultantes das experiências vividas pelos gêneros e identidades dos/as parceiros/as, e; (iv) a prevalência de violência psicológica entre os adolescentes e jovens bissexuais, além da violência figurada bidirecional. Conclui-se que a invisibilidade da orientação sexual bissexual reflete na invisibilidade da violência íntima vivida por eles. Há emergência na criação de políticas públicas de saúde e segurança específicas para a população bissexual e para o fenômeno da violência íntima vivida por bissexuais, assim como ações promocionais da saúde com atuação de profissionais capazes de empoderar os sujeitos para o processo de transformação de fatores vulnerabilizantes. Em suma, o Paradigma da Complexidade contribuiu de forma imprescindível para o desenvolvimento de um olhar integral sobre a temática, proporcionando maior clareza sobre os elementos que compõem o fenômeno, e principalmente, sobre a interdependência e interconectividade entre eles, de modo articulado e contextualizado.

Palavras-chave: Violência entre pares. Adolescentes. Bissexualidade. Covid-19. Namoro.

## ABSTRACT

CAMPEIZ, A. B. **Violence in intimate relationships experienced by bisexuals in the context of a pandemic: from the perspective of the Paradigm of Complexity.** 2022. 141 p. Thesis (PhD). Ribeirão Preto Nursing School, University of São Paulo, Ribeirão Preto, 2022.

In contemporary times, violence is a topic that deserves priority attention, as it is pointed out and recognized as a social, relational and health problem and is present in intimate relationships between adolescents and young people. The phenomenon is more severe for those who identify themselves with dissident/non-heteronormative sexual orientations, as they had already experienced other types of violence from society, which places them in a situation of even greater vulnerability. This paper aims at analyzing violence in intimate relationships experienced by bisexual individuals during the Covid-19 pandemic, from perspective of the Paradigm of Complexity. This study was designed with a qualitative approach of the strategic social research type and its participants were 27 adolescents and young individuals of both genders, who self-declared as bisexuals and lived in the state of São Paulo. The data were collected by means of a Google Docs online form, semi-structured interviews and a field diary, in the period from June 2021 to June 2022, and they were analyzed in the light of the aforementioned Paradigm. The results indicated that (i) the pandemic weakened the participants' emotional state when, in the authors' opinion, it was used as a justification for the violent behaviors; (ii) there are myths and a social imaginary about bisexuality that exert direct influences on the violent actions and on the dynamics of the intimate relationships experienced by bisexual people; (iii) there is reproduction of violence and stigmatizing issues resulting from the experiences underwent due to the partners' genders and identities; and (iv) psychological violence is prevalent among bisexual adolescents and young people, in addition to two-way figurative violence. It is concluded that the invisibility of bisexual sexual orientation reflects on the invisibility of intimate violence experienced by them. There is an emergency in the creation of specific public health and safety policies for the bisexual population and for the phenomenon of intimate violence experienced by bisexuals, as well as health promotion actions with the work of professionals capable of empowering subjects to transform vulnerable factors. In synthesis, the Paradigm of Complexity contributed in an indispensable way to developing a comprehensive perspective on the theme, providing greater clarity about the elements that make up the phenomenon and, mainly, about their interdependence and interconnectivity, in an articulated and contextualized way.

Keywords: Peer violence. Adolescent. Bisexuality. Covid-19. Dating.



## RÉSUMEN

CAMPEIZ, A. B. **Violencia en relaciones de pareja sufrida por bisexuales en el contexto de una pandemia: a la luz del Paradigma de la Complejidad.** 2022. 141 p. Tesis (Doctorado). Facultad de Enfermería de Ribeirão Preto, Universidad de San Pablo, Ribeirão Preto, 2022.

En la actualidad, la violencia es un tema que reviste atención prioritaria, ya que se la señala y reconoce como un problema social, relacional y de salud y se hace presente en las relaciones de pareja entre adolescentes y jóvenes. El fenómeno es más grave para quienes se identifican con orientaciones sexuales disidentes y/o no heteronormativas, puesto que ya sufrieron otros tipos de violencia por parte de la sociedad que los colocan en una situación de vulnerabilidad incluso mayor. El objetivo de este trabajo de investigación es analizar la violencia en las relaciones de pareja sufrida por personas bisexuales durante la pandemia de Covid-19 desde la perspectiva del Paradigma de la Complejidad. Este estudio se delineó con un enfoque cualitativo del tipo investigación social estratégica y sus participantes fueron 27 adolescentes y jóvenes de ambos sexos, que se autodeclararon bisexuales y viven en el estado de San Pablo. Los datos se recolectaron por medio de un formulario Google Docs en línea, entrevistas semiestructuradas y diario de campo, en el período de junio de 2021 a junio de 2022, y se los analizó a la luz del mencionado Paradigma. Los resultados indicaron que (i) la pandemia debilitó el estado emocional de los participantes cuando, en opinión de los autores, se la utilizó como justificación de las conductas violentas; (ii) hay mitos y cierto imaginario social sobre la bisexualidad que ejercen influencias directas sobre las acciones violentas y la dinámica de las relaciones de pareja vividas por las personas bisexuales; (iii) se reproduce la violencia y las cuestiones estigmatizantes consecuencia de las experiencias vividas debido a los géneros y las identidades de las parejas; y (iv) la violencia psicológica es prevalente entre los adolescentes y jóvenes bisexuales, además de la violencia figurada bidireccional. Se concluye que la invisibilidad de la orientación sexual bisexual se refleja en la invisibilidad de la violencia íntima experimentada por ellos. Hay una emergencia en la creación de políticas públicas de salud y seguridad específicas para la población bisexual y para el fenómeno de la violencia íntima vivida por bisexuales, así como acciones de promoción de la salud con el trabajo de profesionales capaces de empoderar a los sujetos para transformar los factores vulnerables. En síntesis, el Paradigma de la Complejidad representó un aporte imprescindible para desarrollar una perspectiva integral sobre la temática, proporcionando mayor claridad sobre los elementos que componen el fenómeno y, principalmente, sobre su interdependencia e interconectividad, en forma articulada y contextualizada.

Palabras clave: Violencia entre pares. Adolescente. Bisexualidad. Covid-19. Enamorarse.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Configuração dos elementos existentes nos relatos/perspectivas dos participantes adolescentes e jovens bissexuais sobre experiências mais impactantes nas relações de intimidade durante o isolamento social .....	61
Figura 2 - Características específicas das percepções do fenômeno da violência na relação de intimidade de adolescentes e jovens bissexuais durante o contexto pandêmico .....	65
Figura 3 - Elementos, configurações e respostas engendrados pelos adolescentes e jovens bissexuais em torno das redes sociais digitais .....	68
Figura 4 - Fatores explanados pelos adolescentes e jovens bissexuais sobre a visão de do outro sobre eles, orientação sexual bissexual, estratégias, crenças e imaginário social .....	76
Figura 5 - Fatores explanados pelos adolescentes e jovens bissexuais sobre a visão de si mesmos, sua orientação sexual bissexual, sentimentos e anseios .....	78

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Caracterização sociodemográfica dos participantes adolescentes e jovens participantes dos formulários online e entrevista semiestruturada segundo idade, gênero, cor da pele, estado civil, ocupação, renda pessoal e escolaridade .....	57
---	----

## LISTA DE SIGLAS

Covid-19	Doença causada pelo vírus SARS-CoV-2
DST	Doença Sexualmente Transmissível
HIV	<i>Human Immunodeficiency Virus</i>
HSH	Homens que Fazem Sexo com Outros Homens
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ISTs	Infecções Sexualmente Transmissíveis
LGBTI+	Lésbica, Gay, Bissexual, Travesti, Transexual, Intersexo, Assexual e Demais Expressões
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONGs	Organizações não governamentais
OPAS	Organização Pan-Americana da Saúde
PM	Polícia Militar
PT	Partido dos Trabalhadores
USP	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	20
<b>2</b>	<b>PRESSUPOSTO</b> .....	24
<b>3</b>	<b>BISSEXUALIDADES E O CENÁRIO ATUAL</b> .....	25
<b>3.1</b>	<b>Bissexualidades</b> .....	27
<b>3.2</b>	<b>Estudos sobre Violência por Pares Vivida entre Bissexuais</b> .....	31
<b>3.3</b>	<b>Violência por Parceiros Íntimos na Pandemia</b> .....	37
<b>4</b>	<b>MARCO TEÓRICO E METODOLÓGICO</b> .....	40
<b>5</b>	<b>OBJETIVOS</b> .....	47
<b>5.1</b>	<b>Objetivo Geral</b> .....	47
<b>5.2</b>	<b>Objetivos Específicos</b> .....	47
<b>6</b>	<b>PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	48
<b>6.1</b>	<b>Aspectos Éticos</b> .....	48
<b>6.2</b>	<b>Desenho do Estudo</b> .....	48
<b>6.3</b>	<b>População e Local</b> .....	48
<b>6.4</b>	<b>Critérios de Inclusão</b> .....	49
<b>6.5</b>	<b>Coleta de Dados</b> .....	49
<b>6.6</b>	<b>Análise dos Dados</b> .....	53
<b>7</b>	<b>RESULTADOS</b> .....	55
<b>7.1</b>	<b>Caracterização dos Participantes</b> .....	55
<b>7.2</b>	<b>Violência na Relação Íntima no Contexto Pandêmico</b> .....	58
<b>7.3</b>	<b>Rede Social Digital e Perpetuação da Violência</b> .....	65
<b>7.4</b>	<b>Violências por Estar/Ser Bissexual</b> .....	68
<b>8</b>	<b>DISCUSSÃO</b> .....	77
<b>8.1</b>	<b>Princípio Dialógico</b> .....	77
<b>8.2</b>	<b>Princípio Hologramático</b> .....	85
<b>8.3</b>	<b>Recurso Organizacional</b> .....	101
<b>9</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	115
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	121
	<b>APÊNDICES</b> .....	133
	<b>ANEXO</b> .....	138

## PREFÁCIO

Os estudos sobre o fenômeno da violência entre parceiros íntimos apresentaram-se de forma intensa em minha vida ainda na graduação de ciências sociais, quando tive a chance de realizar estágio no Centro de Referência da Mulher, na cidade de Araraquara. Conhecer pessoas que passaram por experiências violentas em seus relacionamentos, infelizmente, foi se tornando cada vez mais comum. Algumas situações presenciadas, muitos momentos de choro, de luto, mas também de consolo e ressignificação foram vividos juntos com essas pessoas. Estudar, fazer parte de coletivos feministas, não tornaram a mim e amigos/as imunes de também vivenciar a violência em nossos relacionamentos íntimos. Não havia ‘um certo e outro errado’, ‘um do bem e outro do mal’, ‘um abusador e uma vítima’, diferentes situações e contextos se manifestaram, sem uma rotulagem fixa, já que paradoxos, ambiguidades, contradições, emergiam o tempo todo.

A intenção de pesquisar sobre o fenômeno pela perspectiva do Paradigma da Complexidade durante o mestrado foi justamente por compartilhar com a noção de contextualização, que rompe com fixações, considera cada pessoa única e diferente da outra e toda sua história e contextos de vida. Entretanto, mesmo com a dissertação realizada, a temática ainda me inquietava pois observava, ouvia, lia sobre diferentes experiências que não foram contempladas. Com apenas dois adolescentes que se autodeclararam gays, a dissertação apresentou experiências majoritariamente vividas em pares heterossexuais. E as experiências que me inquietavam eram justamente de populações LGBTI+.

Ao frequentar e me identificar com coletivos feministas e LGBTI+, escutava inúmeras histórias da violência íntima vivida por amigos, conhecidos, colegas de diferentes gêneros e orientações sexuais, mas as que mais me impactaram eram as vivências narradas pelos/as bissexuais. Em primeiro lugar por me identificar com muitas histórias e experiências que eram narradas. Em segundo, pelas experiências compartilhadas comigo expressavam dores pelos estigmas vividos por parcerias heterossexuais, mas também de dentro do próprio movimento LGBTI+, o que me inquietava ainda mais.

Escrever essa tese me causou alegrias e sofrimentos. Ler os relatos, interagir com as participantes na interação da entrevista, fazia-me perceber cada vez mais como o Outro também está em mim. Assim como a minha, considero cada pessoa e história

compartilhada única. Categorizar os relatos como meros conteúdos para dados objetivos da tese não permitiria a aproximação, a identificação entre pesquisadora e pesquisado. Por meio da análise das experiências compartilhadas pretendi apontar para a existência de uma multiplicidade de vivências das quais, conforme Michel Maffesoli (2007), “fazemos todos parte, se não nos abstrairmos da vida comum, cotidiana” (p. 27).

Rompendo com um paradigma reducionista que estabelece um distanciamento do ‘Eu’ contra um ‘Outro’, uma oposição entre pesquisadora e pesquisado, nas entrevistas, formulários e conversas com os/as pesquisados/as, permitiu-se ver como “os outros moram em nós; nós moramos nos outros” (MORIN, 2002, p. 95). Portanto, apresento alguns relatos das experiências dos participantes buscando não realizar conclusões nem uma resposta e interpretação rígida (fixas) sobre elas, mas expressar o meu olhar de mulher cisgênera, branca, de classe média, aos 32 anos, que está num processo de descoberta e fluidez sexual.

Ademais, escrever a tese também foi um misto de sensações dentro de mim. Quando era graduanda em ciências sociais entendi que eu não sabia escrever daquele jeito acadêmico todo difícil e rebuscado. Somente na construção da minha monografia, final do curso, que conheci um pouquinho da Antropologia da Saúde e a Saúde Coletiva, com linguagens mais diretas, as quais me identificava mais e estava acostumada a gostar de ler e escrever naquela época. Mesmo assim, as artimanhas normativas não terminavam e sentia que a escrita não era um lugar tão confortável para mim, o que considerava ser uma falha na minha ‘persona’ acadêmica. Eu gostava muito de ‘falar’, o que me impulsionou a ser professora de ensino médio durante alguns anos.

Arrisquei-me no mestrado quando eu conheci a divulgação científica, uma área que fazia bem mais sentido para mim. Eu poderia fazer ciência de uma outra forma, com outra linguagem, mais simples e de fácil entendimento para toda a população, assim, me vi fazendo ciência com uma linguagem que me dava mais prazer e sentido.

Compreender que eu poderia ser eu mesma na ciência, encontrando o meu lugar, fugindo da performance da academia tradicional, também me motivou a escolher como participante os bissexuais e trazer visibilidade para aquilo que os discursos dominantes querem exterminar. Assim, a realização dessa tese de doutorado também é um grito para a visibilidade e legitimação da bissexualidade. Ela existe e sempre existirá, mesmo que digam o contrário.

Escrever sobre relação íntima vivida por um bissexual se faz um desafio, porque se faz necessário reiterar a bissexualidade como orientação sexual legítima diante de um

contexto político e social do governo brasileiro autoritário de extrema-direita que tem aversão a todas as minorias existentes (MADEIRA; PEREIRA, 2022; SHIOTA; POSSMOZER, 2020).

No Brasil, o programa de política transversal com setores da educação e saúde nomeado de Coordenação Nacional de Políticas LGBTI+, uma conquista para a população LGBTI+ durante o governo anterior petista, foi encerrado após a eleição de Jair Messias Bolsonaro em 2018, com um governo declarado anti-LGBTI+ (MADEIRA; PEREIRA, 2022). Em 2019, Bolsonaro decretou em medida provisória a retirada da política de Direitos Humanos toda e qualquer ação destinada a garantir os direitos da população LGBTI+, impedindo que pautas destinadas a esta população fossem tratadas pelo Ministério da Família, Cidadania e dos Direitos Humanos, comandado pela pastora evangélica Damares Alves. Com uma campanha fundamentada totalmente em *Fake News*, Bolsonaro foi eleito.

Em seus discursos, Bolsonaro negava a diferença e dizia governar para a maioria, apresentava as minorias como o mal que ameaçava a forma de existência “correta” e que deveriam ser exterminadas. Assim, discorria sobre LGBTI+ como aqueles que negavam a possibilidade de existência da família tradicional cristã, ao mesmo tempo que consolidava identificação com os religiosos conservadores, por meio da produção de medo e da repressão sexual.

Setores religiosos conservadores distorciam os conceitos e construíram gênero como ideologia, assim as construções pseudocientíficas, falaciosas, sobre a ideologia de gênero foi utilizado por Bolsonaro nas eleições de 2018 e durante esses quatro anos de sua gestão, como também na sua campanha eleitoral para reeleição em 2022 (MADEIRA; PEREIRA, 2022; SHIOTA; POSSMOZER, 2020). O discurso centrado em uma defesa da família tradicional, sempre biológica e reprodutiva, em que os LGBTI+ não se enquadram neste padrão, alimentava a discussão a respeito da ideologia de gênero e gerava o cerceamento político de direitos sexuais e reprodutivos (COELHO, 2022; MADEIRA; PEREIRA, 2022).

Antes e após sua eleição, o presidente Bolsonaro repete discursos ofensivos e de ódio contra a população LGBTI+ com argumentos absurdos de que: LGBTI+ “buscavam privilégios”; as escolas no governo petista teriam disciplinas para “travestilizar as crianças”; pautas LGBTI+ desgastava o governo e seria uma forma de “destruir a família”; “ter filho gay é falta de porrada”, e; gênero era “coisa do capeta”.



O discurso de gênero como ideologia era associado ao PT (partido dos trabalhadores) e demonizava feministas, LGBTI+, comunistas, esquerdistas e petistas (MADEIRA; PEREIRA, 2022; SHIOTA; POSSMOZER,2020). A associação destes inimigos favoreceu Bolsonaro que, com arminha nas mãos, realizou apologia explícita a violência e à tortura.

É neste contexto social e político que se construía essa tese de doutorado, com discursos políticos-religiosos anti-gênero, utilizando da intenção de proteger a família instituída por Deus, reproduzia-se toda a fobia de gênero, produzindo precariedade e até morte para as vidas que não se adequam aos padrões sociais de gêneros (SHIOTA; POSSMOZER,2020). O presidente eleito legitimava a desumanização, o apagamento de existências e o encarceramento de corpos LGBTI+ (COELHO, 2022; MATOS, 2021).

A escola se encontrava no centro da disputa e polêmica da “ideologia de gênero” que era usada de forma política para criminalizar o ensino de gênero no país, produzindo e reproduzindo lógicas que reforçaram a LGBTIfobia, principalmente por políticos religiosos como pastora Damares, pastor Silas Malafaia, Pastor André Valadão, Padre Paulo Ricardo, entre outros. Estes políticos e religiosos que atuam “em nome de Deus e da família”; “da maioria cristã” ou “da população de bem”, associam a “ideologia de gênero” à homossexualidade, a sexualização infantil, alimentando o preconceito contra pessoas LGBTI+ (COELHO, 2022; SHIOTA; POSSMOZER,2020). Ressalta-se que com o aumento significativo da participação de religiosos conservadores na política na última eleição, o medo ou ódio irracionalmente às pessoas LGBTI+ também aumentava consideravelmente, instrumentalizada pelos discursos reguladores da moralidade.

A negação da diferença e do preconceito brasileiro contra pessoas LGBTI+ nesses quatro anos reforça o patriarcalismo presente em nossa sociedade brasileira. O Brasil é o país com maior número de homicídios de pessoas LGBTI+ nas Américas e um dos que mais as discrimina no mundo. Com a política de governar para a maioria, inúmeras mortes LGBTI+ foram produzidas, juntamente com o medo da retaliação, violência e fobias que os LGBTI+ experienciam no dia a dia (MATOS, 2021).

Somente neste ano de 2022 o IBGE divulgou o primeiro levantamento de 2,9 milhões de brasileiros bissexuais e homossexuais com 18 anos ou mais, e a avaliação ainda pode estar subnotificada, pois muitos poderiam não estar à vontade para responder à pesquisa naquele momento.

Agora em novembro, o ministério público federal investigou possíveis irregularidades no questionário do Censo Demográfico 2022 por não incluir questões

referentes à orientação sexual e identidade de gênero, no qual ajudam a identificar os grupos LGBTI+ no Brasil. Nenhuma das 26 questões do Censo que estavam disponíveis no site identificam a população LGBTI+, apresentando apenas as opções masculino e feminino no quesito sexo. Mesmo com a justificativa do IBGE de que não era uma pesquisa específica sobre as orientações e identidades de gênero, as pessoas que não se identificam no binômio feminino-masculino ficaram invisíveis e ficarão sem alcance de políticas públicas voltadas aos seus direitos fundamentais, como o direito de existir, de receber atendimento de saúde, entre outros. Representando assim mais um reflexo da LGBTIfobia institucional que orienta e fundamenta a sociedade brasileira.

Construir uma tese sobre violência na intimidade vivida por bissexuais durante esses quatro anos de governo foi desafiadora por todo o contexto político e social já discriminado. O governo autoritário de extrema direita fez com que bolsonaristas reverenciassem estátuas da liberdade da Havan, incitassem ódio a todas as minorias o tempo todo, fomentava brigas, ofensas, discriminações e preconceitos dentro de todas as instituições, principalmente familiar, religiosa e escolar. O ódio e a violência tomaram conta de todos os discursos produzidos por eles. Do outro lado, mulheres, negros, LGBTI+, deficientes, idosos e todas as outras minorias viam seus direitos básicos de segurança de existir sendo perdidos. Pessoas pediram asilo político em outros países já que suas vidas estavam em risco por esse governo no Brasil (MATOS, 2021).

Assim, por possuir identificação com a comunidade LGBTI+ e ter como participantes da tese integrantes da população que tinham suas vidas ameaçadas pelos discursos de ódio, discriminação e preconceito, que eram invisibilizados a todo instante, impactaram de forma forte e negativa nas áreas afetivas, visto que o medo e insegurança eram sentimentos dominantes a todo tempo, o que aumenta a tensão, o estresse e os mecanismos de sobrevivências dentro de cada um.

Ademais, com a pandemia da Covid-19 agravou ainda mais a vulnerabilização da população LGBTI+, pois as diferentes violências fomentadas e legitimadas pelo governo bolsonarista invisibilizam ainda mais as pluralidades sexuais. Toda a população LGBTI+ lutava pela vida não só contra os discursos discriminatórios do bolsonarismo, mas também contra o vírus da Covid-19, o que aumentava ainda mais o medo e a tensão (MADEIRA; PEREIRA, 2022; MATOS, 2021; SHIOTA; POSSMOZER, 2020).

Conversar nas entrevistas e receber os relatos dos bissexuais foi desafiador. Primeiro, porque muitos da população LGBTI+ tem medo de se declarar não heteronormativo, pois veem e sabem que sua existência está em risco e seus corpos

aprisionados pelas discriminações e discursos político religiosos conservadores do governo bolsonarista. Segundo, porque a população LGBTI+ já se encontrava em tensão ao precisar encontrar moradia segura e acolhedora para viverem o isolamento social compulsório devido à pandemia. Terceiro, porque o sentimento de medo da sociedade LGBTIfóbica e o medo do Covid-19 na população LGBTI+ atingia seu estado físico, emocional e psicológico, o que reflete diretamente em suas relações íntimas e sociais e como conduzem essas relações. Quarto, porque muitos LGBTI+ estão cansados de ser associados a relações íntimas erradas, violentas e fracassadas, fruto dos discursos religiosos conservadores que estigmatizam toda a população, ou até de serem vistos como objetos de pesquisa, vistos como os anormais que precisam ser estudados por pesquisadores desumanos e antiéticos. Por isso, muitos podem ter criado resistência em participar desta pesquisa, e resistência em ler a chamada e o termo de participação que esclarecia os objetivos da pesquisa.

Construir essa tese nesses anos de governo autoritário foi preciso compreender que o ódio contra os bissexuais e toda população LGBTI+ representa o desconforto, a quebra das certezas, refuta toda verdade instaurada pelos discursos conservadores. Escrever essa tese representou para a pesquisadora o reconhecimento e legitimação da existência das diferenças e de toda pluralidade, destituindo a diferença do lugar inferioridade e anormalidade que se é colocada pelos bolsonaristas, político-religiosos e todo discurso conservador (MADEIRA; PEREIRA, 2022; SHIOTA; POSSMOZER, 2020). Representou o reconhecimento e visibilização das práticas bissexuais que são legítimas e múltiplas, para que seus corpos se encontrem livres e sem medo algum.

Diante disso, optou-se por organizar esta tese em oito seções, sendo a primeira a presente introdução, nas quais apresentou o encontro com a temática e as questões da pesquisa. A segunda seção apresenta os pressupostos sobre o fenômeno da violência íntima entre os adolescentes e jovens bissexuais e suas especificidades no contexto da bissexualidade e da pandemia. A terceira seção, é constituída de um capítulo sobre Bissexualidades, que expõe os desafios de investigar a temática, noções sobre a orientação sexual bissexual, imaginários sociais e estigmas a respeito da mesma, as características do fenômeno e suas especificidades na pandemia. Dessa forma, a terceira seção é subdividida em quatro partes: *Bissexualidades*, *Estudos sobre violência por pares vivida entre bissexuais* e *Violência por parceiro íntimo na pandemia*.

A quarta seção expõe o posicionamento epistemológico e metodológico do Paradigma da Complexidade, que orienta e fundamenta a produção do conhecimento

desta, apoiado em seus princípios dialógico, hologramático e recurso organizacional e noções de contextualização. Na quinta seção apresenta-se os objetivos, geral e específicos, desta investigação que busca conhecer os sentidos para a violência, suas dimensões e especificidades. A sexta seção é formada pelo percurso metodológico, com a abordagem delimitadora do estudo, ferramentas utilizadas, população e critérios de inclusão e exclusão desta, análise dos dados e aspectos éticos.

A sétima seção mostra os resultados subdivididos em caracterização da população, elementos do caderno de campo e categorias que organizam os dados para melhor entendimento, sendo elas: violência na relação íntima no contexto pandêmico, rede social digital e perpetuação da violência e violências por estar/ser bissexual. As duas últimas seções, oitava e nona, apresentam as discussões dos resultados encontrados, analisados pelos princípios dialógicos, hologramático e recurso organizacional do Paradigma da Complexidade e as considerações finais a respeito da investigação.

## 1 INTRODUÇÃO

A violência entre parceiros íntimos constitui um problema de saúde grave devido ao seu impacto negativo sobre a saúde dos adolescentes e jovens, e constitui um tema prioritário de atenção por ser precursor da violência conjugal e intrafamiliar (WORLD HEALTH ORGANIZATION/WHO, 2017). Por ser questão de saúde pública, a violência entre pares mobiliza saberes e práticas de diversos setores e profissionais (WHO, 2017).

A violência entre parceiros íntimos, pode se manifestar entre indivíduos que vivenciam alguns encontros, namoro, união estável ou casamento. Essa se configura em condutas e atos de agressão física e verbal, coerção sexual, abuso psicológico e emocional e comportamentos controladores dirigido ao outro (CUNHA; GONÇALVES, 2014; WORLD HEALTH ORGANIZATION/WHO, 2017). O fenômeno ocorre quando um indivíduo deseja ou objetiva ter mais poder do que o/a companheiro/a, podendo ser cometido por um dos parceiros ou por ambos, como um ato pontual ou contínuo. A violência entre parceiros íntimos é cada vez mais reconhecida como ocorrendo não só entre parceiros heterossexuais/heteronormativos<sup>1</sup>, mas também em relações entre pessoas com orientações sexuais e identidades de gênero dissidentes, ou seja, entre a população lésbica, gay, bissexual, travesti, transexual, intersexo, assexual e demais expressões (LGBTI+) (SANGER; LYNCH, 2018).

A literatura científica sobre violência entre parceiros íntimos discorre de forma predominante sobre população cisgênero<sup>2</sup> e heterossexual. Há poucos estudos sobre a violência por parceiros íntimos não heteronormativos. Atualmente, cerca de 25% a 50% de relações íntimas entre dissidentes ocorrem violência, sendo esta manifestada de forma predominante do tipo psicológica, seguida da física e sexual (ELÍSIO; NEVES; PAULOS, 2018; SOUZA; HONORATO, 2020).

---

<sup>1</sup> Prisma que considera a heterossexualidade e a relação entre pessoas de sexos opostos como norma e natural na sociedade. A lógica heteronormativa tem como uma de suas bases a manutenção do binarismo de gênero feminino e masculino, colocando à marginalização as orientações sexuais diferentes da heterossexualidade (DORNELLES; DAL'IGNA, 2015).

<sup>2</sup> Pessoa que se identifica com o gênero atribuído ao seu nascimento pelo sexo biológico (exemplo: sujeito que nasce biologicamente no sexo feminino e se identifica como mulher).

Há uma lacuna sobre o fenômeno entre a população LGBTI+<sup>3</sup>, que possui uma intensa pluralidade e diversidade sexual<sup>4</sup> e de gênero (SILVA, 2020). Além disso, entende-se que as experiências de violência íntima ocorrem de forma diferente em LGBTI+, nas quais atuam de forma interseccional os marcadores sociais de etnia, geração, gênero, deficiência, classe social, raça/cor, sexo e orientação sexual (PINTO et al., 2020).

Isto significa que o fenômeno em LGBTI+ não deve ser olhado pela mesma ótica que para os heterossexuais, já que possuem realidades sociais distintas. E para além da orientação social, as outras marcas construídas socialmente, interseccionam-se, classificando e hierarquizando pessoas, refletindo na sua vivencia social perpetrada por desigualdade e discriminação. Como por exemplo, uma mulher (gênero) bissexual (orientação sexual), branca (cor), em situação de vulnerabilidade social (classe social) possui experiências de vida e desigualdades diferentes de uma mulher lésbica, negra, deficiente e da classe média. Em razão das diversas intersecções de desigualdades a população LGBTI+ enfrenta lutas e desafios diferentes.

Observa-se que durante o momento da adolescência ocorre um maior conhecimento do corpo sexual, além de experiências diversas, como início das relações românticas, afetivas e sexuais. A Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) aponta que é no início da adolescência que experiências e desejos sexuais mais se manifestam, pois os adolescentes estão em processo de descoberta e construção da identidade sexual (OPA, 2017). A consolidação da compreensão dessa identidade sexual, comumente, realiza-se no final da adolescência e início da vida adulta (SILVA, 2020; TAQUETTE; RODRIGUES, 2015).

Algumas teorias recentes mostram que os indivíduos possuem diversos comportamentos sexuais, estáveis ou transitórios ao longo do ciclo vital (OLIVEIRA; CARVALHO; JESUS, 2020; OPAS, 2017). Dessa forma, pode a orientação sexual ser fluída, ou seja, os indivíduos podem não ter apenas uma orientação sexual, mas sim períodos de experimentações categorizadas como pertencentes às orientações dissidentes, não heterossexuais (CALZO et al., 2011; OPAS, 2017; SILVA, 2020;

---

<sup>3</sup> O + como uma possibilidade a mais, reconhecendo novas legitimidades, pois a sexualidade é uma dimensão qualitativa da vida, mesmo uma pessoa heterossexual, bissexual, homossexual, transsexual, tem sua variabilidade.

<sup>4</sup> O termo diversidade sexual e de gênero imprime a inclusão de toda a diversidade de sexos, orientações sexuais, identidades e expressões de gênero sem necessidade de especificar cada uma das identidades que compreendem esta pluralidade.

TAQUETTE; RODRIGUES, 2015). Atualmente, revela-se a redução da idade nas experiências íntimas homo e heterossexuais e, como consequência, na tomada de decisão pela revelação das identidades dissidentes para pessoas de confiança (CALZO et al., 2011; ROLLÉ et al., 2018).

Independentemente das identidades sexuais e de gênero, estudos apontam que alguns fatores são facilitadores para o fenômeno da violência entre parceiros íntimos na adolescência e juventude por configurar-se em: estado de carência; desejo de independência; manifestação de experiências e desejos sexuais; por estarem em processo de descoberta e construção da identidade sexual; e, envolvimento com indivíduos tão inexperientes e inábeis quanto eles para responder à violência (BORGES et al., 2020; TAQUETTE; MONTEIRO, 2019; OPAS, 2017; REYES, 2020).

As desigualdades entre os papéis dos gêneros podem ser agravadas na adolescência, que é um momento favorável à aderência a alguns mitos incertos sobre as relações que se dizem românticas. Segundo Cecchetto et al. (2016), na adolescência, há certa dificuldade em reconhecer e diferenciar ações violentas e expressões de amor, as quais se misturam em suas percepções. Dessa forma, podem se firmar a permissão e o consentimento da violência como uma interpretação do amor ou como aceitação em algumas situações e contextos, que acentuam o risco de envolvimento numa relação abusiva e a naturalização desta (BORGES et al., 2020; CECCHETTO et al., 2016; TAQUETTE; MONTEIRO, 2019; REYE; JAIMES, 2020).

Além das áreas econômica e epidemiológica, os impactos da pandemia do novo coronavírus, Sars-CoV-2, denominado Covid-19, no campo social, como pela violência entre parceiros, também tem sido destaque pelos meios de comunicação e informação nacional e internacional. Investigações mostraram que houve aumento dos casos de violência entre parceiros durante a quarentena no Rio de Janeiro (50%), Paris (36%) e Espanha (32%) (COE, 2020; COSTA, 2020; MARANHÃO, 2020). Governos da Espanha, França, Dinamarca, Argentina e Reino Unido realizam campanhas com guias de ação para aqueles que sofrem e mobilização prioritária para os atendimentos dos casos de violência entre parceiros (COSTA, 2020; MARANHÃO, 2020).

Os noticiários nacionais e internacionais evidenciam o fenômeno da violência por parceiros íntimos durante a quarentena apenas por casais heterossexuais e não há menções sobre parceiros não heterossexuais. A invisibilidade do fenômeno em um momento tão marcante e delicado para a história global, traz à reflexão o quanto é necessário discutir a temática. Assim, destaca-se a contribuição desta tese de Doutorado:

compreender a violência na intimidade vivida por bissexuais adolescentes e jovens, de ambos os sexos, durante o isolamento social estabelecido na pandemia da Covid-19.

Diante da complexidade e das multifacetadas do fenômeno da violência entre parceiros vivida por bissexuais, o posicionamento epistemológico da presente pesquisa está fundamentado no Pensamento Complexo, proposto por Morin (2007), que compreende o fenômeno nas inter-relações entre seus elementos e em contexto, e que auxilia a entender a violência sustentada na relação afetiva-sexual entre adolescentes e jovens bissexuais, considerando os elementos pessoais, sociais, processuais e contextuais de maneira articulada.

Diante desse cenário introdutório, foram definidas as seguintes questões da pesquisa: *i) Como os adolescentes e jovens bissexuais constroem e percebem suas relações íntimas? ii) Qual o sentido da violência entre parceiros íntimos vivida por adolescentes e jovens bissexuais durante o isolamento social pela pandemia do Covid-19?*

Além disso, esse estudo se justifica pelas lacunas na literatura científica brasileira sobre a violência entre parceiros adolescentes e jovens bissexuais, aspecto incompatível com os altos índices da violência social presente cada vez mais nas relações íntimas considerando as dinâmicas e a qualidade dessas relações interpessoais. Ademais, identifica-se a necessidade tanto de conhecer as demandas, particularidades e singularidades dos adolescentes e jovens bissexuais que possuem experiências íntimas quanto de fomentar maior visibilidade para a compreensão do fenômeno da violência íntima nesta população durante a pandemia do Covid-19.

Entende-se que a falta de investigação sobre o tema, tornam escassas as possibilidades de compreensão e ao produzir conhecimento nessa direção, serão oferecidos subsídios para a atuação intersetorial (saúde e educação conjugadas, por exemplo) e preventiva sobre o problema estudado, considerando sua diversidade e especificidades.



## 2 PRESSUPOSTO

A partir dos elementos apresentados, conjectura-se que pelas dimensões da violência serem intensamente disseminadas nas esferas da realidade cotidiana, muitos adolescentes e jovens não se visualizam ou se reconhecem em situações de violência. Infere-se assim, que vários tipos/dimensões de violência são encobertos quando o sujeito desconhece sua situação, não a reconhece ou a revela.

Os mitos, tabus e imaginários sociais desempenhariam crenças para a legitimidade da violência, pois se fora idealizado pelos participantes ou por seus pares, poderia atuar como mecanismo de geração e aceitação da violência presente na relação de intimidade vivida pelo adolescente e jovem bissexual.

Ademais, a orientação sexual bissexual pode ser usada como justificativa para legitimar a violência íntima. Durante a pandemia, haveria prevalência da violência psicológica. No isolamento social os adolescentes e jovens podem estar vivenciando um aumento da violência psicológica por meio de chantagens emocionais, seja pelo desejo de controle do que o outro faz ou desconfianças, sendo muitas perpetrado por meio do uso das tecnologias digitais e redes sociais digitais.

Infere-se que os adolescentes e jovens LGBTI+ durante a pandemia tiveram que voltar a morar na casa dos pais ou de algum familiar e com o distanciamento físico, fomentou práticas de controle e coerção psicológicas de diferentes formas.

Ademais, não se reduzindo a comparações, deduz-se a existência de vivências nas relações bissexuais, que não se apresentam na vida e relacionamentos heterossexuais ou homossexuais e, diante disso, a maneira como a violência na intimidade vivida por bissexuais que se manifesta precisa ser compreendida, estudada e abordada de forma diferente da heterossexual e homossexual.

Por fim, fundamentando-se no paradigma da complexidade, pondera-se que a relação agressor/autor da violência *versus* vítima/sobrevivente vai além do que se é tratado nas relações públicas, no que tange esferas da segurança e saúde, considerando a violência em sua complexidade e múltiplas facetas.

### 3 BISSEXUALIDADES E O CENÁRIO ATUAL

As muitas formas de experimentar prazeres e desejos, de dar e de receber afeto, de amar e de ser amada/o são ensaiadas e ensinadas na cultura, são diferentes de uma cultura para outra, de uma época ou de uma geração para outra. E hoje, mais do que nunca, essas formas são múltiplas. As possibilidades de viver os gêneros e as sexualidades ampliaram-se. As certezas acabaram. Tudo isso pode ser fascinante, rico e também desestabilizador. Mas não há como escapar a esse desafio. O único modo de lidar com a contemporaneidade é, precisamente, não se recusar a vivê-la (LOURO, 2008, p.23).

Assim como escreve Louro (2008), as formas de vivermos a sexualidade são inúmeras o que constitui uma avanço para uma sociedade preconceituosa e bifóbica. A bifobia se constitui nos discursos e práticas que expressam a opressão sentida pelos bissexuais, por não se localizarem no binarismo homossexual-heterossexual. Dessa forma, a bifobia é usada para invalidar a identidade sexual bissexual e é alimentada pelo imaginário social carregado de ceticismos, estereótipos e mitos.

Por romperem com as categorias e classificações impostas que demarcam um só objeto de desejo, homem ou mulher, e por desejarem ambos os sexos, atribuem-se aos bissexuais estigmas de indecisos, confusos e que estão passando por uma fase. Muitas vezes a população bissexual é assim tratada, com suspeita e piadinhas, marginalizando a identidade, favorecendo um lugar submerso entre as categorias não heteronormativas (CAVALCANTI, 2010).

Dentro deste imaginário, há um pensamento falacioso em que a bissexualidade é vista como orientação sexual conveniente para manter privilégios sociais quando se relacionam com parceiros/as heterossexuais. O estudo de Risson e Migott (1996) descreve a prevalência de rótulos negativos aos bissexuais e expressa que o casamento com um/a heterossexual vivido por um indivíduo bissexual é somente para corresponder às expectativas heteronormativas, recebendo aprovação social e escondendo a homossexualidade. Esta ideia reproduz o senso comum de que bissexual estaria no ‘armário’ ou seria uma pessoa ‘mal resolvida’, como se “por trás da definição de bissexualidade, oculta-se um homem homossexualizado, com dificuldades de se haver com ele, com a sociedade e com a família” (RISSON; MIGOTT, 1996, p.22). No entanto, a maioria dos bissexuais mesmo quando estão em relações com o sexo oposto são politizados e comprometidos com a luta dos direitos e pelas políticas públicas voltadas à toda comunidade LGBTI+.

Também há uma crença da população bissexual como promíscua, crença fomentada por serem considerados junto aos homossexuais parte do grupo de risco às

IST's, reforçando mais estigmas e violência contra quem é positivado com alguma IST. Ademais, a atribuição da promiscuidade como qualidade inerente ao bissexual expressa um imaginário de preconceitos para esta população, pois o termo é atribuído nos dicionários brasileiros como:

A desordem violando considerações morais por meio da atividade de se relacionar com muitos parceiros sexuais, chegando até mesmo a designar o agrupamento confuso de indivíduos predominantemente de baixa classe. Logo, quando essa definição etiológica e formal da palavra é vislumbrada também no uso coloquial do termo, em que esses significados se tornam símbolos capazes de perpetuar a marginalização e servir como justificativa para a discriminação de bissexuais (SILVA; LEITE JÚNIOR, 2020, p.11).

Associado à promiscuidade, a ideia de que por ser bissexual a pessoa tem maior chance de se relacionar afetivamente com outros indivíduos do que os heterossexuais e homossexuais ainda é fortemente perpetuada. O próprio kit anti-homofobia que foi idealizado pelo governo brasileiro em 2011 para as escolas de ensino médio no Brasil, dentro os vídeos educativos, reforça essa imagem equivocada de maior “probabilidade” do garoto bissexual de ter relação amorosa (PAMPLONA; DINIS, 2013).

Além disto, atrelado à esta ideia do imaginário social, pelo senso comum, a sexualidade é vista como sinônimo de caráter, assim, averígua-se o estigma de infidelidade que carrega a pessoa com orientação sexual bissexual, como se este tivesse mais chances de realizar traição por se sentir atraída sexualmente pelo sexo masculino e feminino (OLIVEIRA; CARVALHO; JESUS, 2020; SILVA; 2020).

Dentro do imaginário social também é propagado erroneamente que a duração dos relacionamentos íntimos com bissexual é curta, ao terem facilidade em abandonar a relação por não se sentirem satisfeitos nunca (AVENA, 2010). A visão de que as relações com bissexuais são somente sexuais e não amorosas é discriminatória, visto que estas são duradouras, comprometidas e vinculativas, assim como acontece com as outras orientações sexuais.

Outras expressões e preconceitos contra os bissexuais propagadas fortemente são: homossexuais “enrustidos”; não sabem o que querem, não servem para ser levados a sério; foram feitas para realizar fetiche de homem com duas mulheres. Diante disso, a bifobia opera por meio de uma violência simbólica, que é silenciosa e legitimada, aceita como natural e normal pela sociedade (BOURDIEU, 2010). A violência simbólica conceituada por Bourdieu (2010) exprime formas de violências sobre os corpos que não agem de forma fisicamente, mas de forma invisível e sutil, como por exemplo, a imposição de crenças e valores culturais dominantes que se perpetuam ao longo do tempo

sendo naturalizada. Ela se manifesta nas relações sociais de forma sutil como em práticas racistas, LGBTIfóbicas, sexista, entre outros. Por isso, a população bissexual sofre a fobia por não corresponder a norma dominante da heteronormatividade e legitima todos os mitos e tabus negativos que desqualificam essa população e gera graves danos morais, emocionais e psicológicos a eles.

Essa forma invisível de violência reforça no imaginário social crenças negativas sobre a população bissexual, findando com violação dos direitos à cidadania, emprego, saúde e segurança, não só desta, mas de toda comunidade LGBTI+. Essas práticas são reforçadas pelos meios de comunicação que as difundem propagando ainda mais intolerância e desrespeito à população bissexual, além da falta de registros em produções audiovisuais. Esse apagamento bissexual mostra a invisibilidade dos mesmos e a contribuição para o imaginário social vigente.

Por sofrerem bifobia e invalidade identitária, tanto por parte dos heterossexuais quanto dos homossexuais, muitos estudos apontam a bissexualidade como a orientação sexual mais vulnerável e de risco para a violência por parceiro íntimo (BROWN; HERMAN, 2015; OLIVEIRA; CARVALHO; JESUS, 2020; SILVA; 2020). A relação íntima com um parceiro bissexual também é atravessada por esse imaginário social, com crenças negativas e equivocadas.

Esta seção é composta por três partes: A primeira é *Bissexualidades*, que apresenta noções sobre a orientação sexual bissexual, suas práticas e como é vivenciada. A segunda, expõe os *Estudos sobre violência por pares vivida entre bissexuais*, elencando e discutindo dados e características específicas do fenômeno. E, por fim, a terceira parte apresenta a *Violência por parceiro íntimo na pandemia*, ressaltando as configurações do fenômeno durante a pandemia por Covid-19 e o isolamento social compulsório.

### **3.1 Bissexualidades**

Em muitos estudos acadêmicos, a identidade da bissexualidade é tratada de modo frágil e superficial, desvalorizada frente ao grupo homossexual, quando não totalmente ignorada (SILVA; LEITE JÚNIOR, 2020). Grande parte dos trabalhos desenvolvidos mencionam a bissexualidade apenas como mais uma na sopa de letrinhas no LGBTI+, sem problematização, análise, reflexão ou discussão sobre essa construção identitária; e, com ênfase na biologia, objetivando definir a causa da bissexualidade (SILVA; LEITE JÚNIOR, 2020).

Investigar sobre o fenômeno da violência na intimidade vivenciada por bissexuais perpassa por questionamentos sobre o que vem a ser a bissexualidade ou uma pessoa bissexual. Mas, discorrer sobre isto em profundidade e em toda sua historicidade não é uma questão que pertence a esta linha de estudo, por não ser essa a demanda de interesse dos objetivos desta investigação.

Ademais, considera-se não existir uma única resposta para essa questão, uma única definição ou essência, pois estaria apenas reproduzindo um aprisionamento das sexualidades e conseqüentemente das bissexualidades. Este trabalho parte da perspectiva de que não há o(a) bissexual, assim como não há o(a) homossexual, a lésbica, o gay, a travesti, o(a) transexual, a *drag queen*. Mas que há travestilidades, homossexualidades, lesbianidades, transexualidades e também bissexualidades, justamente por considerar que há condições de existências e performances plurais, flexíveis e fluidas.

Falar de bissexualidade é primeiro entender que as definições devem fugir de categorizações e de ser tratadas como práticas estanques. Mas, de modo geral, considera-se ser pessoas bissexuais aquelas que se encontram fora da binariedade hetero e homossexual, pois a pessoa sente atração afetivo e/ou sexual por homens e mulheres e por diferentes gêneros, incluindo não binários e agênero (L.A. GAY & LESBIAN CENTER, 2011; RISTOCK; TIMBANG, 2005).

Não há um corpo e um gênero exclusivo que se reconheça como bissexual, “somente admitindo a pluralidade humana é plausível visualizar que os corpos trazem uma carga afetivo, são mobilizados e transformados incansavelmente e que podem representar múltiplos significantes perante ao próprio indivíduo e aos outros” (SILVA; LEITE JÚNIOR, 2020, p.8). Essa atração afetivo-sexual sentida por pessoas bissexuais pode ser fluida ao longo da vida, podendo ter intensidade diferente na atração pelos diferentes sexos e gêneros. É fato que algumas pessoas passam por um período de experiências e transição para a descoberta de sua sexualidade seja homo ou heterossexual, mas para outras a bissexualidade não é transicional, mas sim permanente.

A bissexualidade é uma orientação sexual legítima e foi discorrida por Edgardo Castro com foco no afeto, no amor coexistente, síncrono, por homens e mulheres (CASTRO, 2009). Castro, em sua obra *Vocabulário de Foucault*, pontua: “a propósito dos gregos, pode-se falar em bissexualidade, apenas se com isso se quer fazer referência ao fato de que se podia amar simultaneamente a um jovem ou a uma jovem. Mas, nisso, não se reconheciam duas espécies de desejo ou pulsão” (CASTRO, 2009, p.60).

De acordo com Judith Butler (2003), há uma ordem compulsória entre desejo, sexo e gênero que é conjecturada socialmente, mas rompida pela bissexualidade. Os indivíduos se veem pressionados a se demarcarem em um só sexo, gênero e orientação afetivo-sexual, nos quais a transitoriedade e mudanças não são aceitas. Considerar a pluralização dos alvos de desejo e romper com as normas de condutas enrijecidas de sexualidade tem sido foco de frequentes divergências (BUTLER, 2003). Por isso, pensar em bissexualidades também é questionar o lugar da pessoa bissexual na classificação e hierarquização de prestígio social vigente entre homem e mulher, heterossexual e homossexual, branco e negro, entre outros.

Cárdenas et al. (2018) expressa que nesta hierarquização social há questões sobre o lugar que o homem gay e mulher lésbica se posicionam. O homem gay é tido como aquele que renega seus privilégios e direitos, enquanto a mulher lésbica, que reivindica e questiona sua posição frente aos homens heterossexuais, é vista como a desfavorecida que tenta transgredir essa estrutura de privilégios e expectativas de gênero e ameaça a ordem instituída (CÁRDENAS et al., 2018; SOUZA et al., 2021).

Mas, diante dessa hierarquização social de poder, qual o lugar dos bissexuais na escala de privilégios? Homem bissexual seria desqualificado mesmo ao estar em um relacionamento com uma mulher? Mulher bissexual estaria em classificação e categoria privilegiada frente à mulher heterossexual ou seria desqualificada? Homem bissexual estaria acima da mulher bissexual independente da relação com homem ou mulher?

No que concerne à identidade bissexual masculina, expõe Seffner (2003, P.79):

A identidade que possam ter entre si os homens que mantém relações sexuais e afetivas com homens e mulheres, agrupados nesta particular representação da masculinidade que estamos denominando de masculinidade bissexual, não pode ser entendida como fruto de características imediatamente visíveis, dadas desde sempre, tidas como evidentes ou como atributo natural. Há um processo ativo de exercício de poder por parte de quem nomeia e de quem é nomeado no campo das masculinidades.

Dessa forma, por a bissexualidade se encontrar na fronteira entre homossexualidade e heterossexualidade, expressa pontos fundamentais para os debates das práticas normativas e compulsórias, além da luta pela visibilidade e resistência das diferenças e pluralidades sexuais. Por não se definir e categorizar com parceiros(as) de um só sexo, expõe um limiar perante as práticas discriminatórias advindas seja por heterossexuais quanto por homossexuais. Segundo Cavalcanti (2012, s.p.):

Quando se trata de práticas bissexuais, assumir uma identidade é sempre algo polêmico. Isso porque eles recebem críticas tanto dos heterossexuais quanto dos homossexuais, pois ambos acreditam que a bissexualidade é uma fuga da

identidade homossexual. Portanto 'sair do armário' no caso dos bissexuais, é bem mais complexo do que se pensa.

É chamado de *coming out* quando a pessoa decide revelar sua identidade sexual, o que tem acontecido cada vez mais cedo, geralmente na adolescência (FRAZÃO; ROSÁRIO, 2008). Mas sabe-se que nem todas as pessoas são assumidas para toda a sociedade, há níveis de exposição de sua orientação sexual dependendo de quem são esses indivíduos e o quão significativos são para a pessoa bissexual, lugares onde se encontram, assim como sentimentos de pertencimento e segurança (KWON, 2013).

Pesquisadores evidenciam a realidade vivenciada pelos bissexuais ao sofrerem discriminação tanto dos homossexuais quanto dos heterossexuais, mesmo que em graus diferentes. Esta prática se decorre porque os bissexuais não se enquadram exclusivamente a um só grupo/categoria, sendo vistos por muitos como ameaça, tanto para a heterossexualidade quanto aos discursos identitários das homossexualidades. Além de gerar certa intimidação, por não ser fácil de dirigir e regular e ter inúmeras possibilidades de trajetórias, em face de sua indefinição (CAVALCANTI, 2012; DORNELLES; DAL'IGNA, 2015).

Deste modo, diferentes discursos constroem complexas narrativas, as quais evidenciam uma ausência de identidade bissexual que seja situada de forma simples, sendo positivo já que sexualidades não são fixas, mas com certa dificuldade na construção de alianças, comunidade e segurança (DORNELLES; DAL'IGNA, 2015; LOURO, 2001). Foucault (2011), ao discorrer sobre *A amizade como modo de vida*, apresentava que o que mais incomoda e perturba a sociedade vigente não é o fato de dois homens terem relações sexuais, mas a ideia de eles se amarem. É o companheirismo, a amizade, o amor, a lealdade, a aliança, a parceria entre homossexuais que é condenável e desestabiliza essa sociedade. Assim, Foucault (2011) afirma que é nessa “sociedade um pouco destrutiva (que) não pode ceder espaço sem temer que se formem alianças, que se tracem linhas de força imprevistas” (p.2), assim como para os homossexuais, a importância de parcerias e estreitamento de alianças entre os bissexuais é necessário tanto para eles se beneficiarem quanto para a criação de um novo modo de vida, mantendo vínculos e se reinventando socialmente.

Sem a finalidade de aprisionar a dinâmica sexual do ser bissexual, mas na defesa dessas parcerias, Louro (2011) afirma que “na construção da identidade, a comunidade funciona como o lugar da acolhida e do suporte – uma espécie de lar” (p.543), sendo

necessário categorizar para que a luta e criação de políticas públicas aos bissexuais ocorra, o que sempre acontece por meio de interesses e jogos de poder (LOURO, 2011).

Ademais, é neste mesmo cenário de disputas que narrativas sobre a bissexualidade são construídas, transpassadas por desvaneios dentro de um vasto ideário, seja por serem vistos como lésbicas ou gays pelos heterossexuais, quando relacionam com pessoas do mesmo sexo, seja vistos pelos homossexuais como um intruso, “presos no armário”/enrustidos, e não pertencente ao universo homossexual por completo, quando se relacionam com pessoas do sexo oposto. Considera-se que esses diversos discursos que exprimem deslegitimação e preconceitos contra os(as) bissexuais constroem práticas bifóbicas.

### **3.2 Estudos sobre Violência por Pares Vivida entre Bissexuais**

Os índices de violência por parceira(o) íntima(o) entre as populações de orientações sexuais divergentes são alarmantes e desproporcionalmente altas se comparado às relações heterossexuais (SILVA, 2020; STEPHENSON; FINNERAN, 2016). A maior invisibilidade social da violência por parceira(o) íntima(o) vivida por pessoas não heteronormativas se comparado aos heterossexuais também é fruto desse imaginário social, repleto de mitos e tabus, como posto no subcapítulo anterior.

Para a construção deste estudo deparou-se com dificuldades para encontrar pesquisas científicas tanto nacionais quanto internacionais sobre a temática e mais escassos ainda quanto ao período da pandemia por Covid-19. Os estudos sobre a violência entre parceiros íntimos não heterossexuais são relativamente poucos, recentes, pouco compreendidos e de difícil acesso para a sociedade no geral (ORINGHER; SAMUELSON, 2011). No que tange aos bissexuais, encontra-se uma lacuna maior ainda. As investigações sobre a temática começaram dando maior evidência nas relações lésbicas, iniciando na década de 1980, com o movimento feminista. Já as pesquisas referentes às relações entre gays surgiram a partir da década de 1990, com o controle da epidemia de HIV (ORINGHER; SAMUELSON, 2011). Mesmo com o aumento do fenômeno, há uma ausência de estudos nacionais e internacionais específicos para a população bissexual, sendo escassos, tendendo a ser minimizados e até negados.

Alguns dos estudos encontrados apresentavam algumas falhas metodológicas, então tentou-se evitá-las e não incorrer nos mesmos erros. Considerou-se que alguns autores discorrem sobre a grande dificuldade em obter uma amostra aleatória e



representativa em investigações sobre a população LGBTI+, enquanto outros afirmam ser impossível (BULLER et al., 2014; HESTER et al., 2010; L.A. GAY & LESBIAN CENTER, 2011).

Grande parte das investigações utilizavam instrumentos e escalas que foram validadas para amostras heterossexuais, o que necessariamente pode não capturar o fenômeno nas relações entre não heteronormativos. Além disso, eram predominantemente quantitativas, o que limitava aprofundamento sobre os comportamentos violentos e não explorava os fatores contextuais, além de inscrever participantes que se auto identificam como vítimas, o que excluía viventes que se não se viam como tal (HESTER et al., 2010; ORINGHER; SAMUELSON, 2011).

Muitas pesquisas não delimitaram um período no qual gostaria de aprofundar sobre as relações íntimas dos participantes, não diferenciando se tais comportamentos violentos aconteceram em uma relação presente ou em outra de muitos anos atrás e se os comportamentos abusivos eram bidirecionais ou não (ORINGHER; SAMUELSON, 2011). Outros não realizam controle se ambos os/as parceiros/as do casal fizeram parte da mesma amostra, podendo levar a sobre-representação de experiências desses casais nos resultados (MURRAY; MOBLEY, 2009).

Os estudos sobre violência nas relações íntimas vivida pela população bissexual, foram raros, e sempre associados a outras orientações e identidades dissidentes. A maioria dos estudos existentes incluíam apenas gays e/ou lésbicas, os bissexuais e transgêneros foram raramente incorporados. Nas produções científicas, apesar do título compor a letra “B” da orientação sexual, não era contemplado no decorrer do texto, sendo apenas complementação para outras orientações sexuais (BULLER et al., 2014).

Alguns estudos descrevem os participantes como pessoas que fazem sexo ou se relacionam com pessoas do mesmo sexo, ou simplesmente como parceiros do mesmo sexo, não discriminando se essas pessoas se identificam como bissexuais, lésbicas, gays. E, em outros, analisam lésbicas/gays e bissexuais juntos, como se representassem a mesma categoria. É como se a bissexualidade ficasse à sombra da homossexualidade, constituindo uma dificuldade enorme em reconhecer os bissexuais como uma identidade autêntica e legítima, tanto como as outras.

Ademais, evidencia-se a dificuldade de encontrar produção científica sobre a população bissexual e toda comunidade LGBTI+ e sobre o fenômeno da violência íntima, produzida pela população LGBTI+, sendo a maioria dos trabalhos produzidos por mulheres e/ou homens cisgêneros, heterossexuais, brancos, estadunidenses ou europeus.

Opera-se assim um epistemicídio, que é ausência de conhecimento produzido pelos grupos minoritários, dificultando a problematização e o reconhecimento das tensões, desafios e sofrimentos dessas populações invisibilizadas (CARNEIRO, 2005; PFEIL; GONZALEZ, 2021; SANTOS; MENEZES, 2010).

Alguns pesquisadores discorrem que essa ausência da heterossexualidade alimenta a negligência da sociedade quanto aos fenômenos que a população dissidente sofre. A invisibilidade da violência por parceiro íntimo não heterossexual é fomentada tanto pela visão heterocentrista, por considerar a relação homossexual inadequada, quanto pela negação ou ocultação pelo movimento LGBTI+ devido ao medo de corroborar com estereótipos negativos voltados à essa população (LUZ; GONÇALVES, 2014; SOUZA; HONORATO, 2020). Entretanto, acredita-se que esta última noção é uma construção falaciosa. Será que atribuir a responsabilidade pela invisibilidade do fenômeno da violência íntima em quem a sofre não seria uma forma de se esquivar do encargo do Estado de oferecer segurança e proteção a todos? Não seria mais uma forma de designar a culpa à vítima? O que está por trás desse sentimento de medo e estereótipos negativos que dizem que a comunidade LGBTI+ querem evitar? Há realmente uma negação do fenômeno? Quem fomenta o medo e estereótipos dessa população?

Grande parte da população não heterossexual explicita a dificuldade em pedir ajuda e proteção das diferentes instituições e redes de apoio. Isto se dá por também sofrerem outras formas de violências de forma concomitante, como a homofobia. O receio não é de aumentar os estereótipos negativos, mas de sofrerem mais discriminação.

Alguns investigadores da área discursam não aprofundar a temática por, de alguma forma, vir a questionar o pressuposto feminista de que a violência por parceira(o) íntima(o) é fruto da desigualdade de gênero (LUZ; GONÇALVES, 2014). No entanto, essa perspectiva encontra-se limitada no que concerne à violência por parceira(o) íntima(o) vivida por bissexuais e outros não heteronormativos, não podendo reduzir este somente ao gênero e fazendo-se necessário um olhar interseccional, que inclua recortes de raça, classe social, geração, entre outros (SOUZA; HONORATO, 2020).

A literatura destaca que o heterocentrismo ora considera a violência natural, mútua e pertencente às relações homossexuais, ora considera essas relações simétricas e imune à violência por serem do mesmo gênero (LUZ; GONÇALVES, 2014, SILVA et al., 2018). Estas duas visões sobre as relações não heteronormativas são equivocadas. A primeira contribui para que a vítima sofra discriminação e rejeição ao pedir ajuda aos profissionais de saúde e segurança (McCLENNEN, 2005). E, aqueles que sofrem tendem

a serem mais passivas e reagirem para autodefesa, mas não violentam o parceiro para mero controle como é inferido ao sugerirem a mutualidade e bidirecionalidade inata da violência nessas relações (ROHRBAUGH, 2006).

A segunda visão também é falaciosa ao afirmar um equilíbrio de poder e imunidade à violência nas relações íntimas não heteronormativas, pois “mesmo quando duas pessoas são do mesmo gênero, diferenças de poder (derivadas, por exemplo, da dinâmica inerente à relação, status financeiro, classe social, escolaridade, raça), existem e podem ser usadas como mecanismos para controlar o parceiro” (NUNAN, 2004, p.10). Dessa forma, por fugirem da norma heterossexual, as relações íntimas entre não heterossexuais/heteronormativos estão sujeitas a estigmas, os situando ainda mais em posições marginalizadas (SILVA et al., 2018).

Em Portugal, o recente estudo de Santos e Caridade (2017) procurou caracterizar a prevalência da violência entre parceiros do mesmo sexo em uma amostra de 168 participantes, de ambos os sexos, com idades entre 18 e 35 anos. No que tange à perpetração, os resultados revelaram um alto índice da agressão psicológica, sendo 70,2% caracterizada como baixo grau e 29,8% severa ou alto grau e uma taxa de 28% de agressão sexual. Em relação à vitimização, a agressão psicológica considerada de baixo grau também foi predominante, com um índice de 69,2%. Entre as agressões sexuais, os homens se destacaram tanto nas agressões caracterizadas como de baixo grau quanto nas de alto.

A investigação de McLaughlin e Rozee (2001) que obtinha 297 mulheres participantes, sendo 256 lésbicas e 41 mulheres bissexuais, mostrou que: 34% declararam terem sido vítimas de violência numa relação com outra mulher; 25% afirmaram terem sido vítimas de uma relação com uma pessoa de sexo oposto; e 20% terem sido vítimas tanto numa relação homossexual como heterossexual.

Também nos Estados Unidos, os pesquisadores Stephenson e Finneran (2016) apresentam que a experiência e perpetração de violência por parceiro íntimo entre uma grande amostra de 1.075 adolescentes e jovens do sexo masculino, gays e bissexuais, em Atlanta, no período de 1 ano, foi de 47,8% de violência verbal e sexual na relação íntima, além de 33,7% dos participantes afirmarem serem os agressores (STEPHENSON; FINNERAN, 2016).

A literatura aponta que a taxa de violência por parceiro íntimo mais alta se encontra entre os adolescentes e jovens de 15 a 24 anos, homossexuais e bissexuais (EDWARDS; SYLASKA; NEAL, 2015; FREEDNER et al., 2016; STULTS et al., 2015;

STEPHENSON; FINNERAN, 2016). O estudo de Brown e Herman (2015) apresentou que nesta faixa etária, entre as mulheres que vivenciaram violência por parceiro íntimo, o índice das mulheres bissexuais (56,9%) é maior que entre as mulheres lésbicas (40,4%) e significativamente maior se comparado às mulheres heterossexuais (32,3%). Estes dados reforçam o estudo de Milletich et al. (2014) que mostrou que as mulheres que se identificam como bissexuais são mais propensas a vivenciarem violências físicas e psicológicas na relação íntima.

Em um estudo sobre relacionamentos íntimos entre gays, lésbicas e bissexuais que obtinham 74 participantes no total, apenas 11 se declararam bissexuais. Dentre os bissexuais, 63.6% referiram ter sofrido pelo menos um ato de violência física nas relações passadas; e, 75% afirmaram já ter sofrido na relação presente, sendo que 27,3% responderam ser a frequência de “menos de uma vez por mês”. No que diz respeito à perpetração de violência física, 18.2% referiu ter praticado pelo menos um ato na relação passada e 12.5% afirmaram já ter praticado na relação presente. Quanto à perpetração de violência psicológica/emocional, sendo praticado pelo ‘menos uma vez’, 54,5% afirmaram terem praticado na relação passada; e, 50% na relação presente (DOMINGUES, 2015).

Uma investigação que teve por objetivo compreender a associação entre o status de minoria sexual e exposição à violência em mulheres que vivem com ou em risco potencial de contrair o HIV apresentou que mulheres bissexuais mostraram maior probabilidade de sofrerem abuso sexual em relação às mulheres heterossexuais. Também, as mulheres que declararam ter relação sexual somente com mulheres apresentaram menor probabilidade de sofrer abuso sexual em comparação com aquelas que responderam fazer sexo somente com homens (PYRA et al., 2014). Dessa forma, estudos apontam a bissexualidade como a orientação sexual mais vulnerável e de risco para a violência por parceiro íntimo (BROWN; HERMAN, 2015; OLIVEIRA; CARVALHO; JESUS, 2020; SILVA; 2020).

A literatura sobre a temática também ressalta a existência da bidirecionalidade na violência por parceiros íntimos não heteronormativos (FINNERAN; STEPHENSON, 2014; FREEDNER et al. 2016; LEWIS et al., 2016; LEWIS et al., 2017; MILLETICH et al., 2014; PERTNOY, 2012). No estudo de Milletich et al. (2014) encontra-se a prevalência de violência bidirecional nas relações entre mulheres como superiores a entre os homens, confirmando os dados de Pertroy (2012). Milletich et al. (2014) afirma que a bidirecionalidade na violência por parceiro íntimo entre as mulheres é de tal propriedade,

que na maioria dos casais, ambas as parceiras assumem papel de vítimas e autoras de violência e que a violência bidirecional geralmente resulta de uma autodefesa ou como forma de revidar, como retaliação à violência sofrida.

Alguns estudos apontam os elementos que contribuem para a violência por parceiros íntimos que envolva bissexuais, entre adolescentes e jovens, sendo eles:

- i. A homofobia social e a discriminação (BRAGA et al., 2018; GILLUM; DIFULVIO, 2012; GOLDENBERG et al., 2016; STEPHENSON; FINNERAN, 2016);
- ii. A homofobia internalizada, que resulta em um fator estressor tanto para a vítima quanto para o autor da violência (GILLUM; DIFULVIO, 2012; FINNERAN; STEPHENSON, 2014; GOLDENBERG et al., 2016; LEWIS et al., 2017; STEPHENSON; FINNERAN, 2016);
- iii. A ocultação da orientação sexual (EDWARDS; SYLASKA, 2013; LEWIS et al., 2016; NASCIMENTO, 2015);
- iv. A chantagem sobre o *outing*, ou seja, a chantagem e/ou ameaça de tornar pública a orientação sexual do(a) parceiro(a) contra sua vontade (PERTNOY, 2012; NASCIMENTO, 2015);
- v. Negociação de papéis de gênero socialmente estabelecidos que gera conflito pela necessidade de um parceiro se afirmar dominante (FINNERAN; STEPHENSON, 2014; GILLUM; DIFULVIO, 2012; GOLDENBERG et al., 2016; MILLETICH et al., 2014; ORINGHER; SAMUELSON, 2011), e;
- vi. Ameaça de divulgar que o parceiro é soropositivo ou usar este fato para impedir que o companheiro o abandone – devido à prevalência de pessoas vivendo com HIV entre os gays, bissexuais, homens que fazem sexo com outros homens (HSH), transexuais e travestis (COSTA; MACHADO; ANTUNES, 2009; PERTNOY, 2012).

A violência por parceiros(as) íntimos(as) vivida por adolescentes e jovens bissexuais e/ou dissidentes traz consequências à saúde a curto e a longo prazo, como isolamento social e emocional, depressão, ansiedade, angústia, ideação suicida, uso de álcool e drogas, evasão ou baixo rendimento escolar, transtornos alimentares, conflitos familiares, entre outras (JUNIOR et al., 2020; OLIVEIRA; CARVALHO; JESUS, 2020; OPAS, 2017; SILVA, 2020; STEPHENSON; FINNERAN, 2016).

A ideação suicida e depressão são mais frequentes entre adolescentes e jovens bissexuais ou não heteronormativos que vivenciam violência íntima do que entre

heterossexuais que também as vivenciam. Isto se dá por muitos terem elementos como a homofobia social, homofobia interna, autculpabilização, vergonha e autodesvalorização, por não corresponderem as normas e padrões heterossexual da sociedade, o que reflete diretamente no relacionamento íntimo e agravam os sintomas (BRAGA et al., 2018; LEWIS et al., 2017; OLIVEIRA; CARVALHO; JESUS, 2020; OPAS, 2017; ROLLÉ et al., 2018; SILVA, 2020; STEPHENSON; FINNERAN, 2016).

### **3.3 Violência por Parceiros Íntimos na Pandemia**

O isolamento e restrição de contato social, uma das principais medidas para contenção à Covid-19, tem sido documentado pela literatura nacional e internacional como fator de maior vulnerabilidade à violência por parceiro(a) íntimo(a) (USHER et al., 2020; VIEIRA et al., 2020; TELLES et al., 2020; MARQUES et al., 2020).

No contexto da pandemia por Covid-19, com o isolamento social compulsório, a rede de apoio como amigos, coletivos e acesso a ambientes em que se sentiam seguros e acolhidos são rompidos ou fragilizados, obrigando aos adolescentes e jovens LGBTI+ a ficarem em tempo integral com os familiares, que muitas vezes, não os acolhem e não legitimam as suas orientações sexuais e identidades de gênero (OLIVEIRA; CARVALHO; JESUS, 2020; SILVA, 2020). Este contexto resulta em silenciamento, distanciamento afetivo e sentimento de solidão, o que acarreta em maiores danos psicológicos e emocionais para grande parte da população LGBTI+, gerando impactos e consequências em seus relacionamentos íntimos (SILVA, 2020).

Com a compreensão de que a LGBTIfobia impacta as noções, conceitos e autopercepções dos sujeitos de formas diversas, pode, também, atingir como esses pares constituem relacionamentos de intimidade e como estes lidam com as dificuldades das relações (EDDIE et al., 2013; SOUZA; HONORATO, 2020). Estudos discorrem sobre a bifobia, caracterizando-a como um agravante para a vulnerabilização da população bissexual para a violência na relação íntima durante período do isolamento compulsório (JUNIOR et al., 2020; OLIVEIRA; CARVALHO; JESUS, 2020). Dessa forma, com a perda da rede de apoio, os adolescentes e jovens LGBTI+ se encontram em risco potencialmente maior para a ocorrência de violência por parceiros(as) íntimos(as) por estarem fragilizados e desprotegidos.

Ademais, seja uma simples pegação ou ficante, namoro, união estável, casamento formalizado ou não, na maioria dos pares, as formas de estar e conduzir estas relações

sofreram mudanças durante o isolamento social compulsório. A relação à distância já existia para muitos casais, mas para outros que não o experienciaram e não puderam estar juntos fisicamente, tiveram que se reinventar neste período. Os meios de comunicação tecnológicos ajudaram a amenizar a insatisfação e obstáculos referente à ausência de contato direto com o(a) parceiro(a), assim, tanto as relações quanto a vida das pessoas se tornaram virtual e online.

Alinhada a isso, novas formas de violência também foram engendradas nas relações de intimidade entre os adolescentes e jovens atuais. Entre as diferentes formas de violência que se materializam de forma física, verbal, sexual, financeira, com a dominação da era tecnológica e digital, no contexto da pandemia, a violência psicológica é a mais preponderante, pois potencializou a intimidação, controle e chantagens emocionais, tanto no presencial quanto no virtual (VIEIRA et al., 2020).

Uma recente pesquisa mostrou que entre 295 estudantes, 34,23% destes já se apaixonaram pela internet; 62,71% sentiram ‘machucados’ sentimentalmente por meio de uma mensagem; 32,54% sofreram controle excessivo pelo celular ou pela internet; 81,69% sofreram com o desaparecimento sem explicações do parceiro, e; 48,47% admitiram ter usado uma mensagem de celular para encerrar seu relacionamento amoroso (REYES, 2020).

Segundo Oliveira et al. (2020), o isolamento social compulsório, uma das principais medidas para contenção à Covid-19, agravou a violência por parceiros(as) íntimos(as), pois sujeitos se tornaram vulneráveis tanto para a autoria quanto como vítimas, principalmente os mais vulneráveis com alguma forma de dependência, baixa autoestima, insegurança, e o medo da solidão, durante este período conturbado.

Dessa forma, nota-se a presença da violência, tanto no mundo online quanto offline dessas relações, sendo estas, principalmente de caráter psicológicas, de cunho emocional, manifestando-se como: i) atos de controle; ii) *cyber* violência; iii) *cyber stalking*; iv) *gaslighting*; v) *ghosting*, vi) *benching*; vii) *negging*; viii) *haunting*, entre outras formas, que serão explicitados a seguir:

- i. Atos e comportamentos de controle e coercitivos sobre o parceiro, controlando o que faz, com quem conversa, onde frequenta, a roupa que veste, muitas vezes são justificados por um ciúme excessivo (BORGES et al., 2020). Além de chantagem emocional que envolvem controle de dispositivos e aparelhos celulares, para ter acesso às redes sociais digitais do companheiro e seus conteúdos (CAMPEIZ et al., 2020);

- ii. *Cyber* violência por meio de chantagens de fotografias íntimas ou envio e recebimento de fotografias íntimas ou pornográfica sem consentimento (REYES; JAMES, 2020);
- iii. *Cyberstalking*, como ato de perseguir, caçar, seu(sua) parceiro(a) nas redes digitais sociais, vigiando seus likes, posts, quem aceita como amigo virtual (REYES, 2020);
- iv. *Gaslighting*, que é o ato de distorcer e manipular informações e situações com a intenção de fazer o(a) parceiro(a) duvidar de sua própria memória ou pensamentos e sanidade, ou ainda correntemente o(a) acusar ou fazê-lo(a) sentir estar louco(a) (TAQUETTE; MONTEIRO, 2019);
- v. *Ghosting*, ato de sumir, desaparecer, como um fantasma, sem deixar nenhum rastro, sem dar nenhuma explicação (ABILLEIRA et al., 2019);
- vi. *Benching*, deixar o parceiro no banco, na reserva, sumir sem dar notícias e aparecer do nada, cancelar os encontros em cima da hora sem se preocupar com os sentimentos do outro (BORGES et al., 2020);
- vii. *Negging*, ato de elogiar e criticar o(a) parceiro(a) ao mesmo tempo, focando em alguma fragilidade deste(a), atingindo sua autoestima (GRENN; KUKAN; TULLY, 2017);
- viii. *Haunting*, forma de assombrar o(a) ex-parceiro(a), curtindo, comentando suas coisas nas redes sociais, entrando em contato para dificultar o mesmo de seguir em frente e por um final de vez na relação (ABILLEIRA et al., 2019).

Estas novas formas de violência psicológica podem ocorrer tanto no mundo real quanto no mundo virtual e tendem a se relacionarem e compartilharem fatores de risco comuns. Ademais, o mundo real e o virtual se misturam, assim como o online e offline das relações se imbricam o tempo todo, o que pode resultar, em alguns casos, uma dupla vitimização.



#### 4 MARCO TEÓRICO E METODOLÓGICO

O posicionamento epistemológico que orienta e fundamenta a produção do conhecimento e a sustentação metodológica do presente trabalho estão apoiados no Pensamento Complexo. Este referencial foi escolhido devido à sua implicação na interdependência entre os elementos da violência por parceiros(as) íntimos(as) vivido por adolescentes e jovens bissexuais e sua contextualização.

O termo “complexidade” surgiu na obra de Edgar Morin no final da década de 1960, sendo fundamentado pela teoria da cibernética e dos sistemas, pela teoria da informação e da organização, e pelo conceito de auto-organização (MORIN, 2008; 2011). Na teoria da cibernética e dos sistemas, a sociedade pode ser desenvolvida como fusão de diversos fatores, na forma de sistemas abertos ou fechados. Na teoria da informação, a informação exprime fatores limitados e superficiais, lacunas e incertezas, de um fenômeno inseparável da organização. A auto-organização não é um conceito fechado, mas é um sistema em desenvolvimento sendo realizado (LETTIERE, 2014; MORIN, 2008; 2011).

Para entender o Pensamento Complexo, é necessário desconstruir algumas ideias como a de que a complexidade leva ao fim da simplicidade, que complexidade é sinônimo de complicado, e a ausência de clareza entre complexidade e completude (MORIN, 2011). Segundo Morin (2008, p.8): “[...] é complexo o que não pode resumir-se numa palavra mestra, o que não pode reduzir-se a uma lei [...]. A complexidade não poderia ser qualquer coisa que se definisse de maneira simples e tomasse o lugar da simplicidade”. Assim, entende-se por complexidade – do latim *complexus* – “tecido junto”; de fato, é o tecido de ações, acasos, acontecimentos, determinações, interações e retroações que formam o nosso mundo fenomênico (MORIN, 2005; 2007).

Morin (2003) opõe-se à fragmentação do mundo e das ciências e busca uma reforma do pensamento possibilitando a aplicação absoluta da inteligência para contestar as contradições sociais e viabilizar a (re)ligação de duas ou mais culturas dissociadas (BACKES et al., 2011; MORIN, 2003). Em suma, refere-se a uma modificação paradigmática da organização do conhecimento (MORIN, 2001), e busca ultrapassar o paradigma vigente, que é fragmentário, reducionista e intitulado “pensamento simplificador” (MORIN, 2008). O paradigma cartesiano, positivista, separa os objetos de seus contextos, elimina as singularidades, não dispõe de conexões, interações e noção do

todo, busca a causalidade linear e a total separação entre objeto e observador (MORIN, 2003; LETTIERI; NAKANO, 2015).

O pensamento reducionista continua a procurar de modo míope *a causa e o efeito*, a determinar *o Bem e o Mal*, a nomear *o culpado e o salvador*, a eliminar toda ambiguidade e toda incerteza, e a acreditar que a solução econômica resolverá todos os problemas (MORIN, 2002). A realidade é constituída de interações e esse novo modo de conceber o conhecimento pelo Pensamento Complexo torna-se cada vez mais necessário por incorporar um contexto mais global e sensibilizar para as falhas, equívocos, limites e déficits do modelo fragmentado, entendendo que um pensamento mutilador conduz necessariamente a ações mutilantes (MORIN, 2002; 2006; 2011). Segundo Morin (2010, p.112):

Precisamos de um pensamento apto a apreender a multidimensionalidade das realidades, a reconhecer o jogo das interações e retroações, a afrontar as complexidades mais do que ceder a maniqueísmos ideológicos ou às mutilações tecnocráticas — que só reconhecem realidades arbitrariamente compartimentadas e são cegas ao que não é quantificável.

O Paradigma da Complexidade emergiu em busca da compreensão dos fenômenos complexos, onde os distintos elementos do fenômeno convivem com a incerteza e a mudança e permanecem em constante interação, sendo ao mesmo tempo uno e múltiplo (MORIN, 2007). Assim, os elementos do fenômeno interconectados mantêm vínculos, dos quais podem surgir propriedades desconhecidas e informações adicionais.

O Pensamento Complexo considera as contradições, a instabilidade, a imprevisibilidade e a incontrollabilidade dos fenômenos, entendendo-os como em constante transformação, sempre em processo de devir e de tornar-se; desse modo, viabiliza a abordagem multidimensional, transdisciplinar, dinâmica e contextual da realidade (MORIN, 2007; CARLOS, 2014).

Assim, o Pensamento Complexo faculta acessar, articular e organizar os elementos e informações da realidade de modo a perceber e inter-relacionar o local, o global e as múltiplas relações entre partes-todo-contexto (MORIN, 2007; CARLOS, 2014). Segundo Morin (2002, p.14): “[...] existe complexidade, de fato, quando os componentes que constituem um todo são inseparáveis e existe um tecido interdependente, interativo e interretroativo entre as partes e o todo, o todo e as partes”.

O Paradigma da Complexidade respalda uma epistemologia que não procura verdades únicas, atemporais e universais, mas uma epistemologia que desafia as incertezas apontadas como mais importantes, e que faz as incertezas dialogarem e se

corrigirem, sem esperar, porém, determiná-las a uma resposta e solução final, única e ideológica (MORIN, 2006; GUIMARÃES, 2014)

A compreensão da complexidade como inerente ao fenômeno humano articula a teoria à metodologia, à epistemologia e à própria ontologia (MORIN, 2006; GUIMARÃES, 2014). Assim, a construção do conhecimento do presente estudo, ancorada na construção de uma nova ciência, um novo método, um novo modo de pensar tem que o Método proposto por Morin (2002; 2007) se refere à atividade pensante e consciente do sujeito e o reconhecimento da presença e participação do sujeito em todo o processo de conhecer.

A relação entre sujeito e objeto é estruturada pelo Pensamento Complexo, que traz “[...] consubstancialmente um princípio de incerteza e de autorreferência, ele traz em si um princípio autocrítico e auto reflexivo; através destes dois traços, ele já traz em si mesmo sua própria potencialidade epistemológica (MORIN, 2007; p.45). O método comporta técnicas e estratégias, iniciativas, invenções e artes, com o propósito de construir um vínculo acessível com as teorias, gerá-las e regenerá-las, ou seja, o Método é uma estratégia que requer uma visão poliocular e multidimensional do real (MORIN, 2002; PÁDUA, 2014). Dessa forma, a teoria e o método são indissociáveis em todo o processo de pesquisa histórico, complexo e repleto de contradições (MORIN, 2007; PÁDUA, 2014).

Destarte, o Paradigma da Complexidade tem contribuído com resultados e diagnósticos que contemplam a integralidade do fenômeno da violência interpessoal nas diversas formas em que se materializa (SANTOS et al., 2009; BACKES et al., 2011; BAGGIO; ERDMANN, 2010; CARVALHO et al., 2011; PIETRO; YUNES, 2011; SCHMIDT et al., 2011; CAMPEIZ et al., 2020; CARLOS, 2014; GUIMARÃES, 2014; PIEKAK et al., 2014; LETTIERE; NAKANO, 2015). Por meio do Pensamento Complexo, o fenômeno da violência por parceiros(as) íntimos(as) vivido por bissexuais pode ser visto de modo sistêmico e complexo (MORIN, 2002), superando a causalidade linear dos fenômenos sociais emergentes e apreendendo a causalidade circular que envolve a dimensão individual, social, cultural, histórica, econômica e global do fenômeno "violência" (BACKES et al., 2011; MORIN, 2006).

O campo de interação entre o Paradigma da Complexidade e a violência por parceiros(as) íntimos(as) vivido por bissexuais possibilita o desenvolvimento de uma perspectiva integral, inter- e transdisciplinar, e uma atuação intersetorial, que requer que o fenômeno da violência por parceiros(as) íntimos(as) vivido por bissexuais ultrapasse as

causalidades lineares dos fenômenos biopsicossociais (SCHRAIBER et al., 2012; LETTIERE; NAKANO, 2015).

O Paradigma da Complexidade apresenta sete princípios: Sistêmico ou Organizacional, Recurso Organizacional, Hologramático, Círculo Retroativo, Conhecimento do Movimento Circular, Auto(eco)organização e Dialógico. Inicialmente, três dentre estes, fundamentam o presente trabalho de pesquisa e foram utilizados como apoio para obtenção e análise dos dados: o Dialógico, o Recurso Organizacional, o Hologramático. Cabe ressaltar que os outros princípios também foram implicados e aplicados como suporte para o desenvolvimento da pesquisa.

Os três princípios serão apresentados aleatoriamente a seguir, visto que eles se encontram em profunda interconectividade e não possuem uma ordem única que possibilite a produção de novas informações e complexidade. O primeiro é o princípio dialógico, que requer a conjugação e a associação de fatores contraditórios na análise de um determinado fenômeno, o qual suscita a convivência de oposições e antagonismos. Este princípio contundente mantém a tensão entre a ordem e a desordem, associando-as ao mesmo tempo como complementares e antagônicas, mas não como dualidade, produzindo (re)organização e complexidade (MORIN, 2002).

Por meio deste princípio, pode-se analisar lógicas como o afeto e a agressão presentes numa mesma situação, e a codependência existente em relações de intimidade, pois apesar de contraditórias, são complementares no fenômeno estudado. O princípio dialógico permite analisar a coocorrência da perpetuação da violência e da vitimização, bem como a compreensão do autor da violência e do sobrevivente sobre o conflito, considerando as incertezas e instabilidades do relacionamento. O contexto torna-se importante para analisar a dialógica, pois frequentemente abarca dinâmicas individuais, relacionais, comunitárias e sociais, que se entrelaçam para compreender o processo.

O segundo princípio diz respeito à recursão organizacional, onde Morin (2002) se remete à imagem do redemoinho, ressaltando que o “processo recursivo é um processo em que os produtos e os efeitos são, ao mesmo tempo, causas e produtores daquilo que os produziu” (p.89). Essa ideia rompe com a compreensão linear das relações causa-efeito, e se coloca especialmente importante “para pensar a sociedade, as culturas que, uma vez produzidas pelas interações entre indivíduos e organizações, retroagem sobre eles, produzindo-os” (MORIN, 2002, p.20).

A recursão organizacional está intimamente associada ao princípio dialógico, na medida em que possibilita a elucidação da dialógica presente nas relações de causa e

efeito, as quais são importantes principalmente durante a fase da adolescência e juventude, em que o indivíduo ainda se encontra em processo de desenvolvimento. O princípio da recursão organizacional propicia a interconexão que caracteriza o fenômeno estudado. Nesse caso, o/a autor/a da violência e o sobrevivente são produtos e produtores dos seus processos interacionais, sendo necessário repensar o processo do relacionamento e suas estratégias para lidar com a situação; por conseguinte, a interação entre ação e resultado estabelece a dinâmica de mudanças que constituem o processo.

O terceiro princípio, hologramático, ultrapassa não só a tendência ao reducionismo, presente no paradigma moderno, que se preocupa em dividir o fenômeno em partes para compreendê-lo, mas também a tendência ao holismo, que olha apenas para o todo. Na imagem do holograma, cada ponto contém a quase totalidade da informação sobre o objeto representado, de maneira que não apenas a parte está num todo, mas o todo está inscrito, de certa maneira, na parte (MORIN, 2002; 2005). Sabe-se que o todo é mais do que a soma de suas partes, pela emergência de fenômenos qualitativos novos; ao mesmo tempo, é menos que a soma de suas partes, pois cada uma delas apresenta suas particularidades e sofre o efeito da retroação do todo (MORIN, 2002; 2005).

O princípio hologramático possibilita analisar a violência em sua totalidade, mas desmembrada em dimensões distintas, e sem perder suas especificidades. Pelo princípio hologramático observa-se que os diferentes tipos de violência íntima vivida por bissexuais estudados não são distintos na vida dos adolescentes e jovens, ou seja, os modos de violência ocorrem concomitantemente ou de forma associada (CDC, 2019; MORIN, 2005; WHO, 2017). Dessa forma, considera-se que os vínculos entre os diferentes aspectos e dimensões estão articulados de modo a distinguir o objeto do contexto, de forma complementar, sem o isolar.

Ademais, destaca-se a noção de *contextualização* também pertencente ao Paradigma da Complexidade, sendo útil para auxiliar a reflexão de como os sistemas sociais operam dentro da violência por parceiros(as) íntimos(as) vivido por adolescentes e jovens bissexuais.

No decorrer deste estudo são utilizados, além do Pensamento Complexo e dos seus princípios que norteiam esta pesquisa, outros aportes conceituais para subsidiar reflexões sobre os múltiplos fatores envolvidos na violência por parceiros(as) íntimos(as) vividos por adolescentes e jovens bissexuais. Os conceitos se cruzam o tempo todo, tecendo tramas e contribuindo para uma visão mais ampliada do fenômeno de pesquisa.

Com o olhar da Complexidade, a bissexualidade emerge para além da combinação trivial da heterossexualidade e homossexualidade, vai além da afetividade associada aos dois sexos biológicos, mas é uma orientação sexual completa, legítima e nova. Não é a soma, não é metade de cada orientação sexual, e mesmo que haja uma interação entre elementos destes, há a formação de novas informações, constituindo um novo. Essa perspectiva da Complexidade vai de encontro com a Butler quando aponta que “a bissexualidade não pode ser redutível a dois desejos heterossexuais, quer compreendido como um lado feminino desejando um objeto masculino, quer como um lado masculino desejando um objeto feminino” (2009, p.101).

Dessa forma, o Paradigma da Complexidade convida a olhar a bissexualidade para além da polaridade entre as identidades homossexual e heterossexual e para além da linearidade social criada e esperada entre sexo, gênero e desejo. Romper com essa lógica é necessário, não só porque na prática esta realidade se apresenta inconsistente, mas para que a representatividade da bissexualidade não se situe à margem, mas seja reconhecida como prática legítima.

Os aportes conceituais que dialogam com o Paradigma da Complexidade e que serão trazidos a uma maior clareza e apreensão do fenômeno são: heterossexualidade compulsória, heteronormatividade e o binarismo entre heterossexual/homossexual. O primeiro pressupõe o padrão de normalidade configurado pela heterossexualidade. Ou seja, a heterossexualidade é tida como normal e natural, sendo, moralmente, aceito como o único modelo de relações afetivas e sexuais.

O segundo conceito, heteronormatividade, de acordo com Miskolci (2009), abarca uma junção de normas e regulações sociais que baseiam os preceitos e controles da expressão da sexualidade. Desse modo, os indivíduos traçam e orientam suas vidas segundo o padrão da heterossexualidade, independente da orientação sexual ser heterossexual ou não, sustentando o linear de seu sexo e gênero (MISKOLCI, 2009). Em outras palavras, supõe que todas as pessoas são heterossexuais, sendo esta superior a todas as outras orientações sexuais. Já o terceiro conceito, binarismo entre heterossexual/homossexual, são as formas de organização binária da sociedade que regulam e normatizam as práticas cotidianas.

A proposta deste estudo vem questionar os padrões, as construções sociais e teorias produzidas sobre sexo, gênero e sexualidade, que fortalecem a heteronormatividade e os binarismos nos mecanismos e estruturas sociais que organizam a vida em sociedade e que acabam por produzir esquemas hierárquicos e desigual de

poder entre os indivíduos, nas diversas instituições e relações. Dessa forma, este estudo fundamenta-se no Paradigma da Complexidade e demais aportes conceituais para a compreensão dos padrões heteronormativos enraizados na sociedade brasileira que transpassam e fomentam o fenômeno da violência por parceiros(as) íntimos(as) vivido por adolescentes e jovens bissexuais.

Nesse contexto, ressalta-se a necessidade de abordar a violência por parceiros(as) íntimos(as) vivido por adolescentes e jovens bissexuais a partir de um olhar inter- e transdisciplinar, que transpassa pelas questões de gênero, de etnia, faixa etária, classe e sexualidade, assim como é contemplado pelo Paradigma da Complexidade. Dessa forma, há a possibilidade de romper com noções compulsórias estruturadas em nossa sociedade, e assim compreender, reconhecer, consentir e vivenciar o antagonismo e a diferença sem conflito, hierarquização e subordinação (ROLLÉ et al., 2018; TAQUETTE; RODRIGUES, 2015).

Isto posto, o Paradigma da Complexidade ao mostrar a importância e virtudes da ciência, também contribui para debater as lógicas cientificistas, autoritárias e arbitrarias, que produzem sistemas e preceitos fragmentados aos sentidos atribuídos às formas de viver e conviver das pessoas como a heteronormatividade e heterossexualidade compulsória. Segundo Morin, “essa ciência libertadora traz, ao mesmo tempo, possibilidades terríveis de subjugação. Esse conhecimento vivo é o mesmo que produziu a ameaça do aniquilamento da humanidade” (MORIN, 2008, p.16).

Dessa forma, o Paradigma da Complexidade caminha rumo a críticas de uma lógica mutiladora dos fenômenos humanos, excludente e preconceituosa. Assim, os referenciais teóricos e metodológicos contribuem para um olhar original, integral e complexo do fenômeno da violência por parceiros(as) íntimos(as) vivido por adolescentes e jovens bissexuais.

## **5 OBJETIVOS**

### **5.1 Objetivo Geral**

Analisar o sentido da violência nas relações de intimidade entre adolescentes e jovens bissexuais durante o isolamento social estabelecido na pandemia da Covid-19.

### **5.2 Objetivos Específicos**

- i. Compreender como ocorrem as relações de intimidade entre adolescentes e jovens bissexuais, considerando-se os diferentes aspectos individuais, sociais e interpessoais, de maneira articulada e contextualizada;
- ii. Identificar as diferentes dimensões da violência que se materializam nas relações de intimidade entre esses pares, a fim de conhecer suas especificidades e singularidades;
- iii. Investigar o elemento da bissexualidade na visão e legitimação da violência entre parceiros íntimos vivida por adolescentes e jovens bissexuais.



## **6 PERCURSO METODOLÓGICO**

### **6.1 Aspectos Éticos**

O presente trabalho seguiu as normas para pesquisas envolvendo seres humanos estabelecidas pela Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Este foi aprovado sob parecer de número 3.976.803 em 17 de abril de 2020 e o adendo sobre coleta de dados pelo formulário online devido ao isolamento social pela COVID-19 foi aprovado sob o protocolo de número: 4.155.501, em 15 de julho de 2021 (Anexos A).

### **6.2 Desenho do Estudo**

A presente pesquisa foi delineada em uma abordagem qualitativa. A escolha da abordagem qualitativa ocorreu por ela permitir o trabalho conjunto das relações, processos e fenômenos que requerem o seu estudo integral e não fragmentado (MINAYO, 2013).

O estudo qualitativo que utiliza das produções bibliográficas existentes, esforça-se em compreender e desvendar os aspectos destacados e favorecidos em diferentes contextos sociais, culturais, econômicos e históricos (FERREIRA, 2002). Dessa forma, esta metodologia é reconhecida como ‘estado do conhecimento’ por buscar analisar e aprofundar os diferentes modos de produções científicas que abarcasse a violência na intimidade vivida por bissexuais.

Ademais, as investigações qualitativas exprimem teorias e métodos que, segundo Flick (2009), consistem na reflexão do pesquisador sobre o que é identificado. Assim, prioriza-se pesquisas que tem como propósito evidenciar composições do cotidiano, que se reconhece e prioriza a subjetividade, fazendo uso de elementos não-objetivos e das interações sociais (FLICK, 2009).

### **6.3 População e Local**

Para definição do grupo de participantes foram utilizados os limites cronológicos definidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para definição da adolescência,

situada entre 10 e 19 anos, e o reconhecimento da juventude pelo período situado entre 15 e 24 anos.

Dessa forma, a pesquisa teve participantes adolescentes e jovens bissexuais, com idades entre 18 e 24 anos, de ambos os sexos, que tiveram relações de intimidade durante o isolamento social estabelecido pela Covid-19. Os mesmos deveriam ser residentes do estado de São Paulo/Brasil. Optou-se pela seleção de participantes acima de 18 anos, por considerar que estes possuísem maior probabilidade para estarem confortáveis para se autodeclararem bissexuais, considerando a sexualidade fluida e um processo de constante descoberta.

#### **6.4 Critérios de Inclusão**

Os critérios de inclusão adotados foram: (i) autodeclarar-se bissexual; (ii) ter idade entre 18 e 24 anos; (iii) ter vivenciado uma relação íntima durante o isolamento social pela COVID-19; e (iv) residir no estado de São Paulo/Brasil. Constituiu-se como critério de exclusão de participação a pessoa cujo seu/sua parceiro/a também se encaixasse nas características acima e já tivesse respondido o formulário, para que não ocorresse sobreposição de dados.

#### **6.5 Coleta de Dados**

A elaboração de pesquisas em ambiente virtual foi o principal meio para a coleta de dados durante a pandemia da Covid-19, viabilizando pesquisadores a utilizarem questionários e entrevistas online como um método alternativo para a obtenção de respostas em pesquisas científicas, incluindo questionários e roteiros de perguntas na área de saúde (SZWARCWALD et al., 2021).

No percurso de obtenção dos dados foram utilizados roteiro de perguntas, entrevista semiestruturada e o diário de campo. Devido ao isolamento social, utilizou-se das tecnologias de informação e comunicação digitais para a coleta de dados, por meio de um formulário em plataforma virtual gratuita (*Google forms*). Com o *lockdown*, utilizou-se do formulário de roteiro de perguntas online como uma estratégia e instrumento de abertura e acesso a população de participantes desejada. O instrumento de pesquisa para apreender as percepções e experiências acerca do fenômeno da violência na relação íntima vivida por bissexuais durante o isolamento social foi construído pela

pesquisadora deste estudo e outros pesquisadores específicos da temática. Criou-se um roteiro piloto de perguntas para questionário do formulário e entrevista semiestruturada. Foi enviado para três participantes pilotos, os quais responderam e elencaram possíveis melhoras segundo suas percepções. Após revisões, o método foi repetido pela segunda vez com outros dois participantes pilotos, até que chegou à versão final.

O instrumento funcionou on-line, possibilitando a visualização dos dados coletados e acompanhamento dos mesmos pela pesquisadora. Sendo assim, o formulário eletrônico ficou disponível para preenchimento durante um ano, de junho de 2021 a junho de 2022, até a saturação dos dados. A pesquisadora seguiu a orientação de Glaser e Strauss (1997), que leva em consideração os limites empíricos dos dados, a integração dos dados com a teoria e a sensibilidade teórica dos pesquisadores que analisam os dados, para a confiabilidade da saturação.

Para captação dos participantes foi utilizado o método bola de neve que funciona a partir da indicação de um indivíduo que faz parte da população-alvo, que indica outras pessoas do mesmo grupo populacional, e assim sucessivamente, semelhante à formação de uma bola de neve (HANNEMAN, 2009). Da mesma forma, o levantamento de dados por bola de neve virtual é iniciado pelo envio/apresentação do link de acesso a um questionário eletrônico, por meio de redes sociais virtuais. Junto à apresentação do estudo, há um pedido para que o convite de participação seja compartilhado com a rede de contatos do sujeito (COSTA, 2018; SZWARCOWALD et al., 2021).

No método bola de neve a formação da amostra se dá ao longo do processo, pois é autogerada, contando com a colaboração voluntária dos membros iniciais e dos subsequentes, e geralmente, não é determinada previamente. Assim, a amostragem é não probabilística, pois, mesmo que seja definida a quantidade de participantes previamente, nem todas as pessoas do público alvo têm a mesma possibilidade de serem alcançados pelos envios dos links (COSTA, 2018). De acordo com Vinuto (2014, P.203):

A amostragem em bola de neve pode ser útil para pesquisar grupos difíceis de serem acessados ou estudados, bem como quando não há precisão sobre sua quantidade. Além disso, esse tipo específico de amostragem também é útil para estudar questões delicadas, de âmbito privado e, portanto, que requer o conhecimento das pessoas pertencentes ao grupo ou reconhecidos por estas para localizar informantes para estudo.

Assim, foi compartilhado o convite e link do formulário online no perfil de Coletivos e ONGs LGBTI+ e no perfil pessoal da pesquisadora em três mídias eletrônicas (*whatsapp*, *facebook* e *instagram*), em diferentes páginas e grupos destas redes sociais digitais. A pesquisa era apresentada da seguinte forma: “Você está sendo convidado(a) a

participar de uma pesquisa da Universidade de São Paulo (USP) intitulada ‘Violência na relação íntima: percepções da juventude auto declarada bissexual do estado de São Paulo’”. Também pedia que o participante compartilhasse a pesquisa com outras pessoas de suas redes sociais. E, ao mesmo tempo, explicava que a proposta não era somente para analisar as percepções dos jovens bissexuais sobre suas relações, mas dar visibilidade para um efetivo enfrentamento do fenômeno (que é invisibilizado o tempo todo), construindo estratégias e promoções de relações íntimas saudáveis. Ao final do roteiro de perguntas, havia novamente uma solicitação para que o convite de participação na pesquisa fosse compartilhado com a rede de contatos da pessoa.

Os critérios éticos adotados foram: (i) declarar ter lido a descrição do estudo (explicações sobre a pesquisa, bem como esta era conduzida), concordando em participar da pesquisa (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Online) (Apêndice A). Os critérios de inclusão apresentados anteriormente constituíam as primeiras questões a serem respondidas e foram colocadas como obrigatórias, de modo que o questionário só poderia ser preenchido nestas condições. Nesse procedimento foram dispensadas assinaturas que pudessem identificar os participantes, mantendo sigilo e anonimato. Os participantes foram codificados pela identidade de gênero, idade e um código alfanumérico aleatório mediante a ordem de participação.

O instrumento consistia de 16 questões fechadas e 12 abertas, compondo caracterização sociodemográfica, e questões referentes: (i) às formas de violência na relação íntima vivenciadas durante a pandemia; (ii) a como eles percebiam a violência entre verbal, emocional, psicológica, física, patrimonial; (iii) a seus sentimentos diante da situação; (iv) se contaram com a percepção de pessoas próximas; (v) às tomadas de decisões durante o isolamento; (vi) se procuraram ajuda de algum serviço de saúde ou algum profissional da saúde; (vii) aos principais desafios vivenciados na relação nesse período de pandemia, entre outros. As últimas perguntas em aberto e não obrigatórias se referiam ao interesse em compartilhar sua opinião sobre a pesquisa, seus sentimentos ao responder o questionário e sugestões sobre a mesma; e se gostariam de compartilhar algum contato para uma possível entrevista posteriormente (Apêndice B).

Devido à imprevisibilidade e incontabilidade do momento pandêmico atual, as entrevistas semiestruturadas ocorreram de modo online e presencial, respeitando as medidas de orientação de proteção. As entrevistas semiestruturadas favorecem a relação intersubjetiva da entrevistadora com o entrevistado e “[...] por meio das trocas verbais e não verbais que se estabelecem neste contexto de interação, permitir uma melhor

compreensão dos significados, dos valores e das opiniões dos atores sociais a respeito de situações e vivências pessoais” (FRASER; GONDIM, 2004, p.140).

A entrevista semiestruturada propiciou a fala e a escuta qualificada, bem como o registro pormenorizado das percepções dos participantes sobre a violência na intimidade. Além de questões sociodemográficas, esta foi orientada por roteiro que abrangeu quatro questões abertas e norteadoras, que permitiram obter um olhar específico do participante sobre o fenômeno em estudo: (i) Pode existir violência em uma relação de intimidade? Como?; (ii) Você já vivenciou alguma situação de violência com algum/a parceiro/a?; (iii) O isolamento social teve algum impacto no seu relacionamento e no modo como o vivenciam?; (iv) Houve aumento da violência durante o isolamento social e em qual dimensão? Pode me contar uma situação que mais lhe marcou nesse sentido?

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas no período entre outubro de 2021 até junho de 2022. Ao todo, 11 pessoas entraram em contato após realizarem pesquisa do formulário online, mas apenas oito pessoas agendaram a entrevista, as outras três alegaram não terem privacidade para realizar sozinhos. No final, apenas cinco participantes compareceram e realizaram a entrevista.

Este procedimento permitiu identificar: o que os adolescentes e jovens bissexuais compreendem por violência; se eles se enxergam em situação de violência e em que nível; se já viveram alguma situação de violência na relação íntima; o que a experiência de violência significou para eles e como reagiram ao acontecido. Além disso, possibilita evidenciar as singularidades envolvidas no fenômeno, ou seja, a compreensão singular de cada participante, tais como o seu desenvolvimento emocional, a trama relacional afetiva e social por ela construída, e os valores socioculturais do contexto no qual a violência acontece.

A entrevista também é um momento para que sejam desveladas as singularidades envolvidas no fenômeno da violência na relação íntima, tais como o desenvolvimento emocional das pessoas, as tramas relacionais afetiva e social por elas construídas e os valores socioculturais do contexto no qual as violências acontecem. Coerente com o aporte teórico adotado no estudo também, a técnica permitiu investigar as diferentes significações dadas à violência e sua legitimidade, além do modo como as diversas dimensões da violência se materializam nas relações íntimas vividas por bissexuais. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra.

Os registros no caderno de campo se deram no momento das entrevistas. Essa estratégia foi fundamental para que a pesquisadora responsável acompanhasse com

detalhes as percepções dos participantes, posturas, atitudes, desconfortos, entre outros. Além disso, o diário de campo se constituiu em dois tipos de material: material descritivo e material reflexivo, constituído de ideias e preocupações dos pesquisadores (AFONSO et al., 2015). A partir dos dados do diário de campo foi possível assinalar o que foi sendo apreendido pelo pesquisador durante a coleta de dados, os temas emergentes e possíveis problemas identificados (AFONSO et al., 2015).

Após analisar os dados das entrevistas semiestruturadas, a pesquisadora realizou o *member-check* (MALTERUD, 2001), isto é, consultar novamente os participantes para confirmar se seus achados correspondiam ao que eles realmente disseram, sentiam e pensavam sobre o fenômeno. Para manter a identidade dos participantes sob sigilo, adotou-se a codificação associando o gênero identificado pelo participante, número e letra aleatório do participante e o nome fictício escolhido pelas entrevistadas, numerados de acordo com a sequência em que foram realizadas. Ao final de cada transcrição foi inserido o gênero do companheiro dos participantes, para melhor compreensão do leitor.

## 6.6 Análise dos Dados

As respostas do formulário online e entrevistas foram organizadas em uma tabela em planilha do software Microsoft Excel. Os dados foram analisados mediante o Paradigma da Complexidade, seguindo-se o roteiro com três fases proposto por Pádua (2013):

- i) Classificação e organização das informações coletadas, demarcando os pontos relevantes das respostas do formulário e entrevistas semiestruturadas, para obter um olhar do conjunto da pesquisa e a visão de questões específicas conexas à totalidade do pesquisado. Os relatos serão transcritos na íntegra, identificando cada participante, e fazendo associações com as anotações do diário de campo. Após a leitura, serão elencados os pontos mais citados, mais relevantes, e específicos ao fenômeno em estudo.
- ii) Organização de quadros referenciais com os significativos elementos das respostas dos participantes, de modo a se ter um olhar ampliado do conjunto das informações que viabilize categorizá-las.

- iii) Concentração dos relatos, noções, entendimentos, ideias que se conversavam e eram implicados/compreendidos por conceitos, para estabelecer relações entre os dados por meio da organização destes em categorias.

Por último, os dados coletados foram relacionados ao Paradigma da Complexidade e à literatura científica existente. Com o intuito de alcançar o objetivo da pesquisa e ser fiel às interpretações dos participantes, alcançando credibilidade e validade na análise dos dados, ancora-se no conceito de noção de *contextualização* constituinte do Paradigma proposto e na elucidação dos relatos dos participantes.

## 7 RESULTADOS

Nesta seção, encontram-se os resultados relativos à caracterização geral dos participantes que responderam o formulário online, bem como os que também realizaram a entrevista semiestruturada. Na sequência, será apresentada a análise dos relatos dos participantes.

### 7.1 Caracterização dos Participantes

A pesquisa recebeu 30 respostas de formulário online, mas três não se enquadraram nos critérios de inclusão, dessa forma, o estudo contou com a participação de 27 adolescentes e jovens que se autodeclararam bissexuais, residentes do Estado de São Paulo. Os participantes possuíam idades entre 18 e 24 anos, sendo 5 (18,5%) com 18 anos; 2 (7,4%) com 19 anos; 3 (11%) com 21 anos; 5 (18,5%) com 22 anos; 6 (22,2%) com 23 anos; e 6 (22,2%) com 24 anos.

Dentre estes 27 participantes, cinco também realizaram a entrevista semiestruturada. Todos os cinco participantes assumiram nomes fictícios e se caracterizavam como: entrevistada 1- Felipa, 18 anos, não binária, residente na cidade de São Paulo; entrevistada 2- Amanda, 19 anos, mulher cisgênera, residente da cidade de São Paulo; entrevistada 3- Marta, 22 anos, não sabe qual gênero se identifica, residente da cidade de Campinas; entrevistada 4- Rafaela, 24 anos, mulher cisgênera, residente da cidade de Ribeirão Preto, e; entrevistada 5- Júlia, 24 anos, mulher cisgênera, residente da cidade de Franca. Felipa, Amanda e Marta foram entrevistadas de modo online, por vídeo, pelo *google meet*. Já Rafaela e Júlia foram entrevistadas presencialmente no município de Ribeirão Preto, nos lugares e horários escolhidos por elas, com privacidade e silêncio.

Os 27 participantes da pesquisa se identificaram como mulher cisgênero (63%; n = 17), homem cisgênero (22%; n = 6), não binário (7,4%; n = 2) e ainda não tem certeza de como se identificam (7,4%; n = 2). Ademais, declararam estarem em um relacionamento íntimo durante a pandemia com uma parceria que se identificava como homem cisgênero (51,8%; n = 14), mulher cisgênero (37%; n = 10), homem transgênero (7,4%, n = 2) e não binário (3,7%; n = 1).

Em relação a cor da pele, as cores que os participantes mais se auto identificaram foram: branca (55,5%; n = 15), preta (18,5%; n = 5) e parda (14,8%; n = 4). Apesar de a



cor branca ser predominante, foi nos relatos dos participantes da cor preta que se encontraram maior sofrimento psicológico, tanto pelas dificuldades que o isolamento social gerou em suas vidas, quanto pelas violências íntimas vividas por mulheres com parceiras mulheres lésbicas e por homens com parceiros gays.

Entre os participantes, 2 (7,4%) declararam não ter conhecimento sobre relação abusiva ou formas de violência dentro de um relacionamento íntimo ou entre casais. No que concerne à uma percepção inicial, 12 (44,4%) dos adolescentes e jovens assinalaram no início do formulário que achavam que seus/as companheiros/as eram violentos, seja sutil ou fortemente. Entretanto, nas perguntas posteriores sobre experiências vividas com a parceria, 85% (n = 23) mencionaram situações violentas, sendo 70,3% (n = 19) com relatos de ações advindas de suas parcerias.

O objetivo de terminar o estudo, de se profissionalizar e se formar na universidade foi percebido pelas participantes das entrevistas como constituinte da construção do perfil desses adolescentes e jovens. Algumas reações foram constatadas e frequentes, como comentários sobre o desejo de se formar para serem totalmente independentes financeiramente da família e companheiros/as, além das expressões: ‘Não vejo a hora de não depender de mais nada dele, só quero me formar para ter minha grana e não me sujeitar a nada’, referindo-se ao anseio mencionado (diário de campo).

**Tabela 1.** Caracterização sociodemográfica dos participantes adolescentes e jovens participantes dos formulários online e entrevista semiestruturada segundo idade, gênero, cor da pele, estado civil, ocupação, renda pessoal e escolaridade. Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil, 2022.

<b>Índices</b>	<b>Participantes (n = 27)</b>	<b>(%)</b>
<b>Geral</b>	27	100
<b>Idade</b>		
18 a 24	27	100
25 ou mais	0	0
<b>Gênero</b>		
Masculino	17	63
Feminino	6	22
Não Binário	2	7,4
Não sei como me identifico	2	7,4
<b>Cor da pele</b>		
Branca	15	55,5
Preta	5	18,5
Parda	4	14,8
Não sei como me identifico	2	7,4
Amarela	1	3,7
Indígena	0	0
<b>Estado Civil</b>		
Solteiro/a	19	70,4
Casado/a ou união estável	8	29,6
<b>Ocupação</b>		
Somente estudo	12	44,5
Trabalho e estudo	11	40,7
Somente trabalho	4	14,8
Desempregado/a ou a procura	1	3,7
<b>Renda Pessoal (salário mínimo)</b>		
Não tenho	8	29,6
Até 1	12	44,4
Entre 02 e 04	5	18,5
<b>Escolaridade</b>		
Superior completo	3	11
Superior incompleto	15	55,5
Médio completo	6	22,2
Médio incompleto	2	7,4
Fundamental completo	1	3,7

Fonte: Banco de dados da pesquisadora, 2022.

No percurso da estratégia de entrevistas semiestruturadas, a pesquisadora também realizou o *member-check*, a fim de averiguar se seus achados reproduziam o que os adolescentes e jovens realmente disseram, sentiam e pensavam sobre as experiências de violência no relacionamento íntimo. Durante o *member-check*, ao ouvirem seus relatos da entrevista, as participantes ficavam atentas, prestando atenção ao que ouvia e em alguns momentos até fazendo gestos concordando com a cabeça.

No entanto, as adolescentes e jovens também demonstravam certo desconforto aos seus relatos referentes à forma como se sentiam tratadas e não aceitas como são, em suas sexualidades e bissexualidades, pelos/as companheiros/as íntimos. As falas centravam-se em sentimento de rejeição, baixa-estima, dependência emocional, medo e sujeição para práticas sexuais forçadas e desqualificação (*member-check*; caderno de campo).

Entre as cinco participantes da entrevista, três exteriorizam estar sensibilizadas e reflexivas ao ouvirem os próprios relatos. Quando a pesquisadora solicitou que se expressassem sobre a reflexão, expressões como ‘como é que aceito isso’, ‘como que ficamos assim’, ‘só quero me libertar dessas lembranças tão recentes’, além de os olhos de todas elas encherem de lágrima (*member-check*; caderno de campo).

Nos resultados dos formulários online e das entrevistas semiestruturadas pode-se apreender as percepções dos adolescentes e jovens sobre o sentido da violência nas relações de intimidade vivida por eles por meio de quatro categorias, a saber: (i) Violência na relação íntima no contexto pandêmico; (ii) Rede social digital e perpetuação da violência; (iii) Violências por estar/ser bissexual.

## 7.2 Violência na Relação Íntima no Contexto Pandêmico

Alguns elementos se destacaram quanto à violência vivenciada no isolamento social, como: (i) primeira experiência; (ii) a restrição ou impedimento para o acesso a ajuda, e; (iii) percepções e manifestações de violência.

As narrativas apresentaram elementos que teriam sido mais impactantes na relação íntima durante a pandemia. Os participantes relataram a ocorrência de violência pela primeira vez:

Participante 05NMulher – *Aconteceu pela primeira vez violência sexual. Foi terrível, mas sutil e eu precisei de semanas para perceber o quão errado e ruim aquilo foi e conseguir assimilar que alguém que eu amo fez isso comigo e quando estava mais frágil com minha mãe de Covid.* (companheira mulher)

Participante 16DHomem - *Sim, comecei a fazer castigo do silêncio por fala/brincadeira boba, coisa que não fazia antes. Na pandemia a gente tava à flor da pele, tudo muito tenso, sei que disse coisas ofensivas, fui cruel. Escolhi as palavras mais cruéis para falar as coisas que tinha para dizer. Ele ficou paralisado. Antes da pandemia eu não tinha coragem, mas parece que a pandemia fez eu querer colocar para fora tudo e jogava nele.* (companheiro homem)

Denota-se a presença do tempo para a compreensão que a situação vivida se caracterizava uma violência e de que aquela pessoa que se espera receber cuidado foi quem a machucou. Os participantes externaram como a pandemia os deixaram em estado emocional frágil, sendo este intensificado pela percepção e vivência da experiência de violência íntima pela primeira vez.

Percebe-se que o isolamento social, devido a pandemia por Covid-19 e toda a tensão, medo que ela gerou frente ao desconhecido, foram usados como justificativas para a instabilidade emocional e violência verbal e psicológica advinda dos participantes autores da violência.

Quando questionados sobre a dificuldade de procurarem ajuda profissional, policial e familiar em caso de violência durante a pandemia, alguns relatos eram explícitos sobre como acontecia:

Participante 01TMulher - *Em muitas vezes eu tentei fugir e fui impedida, em outras eu apenas me recolhi, em outras eu fui violenta de volta como forma de me proteger, dependia muito. Eu me sentia humilhada como ser humano.* (companheira mulher)

Participante 03QMulher - *Utilizava da violência psicológica e patrimonial para impedir o meu acesso (para que eu pensasse que não era necessário), por exemplo: psicólogo, ginecologista... o dinheiro gasto com esses profissionais, ou que era desnecessário pois eram médicos de loucos, ou que eu só queria ir porque tinha alguma DST já que já tinha namorado homens antes.* (companheira mulher)

Como exposto acima, os participantes relataram vivenciar dificuldade em obter ajuda, seja profissional, de amigos, policial ou familiar. Parte significativa destes declararam não conseguirem. Barreira física criada pelo/a companheiro/a e violência patrimonial, econômica e psicológica foram utilizadas para que os participantes desistissem.

Verifica-se também mitos sobre a saúde íntima e sexual da mulher que se relaciona com mulheres para a perpetuação da violência psicológica, como se não precisasse de acompanhamento ginecológico por não ter risco de gravidez, além da

inferência de possuir infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) por ter se relacionado com homens anteriormente.

Afigurou-se também a dinâmica relacional de alguns participantes que se encontrava em um ciclo repetitivo:

*Participante 02RMulher - Tive e não consegui. Quando eu dizia que ia realizar esta atitude, ele trancava as portas e escondia as chaves e o meu celular. Entretanto eu nunca pensei em fazer fora dos momentos de briga pois era um ciclo de 'está tudo bem e agora não está mais'. (companheiro homem)*

Averigua-se o ciclo da violência, conhecido como lua de mel, quem a sofre alimenta o desejo de esperança que o/a parceiro/a mude e o comportamento violento cesse, mas após um momento de trégua, a ação violenta volta a se repetir. Ademais, constata-se o uso da violência como estratégia para proteção, revidando a violência sofrida.

Não houve relatos de experiências em que os participantes declararam terem impedido os/as companheiros/as de procurarem ajuda, o que pode sugerir uma certa dificuldade em perceberem suas ações como empecilho para o outro procurar ajuda.

Diante disso, tem-se uma sistematização dos elementos levantados/encontrados nos enunciados dos participantes, ilustrados na Figura 1. Em suma, constatou-se as primeiras experiências de violência na relação íntima, sendo sexual, verbal e psicológica, além de vivências de restrição e impedimento da procura e acesso à ajuda, por meio de barreiras físicas, violência psicológica e financeira, sendo respondida por meio de revidação de violência e outras formas de autoproteção.

Figura 1 - Configuração dos elementos existentes nos relatos/perspectivas dos participantes adolescentes e jovens bissexuais sobre experiências mais impactantes nas relações de intimidade durante o isolamento social.



Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2022.

A percepção de que a pandemia intensificou a violência já sofrida anteriormente encontra-se de forma evidenciada nos relatos, sendo atribuída aos sentimentos, fragilidades e vulnerabilidades que se encontravam, como narrado pela participante 09:

Participante 09LMulher - *Já sentia violência social ampla, restringia minhas atividades sociais, ameaçava chorar e se machucar se eu falasse algo que a desagradava [...]. Agora na pandemia ela tá mais calma, deve tá gostando já que eu não posso sair de casa para nada, e continua controlando tudo, só intensificou o que já era.* (companheira mulher)

Os participantes perceberam formas de violência física, verbal, psicológica, patrimonial/econômica e sexual que permeavam suas relações íntimas durante o isolamento social. A percepção sobre a bidirecionalidade da violência íntima também transparece em muitos relatos:

Participante 04Cmulher - *Violência sexual, forçar a prática sexual, e na pandemia aumentou para a violência psicológica (provocar em mim sentimento de culpa se não fizesse algo que ele queria - como se eu tivesse que aceitar tudo para provar que gosto de homem também), e eu comecei a xingar e tentar socar para me defender.* (companheiro homem)

Participante 14EMulher - *Meu último ex teve atos de violência psicológica. Mentiu sobre várias situações e pessoas, omitiu coisas importantes e me manipulou, fazendo eu me sentir culpada por cobrar dele diálogo e sinceridade. Durante a pandemia começou a ser fisicamente e sexualmente violento também, não só psicologicamente, comecei a me defender sendo violenta também.* (companheiro homem)

As violências psicológicas, físicas, verbais e sexuais, patrimoniais se apresentaram de forma concomitante, por meio do sentimento de culpa que o/a autor/a da violência gerava em quem a sofria. A violência sexual é usada como forma de dominação afetivo = sexual, como se quem o pratica quisesse exercer poder, como forma de garantir a lealdade e submissão ao/à parceiro/a.

Os discursos apresentavam as ações violentas advindas dos participantes como autodefesa e retribuição de alguma violência vivida, como forma de resposta e alternativa à situação que enfrentavam e ao contexto na qual estavam inseridos. A manifestação da bidirecionalidade da violência, seja em caráter sexual, físico, psicológico, verbal e patrimonial, demonstraram a existência de uma possível demarcação de território de um sobre o outro. O que estava em jogo era a manutenção do relacionamento, por isso infere-se que em alguns casos a violência adquiriu contornos de previsibilidade e, em outros, até mesmo de aceitação pelas partes envolvidas na relação de intimidade.

Verifica-se que as violências citadas que já eram existentes antes da pandemia continuaram, mas agora utilizada sob novos contextos e justificativas. Constata-se o sentimento de aprisionamento, não só físico, estrutural, na residência, mas também aprisionamento emocional, gerado pelo sentimento de culpa e chantagens emocionais que os/as envolvidos sofriam. Neste contexto, os relatos mostraram que os efeitos das violências sofridas se desdobraram no tempo viabilizando a manifestação bidirecional na relação íntima:

*Entrevista 01/Felipa - Sim. Houve violência sexual, verbal e principalmente psicológica. O isolamento foi um inferno porque tudo o que fazia que ele não gostava ele ameaçava se matar e jogava toda a culpa em mim, tudo muito intensificado, e eu comecei a socar ele e xingar muito também, não aguentava mais aquilo, eu ia para cima porque eu não conseguia fugir, estava presa na mesma casa que ele, me sentia pior que prisão, mas não conseguia largar.  
(companheiro homem)*

Ademais, nos relatos que denotaram a manifestação da violência bidirecional no relacionamento, expressaram maior vulnerabilidade à violência e às suas consequências, principalmente danos e prejuízos a longo prazo nas esferas emocional e psicológica. Os depoimentos demonstraram a complexidade dos relacionamentos íntimos vividos por bissexuais permeados por muitas formas de violência, e das dificuldades enfrentadas por quem as sofre em lidar com as situações e os efeitos da violência: bater, socar, gritar, xingar como forma de defesa e revidação; sensação de abandono afetivo; tentar procurar ajuda; ceder às chantagens emocionais e sofrer tudo de novo.

A violência psicológica se destacou nos relatos dos participantes como o tipo de violência mais citado e com mais diferentes formas de se manifestar. Entre elas, sobressaindo o abandono afetivo, como sinalizado:

Entrevistada 3/Marta - *Vivi violência emocional. Eu tinha começado um relacionamento antes da pandemia, e na pandemia foi ficando difícil, mas nos 'furávamos' o isolamento para nos ver pessoalmente todo dia, ou quando não dava, por vídeo. Conversávamos por mensagem o dia inteiro e do nada ela sumiu, desapareceu do nada, sem dar sinal de vida. Simplesmente não atendeu mais minha ligação, mensagem, nada. Foi muito difícil. Ela sabia tudo o que eu estava enfrentando dentro de casa por apresentar ela para minha família, por ter me assumido por causa dela. E agiu assim. Fiquei muito mal mesmo. Como alguém age assim. Depois vem conversar, puxar assunto como se não tivéssemos nada. Fiquei muito mal. Muito mesmo. E também fiquei repensando muito sobre meus relacionamentos, amizades coloridas, sobre minha postura com as pessoas, responsabilidade afetiva.* (companheira mulher)

Entrevistada 4/Bárbara - *Já minha ex namorada, também é bissexual. Logo no início da pandemia fomos morar juntas. Ela me comparava o tempo todo com o ex (marido) dela que vivia xingando. Tudo o que eu fazia era ruim porque eu dava gatilho nela. Um dia estávamos muito bem, ela me deu chocolate que gosto e foi visitar a mãe lá no Piauí e ficou sete dias sem dar sinal de vida, eu sabia que ela estava viva porque via as fotos no Instagram, mas ela não atendia minhas ligações, não respondia minhas mensagens, simplesmente me ignorou e me tirou da vida dela por uma semana, sem nem justificar nada. Sentimento de abandono... foram os piores dias de minha vida.* (companheira mulher)

Relatos de companheiros/as que desapareceram sem deixar rastros na vida real e virtual gerando sofrimento em suas vidas foram citados pelos participantes e sendo caracterizado pelos mesmos como 'violência emocional', 'violência moral', 'violência psicológica', 'abuso emocional' e 'abuso da alma'. Apenas 7,4% participantes disseram terem praticado o ato com alguém com quem tinha uma relação afetiva, a maioria declarou ser vítimas da prática.

O ato de se distanciar brutalmente de forma física e virtual, sem apresentar nenhuma forma de contato, com alguém com quem tem uma relação íntima é considerado *ghosting*, e a sensação de abandono afetivo temporário citado pelas participantes é caracterizada como *benching*. Ambas práticas representam violência psicológica por atingir o emocional do outro.

Dessa forma, além do *ghosting* e *benching*, os resultados destacaram o *negging*, como a manifestação de violência psicológica mais encontrada, apresentando-se explicitamente em muitos relatos semelhantes aos transcritos a seguir:

Participante 7JMulher - *Sim, vive questionando a minha inteligência. Ela me parabenizou por ter entrado no curso que eu queria, mas já foi logo dizendo*



*que até me formar, na minha idade, arrumar trabalho na área seria difícil. (companheira mulher)*

*Entrevistada 1/Felipa - Eu sei que é violência psicológica quando ele diminui as coisas que faço implicitamente, tipo, eu te trouxe num lugar legal e achei que você iria se arrumar mais e era uma simples padaria; já me disse que adora mulheres altas, mas tipo as modelos, que eu era alta, mas eu era desengonçada. Não acho que faz de propósito, mas faz. Já falei para ele que não é legal, mas ele diz que estou implicando com ele, que isso não tem nada a ver, que é besteira. Tipo, ele não consegue ver que isso me faz mal, não acho que é consciente, mas piora tudo em mim. (companheiro homem)*

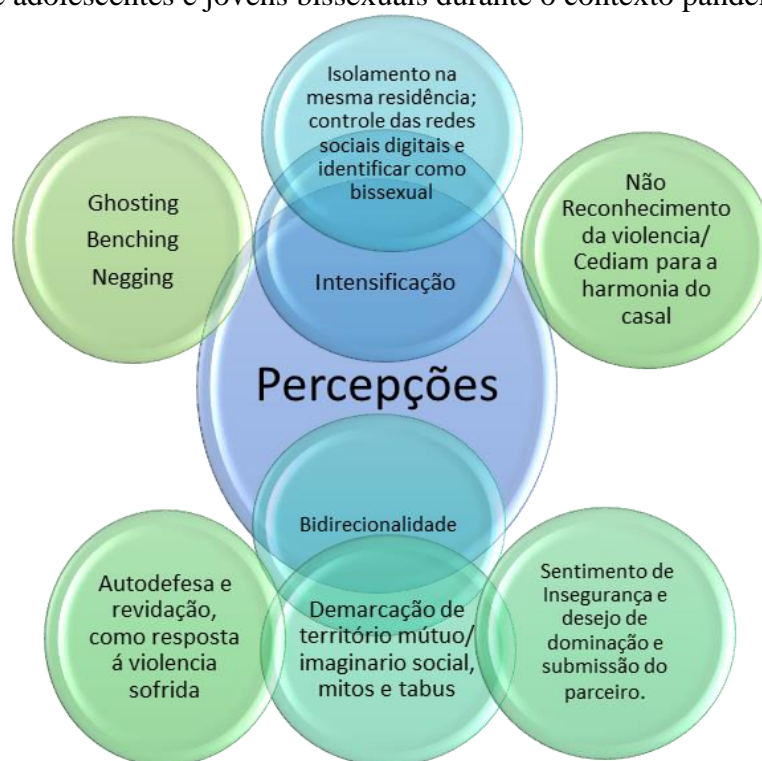
*Entrevistada 4/Bárbara - Fora que me chamava de linda por ter olho claro, mas que se eu fosse magra seria mais ainda, sendo que ela me conheceu gorda assim. Foi muito difícil quando terminamos, porque eu achei que ia morrer, que ia infartar de verdade de tanta dor no coração. (companheira mulher)*

Apesar de o *negging* passar muitas vezes despercebido, parecendo ser inofensivo e algo não violento, esse fenômeno de elogiar e menosprezar a pessoa ao mesmo tempo, tem o poder de gerar sentimento de desqualificação do sujeito para quem o sofre, atingindo autoestima, autoconfiança e o estado emocional do/a parceiro/a íntimo/a, o que colabora para sentimentos de dependência afetiva. Os relatos apresentaram narrativas de participantes que praticam o *negging* contra sua parceria, de participantes que sofrem com a prática e de participantes que a pratica e a sofre ao mesmo tempo. Para quem o pratica, de forma consciente ou não, utiliza-o como modo de manipulação.

Por ser violência sutil, 18,5% declararam que seus companheiros, quando praticavam, não o reconheciam como forma de violência e 15% disseram não achar ser violência ou não saberem se realmente o que sofriam ou praticavam era violência, mas foram alertados por amigos ou familiares, gerando dúvida e confusão sobre como reagir a situação.

A partir do contexto exposto sobre as percepções das experiências e dimensões da violência vividas pelos adolescentes e jovens bissexuais nas relações de intimidade durante o contexto pandêmico, pode-se observar as características específicas do fenômeno elucidadas na Figura 2.

Figura 2 - Características específicas das percepções do fenômeno da violência na relação de intimidade de adolescentes e jovens bissexuais durante o contexto pandêmico.



Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2022.

### 7.3 Rede Social Digital e Perpetuação da Violência

A internet e todo o aparato tecnológico de meios de comunicação constituído por celulares, notebooks e redes sociais digitais foram indispensáveis na pandemia e usados mais do que nunca. E, dessa forma, novas formas de violências que transpassam pelo mundo digital e já vinham sendo engendradas nos últimos anos foram intensificadas.

Diversos relatos apresentaram o uso das redes sociais digitais como elemento de risco para desencadeamento da violência na relação íntima, como vemos a seguir:

*Participante 2RMulher - Ele se aproveitou da pandemia para terminar o relacionamento pelo WhatsApp, se recusando a ter um diálogo ou explicar por que estava terminando (só descobri depois que foi para voltar com a ex). Eram dois anos juntos e fui descartada. (companheiro homem)*

Verifica-se também que ações como término de relação por meio de mensagem de WhatsApp constitui uma forma de violência psicológica, pois atinge o emocional, a autoestima e a subjetividade de quem a sofre. Após um tempo significativo de relacionamento, um término sem estar presencialmente, face a face, sem muita explicação, tende a potencializar os sentimentos de abandono e fragilidade no outro. Nos

relatos que exprimiam este fenômeno apresentavam sentimento de rejeição, abandono, incompreensão e indignação de como o/a ex parceiro/a realizou o término por meio de um aplicativo digital.

Participante 3QMulher - *No início da quarentena ela fez inferno enquanto não passei meu celular para ela olhar tudo nele, ela fez eu instalar meu WhatsApp, Facebook e Instagram no celular dela, minha irmã disse que é violência, mas foi única forma de me deixar em paz, ela era ciumenta, mas não desse jeito todo.* (companheiro/a não binário).

Nessa dimensão relacional, as redes sociais digitais são utilizadas como um canal para obter saber-poder e, logo, controle sobre a parceria envolvida na relação. O desejo pelo controle e domínio do que o/a companheiro/a realiza nas redes sociais digitais, com quem conversa, em quais grupos está inserido, quais interações realiza foi encontrado de forma predominante nos resultados. O ato de *stalking* virtual, ou de invadir/espionar/examinar o celular e redes sociais digitais da parceria sem o consentimento da mesma, exprime sensação de intimidade e exposição extrema do/invadido/a, caracterizando-se assim como um ato abusivo, e que foi relatado ser praticado pelos participantes. De modo prevalente, os participantes relataram tanto praticar como receber *stalking* virtual e ações coercitivas e imposições de como deveriam agir nas redes sociais digitais, como @whatsapp, @instagram, @facebook e @twitter.

Também declararam agir assim por impulsividade e sentimento de ‘ciúme excessivo’:

Participante 26BHomem – *Teve lockdown e tava na casa dele, quando ele foi tomar banho mexi no celular dele, sei que é errado [...]. Me senti traído de todas as formas, não só nas conversas, mas pelas piadas comigo e meus amigos. A gente brigou feio. Sou extremamente ciumento, por isso cheguei a pedir que terminasse amizade com alguns caras que me causava ciúmes, ainda xingo muito, mas agora eu sinto que tenho mais controle sobre ele, por tá trancado em casa, mas sei que é ilusão já que ele pode me trair online também.* (companheiro homem)

A sensação de falta de controle do que o outro recebe em seu celular e redes sociais digitais pode alimentar o sentimento de insegurança por parte do autor da *violência* e é usado como justificativa para reações violentas. Como o participante 26BHomem apresentou, a sensação de maior controle também era acompanhada pela ciência da possibilidade de a sensação ser ilusória.

Alguns a utilizavam após descoberta de traição ou interações mais simples, como uma curtida de fotos ou comentários em perfis de outras pessoas, que por algum motivo geram insegurança e representavam uma ameaça para a relação. O receio de que uma

traição online ocorra é tão temerosa quanto uma traição física, já que sentimentos, sonhos, planos, são colocados em jogo da mesma forma.

Alude-se que a existência de um relacionamento implicou em ceder aos desejos/vontades do/a parceiro/a, como notado:

Participante 21PHomem - *Estou na casa dele por causa do lockdown e me machucou pela primeira vez, eu apertei ele para me defender por causa de um nudes que recebi num grupo do nada sem nem saber de quem era. Tive que sair de todos os grupos de WhatsApp e apagar todos os contatos que ele não conhecia, deixei para ficar em paz.* (companheiro homem)

Logo, os estados emocionais dos participantes deixaram de determinar o seu próprio desejo, ‘cedendo para ter paz’. O não consentimento para o acesso do parceiro representaria desconfiança. O ato de conceder e consentir o acesso do/a parceiro/a aos seus meios de comunicação e redes sociais digitais surge como uma estratégia para resolução do conflito.

Ademais, esta estratégia também exprime o fim da fronteira da individualização e subjetividade dos envolvidos do relacionamento. Remetendo-se assim a um mecanismo de anulação a que grande parte dos participantes se submetem, principalmente para a manutenção e harmonia do relacionamento.

Denota-se a concepção de que há um contrato para a vivência de um relacionamento íntimo, seja para demarcação de território, seja para assegurar o acesso e o conhecimento da vida do outro durante a pandemia, principalmente virtualmente, como garantia de lealdade e fidelidade. Dessa forma, a relação privada e pública se torna cada vez mais estreita, assim como o mundo online e off-line se tornam um só.

Neste cenário, diferentes tramas foram tecidas pelos adolescentes e jovens bissexuais em torno das redes sociais digitais e seus relacionamentos íntimos durante a pandemia da Covid-19. As situações vividas, justificativas e respostas engendradas por eles estão sistematizadas na Figura 3.

Figura 3 - Elementos, configurações e respostas engendrados pelos adolescentes e jovens bissexuais em torno das redes sociais digitais.



Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2022.

#### 7.4 Violências por Estar/Ser Bissexual

Os resultados apresentaram como a orientação sexual bissexual dos participantes era vista pelos seus/as parceiros/as e como esta visão refletia na dinâmica do relacionamento íntimo e nas experiências de violência. Os dados também apresentaram a visão dos participantes frente à visão do/a parceiro/a e da experiência violenta. Desta forma, nesta série de violências por estar/ser bissexual, os resultados são organizados em dois grupos: (i) A visão do outro sobre mim e (ii) A visão que tenho de mim mesmo/a.

Como já aludido anteriormente, na maioria das narrativas as experiências de violência eram associadas de forma direta ou indireta à sexualidade bissexual dos participantes. Em muitos relatos a bissexualidade era tida como um elemento de risco para que a violência ocorresse, como denota-se nos discursos transcritos a seguir:

Participante 3Qmulher - *Ela surta, porque está preocupada demais com os pais por causa do vírus, mas diz que age assim por eu ser bi. Ela disse que não sabe como se interessou por mim, já que não confia em mulher bi. Horrível ela descontar o stress dela em mim.* (companheira mulher)

Participante 04CMulher - *Ele fica xingando mulheres que beijam outras mulheres e homens, mesmo sabendo que sou bi também, chama elas de puta, que não prestam, pervertidas, infiéis, tudo na minha frente, nem disfarça.* (companheiro homem)

Participante 11KMulher - *Já apanhei de namorado por ele descobrir que eu sou bi, além de ser completamente humilhada por um ficante quando me assumi bi para ele. Antes só me elogiava, era carinhoso, depois que falei que era bi, falou que não sabia que eu era confusa, indecisa, que ser bi não existe e falava isso só para justificar putaria, e outras coisas, ele não quis saber mais de mim.* (companheiro homem)

Participante 21Phomem - *No isolamento fui percebendo que ele estava com vergonha de assumir namoro comigo e já desconfiava que era porque eu era bi, porque ele ficava agressivo quando eu falava de alguma mulher que já tinha ficado. A gente encontrava sempre os mesmos amigos, ouvi os amigos dele gays dizendo que nem quer saber de homem bi, que é furada, enrustidos. Me senti um lixo e entendi que quando ele me xingava era por isso.* (companheiro homem)

Observa-se que a bissexualidade é tida pelos/as autores/as da violência como um fator que desqualificava os participantes enquanto parceiros para uma relação íntima desejada. Pelo fato de serem bissexuais, os participantes eram desconsiderados e sofriam desinteresse ou desrespeito pelos parceiros. Dados estes revelados tanto por participantes mulheres quanto por participantes homens. Não houve diferença significativa sobre os gêneros dos autores da discriminação.

Devido à sexualidade, aos participantes foram atribuídas qualidades de não confiáveis, enrustidos, infiéis, indecisos e pervertidos. Verifica-se uma noção machista e errônea, como se a pessoa que se interessa por mais de um gênero, implicitamente, haveria uma quebra dos acordos firmados na relação, a pessoa se torna compulsoriamente infiel e não confiável e promíscua.

Desta forma, constata-se a presença do mito e imaginário social da bissexualidade, sendo vista como perversão, putaria, confusão, infidelidade, indecisão, não confiável, enrustida, e demais adjetivos desqualificadores, além de ter sua existência colocada em dúvida e contestada. Dessa forma, a orientação bissexual era usada muitas vezes como justificativa para as ações violentas.

As participantes mulheres relataram dupla vitimização:

Participante 2RMulher - *Depois que meu namorado descobriu que eu já tinha namorado uma garota, ele ficou estranho. Um dia do isolamento ficou me mostrando fotos de mulheres quase nuas, começou a postar essas fotos nos stories do insta. Eu prei, disse que era um desrespeito, violação, sem noção, mas ele falava que eu não tinha que achar ruim, que tinha que entender ele porque 'eu tinha tesão por mulher também'. Me senti uma bosta por aceitar isso, sinto que ele quer me atingir.* (companheiro homem)

Ademais, os resultados apresentam sentimentos de violação da dignidade e privacidade quando o parceiro compartilha fotos de outras mulheres nuas em suas redes sociais digitais como forma de resposta à bissexualidade da companheira. No relato da

participante 2RMulher, observa-se como as reivindicações de respeito, o posicionamento de desaprovação e o sentimento de ser desrespeitada são invalidados pelo parceiro e justificado pelo fato dela também sentir atração sexual por mulheres. Além de se constituir comportamento e falas machistas que objetificam desejos e afetos, infere-se que por se identificar como bissexual, ela deveria aceitar as ações do companheiro, mesmo que ferisse e violasse sua intimidade.

Deduz-se que crenças e preconceitos por bissexuais, além da objetificação e fetiches na relação entre mulheres também tenha fomentado a ação do autor da violência, exprimindo a hipersexualização sofrida pelas participantes, assim como outras práticas sexuais forçadas:

*Participante 11kMulher - Sim, manipulou, mentiu, fez eu me sentir mal, me xingou, ameaçou me matar e por aí vai. Ele me chama de coisas horríveis e forçou coisa em mim no sexo dizendo que já que sou bissexual tenho que aceitar tudo. (companheiro homem)*

*Entrevista 01 Felipa - Algumas vezes usava o fato de eu ser bissexual como um parâmetro para que eu tivesse que gostar de usar strap-on (dildo) com muita frequência, mesmo quando eu não queria, pois isso faria se sentir bem e, 'se fosse um homem eu deixaria' (não, eu não deixaria). Quando eu reclamava sobre essa postura ser abusiva a resposta era que 'não existe abuso entre mulheres' isso frequentemente me deixava insegura, achando que minhas queixas eram frescura. [...] insistia que eu devia 'aguentar' o uso do pênis de borracha (que era grande) em todas as relações e eu cedia, porque queria que se sentisse bem, mas só queria que acabasse logo. [...]. (companheira mulher)*

Alude-se que as participantes cederam ao uso do dildo, às chantagens emocionais, às práticas sexuais forçadas, aos comentários depreciativos, mesmo contra suas vontades, em função do relacionamento íntimo e para agradar ao/à parceiro/a para harmonia da relação.

Percebe-se o mito e imaginário simbólico de que entre mulheres não há violência e de que por ser bissexual a mulher tem que gostar e aceitar o *strap-on* dildo (cinta com o pênis de borracha) nas relações sexuais, já que esta sente a atração sexual pelos dois sexos e se fosse homem aceitaria a penetração em todas as relações sexuais, retornando assim à normalidade hegemônica. Ou seja, sofreram tais práticas a fim de provar que gosta do sexo e gênero do/a companheiro/a ou sob alegações que deveria aceitar tudo durante a prática sexual devido a sua orientação sexual.

Neste contexto, os autores da violência acabam por aludir à dimensão sexual, tentando um efeito de apaziguamento, já que não conseguem ter poder sobre a dimensão afetivo-amorosa das suas parceiras e é justamente por isso que se tornam violentos,

tentando exercer controle e poder. Assim como apontado em vários outros relatos, a bissexualidade é vista como fator motivador para a violência íntima e também é usada como justificativa para as ações violentas.

Neste cenário, participantes mulheres que estavam envolvidas com homens expressaram sentimentos e percepções de não serem tratadas da mesma forma que as mulheres heterossexuais e de serem tratadas com menos cuidado, pelo fato de serem bissexuais. A ausência de traços de feminilidade é vista por elas como um fator que justificaria este comportamento masculino. Mesmo para as participantes que se sentiam feminilizadas, por fazerem uso de elementos culturais e sociais como maquiagem e vestido, acabam por reforçar o uso desses elementos como estratégias para rompimento das ações masculinas, mas não obtém sucesso, ao não atingir o resultado esperado.

Ao procurar respostas para o ato e estratégias de resolução, a percepção em comum e a justificativa encontrada é o fato de serem mulheres que também gostam de outras mulheres assim como gostam dos homens, ou seja, por ser uma mulher bissexual, como explicitado nos discursos a seguir:

*Entrevistada 2/Amanda - É muito estranho porque eu acho que ele não me vê como uma mulher, ele me trata diferente, mesmo eu sendo bastante afeminada, mas pelo fato de eu ser bissexual ele não me trata como mulher. Geralmente o namorado é cuidadoso com a namorada, mas ele não tem cuidado comigo, como se eu não precisasse de cuidado, como se não me visse como mulher por eu também já ter gostado de mulher. E eu fico muito mal, porque tenho intimidade com ele e ele me trata como amigo, brother. Quando conto, percebo que chega a ser bizarro, porque ele já me xingou e falou que não me via como uma mulher de verdade. Eu não quero sentir culpa por gostar de homem e de mulher, mas vejo que ele tenta me fazer sentir culpada assim. O pior do meu namoro para mim é ser xingada e não ser reconhecida como uma mulher e como alguém digna de respeito só por eu também sentir atração por mulheres. (companheiro homem)*

*Entrevistada 5/Julia - Eu namorava um homem, hétero, ele sabia que eu era bi, a gente sempre se deu muito bem, ele me respeitava. Mas como tive que frequentar mais a casa dele no isolamento social e eu me sentia mal na casa dele porque, ele tinha dois irmãos menores e um deles me tratava mal, não sei se pelo meu jeito, e ele ficava falando 'Ah, o meu irmão está namorando um menino' e sempre falavam coisas homofóbicas na mesa do jantar, a família toda isso. Aí comecei a me maquiar e colocar vestido bem mais, mas era forçado, me sentia fazendo drag de tão forçada que eu ficava. E eu comecei a me sentir muito mal por causa disso. E ele (ex namorado) não via problema em nada disso, se eu me maquiava ou não, se era bi ou não, mas a família dele via, eram homofóbicos. E isso impactou nosso namoro, porque lá na casa dele era o único lugar que ficávamos juntos no isolamento social. Mas me incomodava muito o fato de ele não fazer nada, não se posicionava, não falava nada para a família, não me defendia, não cuidava de mim. Ele se isentava, enquanto eles me chamavam de menino. Via a família me chamando de menino por ser bi e ele não me defendia. Eu ficava muito mal. Uma vez o pai o chamou de 'gay porque ele namorava um menino'. Aquilo foi horrível de ouvir, queria sumir dali e ele não falava nada. (companheiro homem)*



Ao ser chamada de menino e seu namorado de gay pelo fato de ser bissexual, a participante Julia descreve a discriminação e preconceito advindo da família do namorado e o impacto que resulta em seu relacionamento, gerando insegurança e a colocando em um estado de vulnerabilidade. Destaca-se a passividade e ausência de posicionamento do companheiro, os quais era identificado como não ser tratada como deveria. Os participantes também apresentaram sofrer discriminação pela família do/a companheiro/a por meio de comentários e piadas.

Para além de um imaginário social que alimenta o desejo de viver um amor romantizado com um companheiro que a proteja, transmita segurança, a defenda e seja cuidadoso, os discursos das participantes reivindicam serem tratadas com respeito e dignidade, como toda mulher deve ser tratada, independente da orientação sexual. Pelo fato de as participantes serem bissexuais, elas eram consideradas como de menor valor ou menos mulher pelos seus companheiros, devido às crenças e preconceitos machistas, patriarcais e frutos de uma heterossexualidade compulsória. Ao não ser reconhecida como uma mulher pelo fato de ser bissexual, manifesta-se vários tipos de violência e bifobia. Esta apresentou-se em diferentes formas:

*Participante 01TMulher - Eu fiquei muito mal, depressiva ainda mais na pandemia após problemas com as duas últimas ficantes que diziam que eu precisava ser lésbica por uma escolha política, eu acabava me apresentando assim, não entendia o quão violento era pra mim, queria ser aceita no meio delas. Não me sentia eu mesma em nenhum momento. (companheira mulher)*

Ademais, nos relatos dos participantes denota-se críticas às reduções por suas sexualidades bissexual e expectativas para que os participantes cumprissem a binariedade compulsória, advindas tanto de companheiros homens quanto de companheiras mulheres, tanto heterossexuais quanto homossexuais. Frases como 'desça do muro', 'assume logo que é lésbica', 'fala que é gay logo', 'não é mais fácil só dizer que é lésbica?' descritas pelos participantes expressam a não compreensão de sua sexualidade, a pressão por viverem na binariedade e sentimentos de serem consideradas menos importantes dentro da comunidade LGBTI+.

*Participante 3Qmulher - Em 2020, já na pandemia, minha ex ficava falando que eu podia levar IST para ela, que ela até namorava comigo, mas ficava com receio de realmente se envolver já que eu já tinha namorado homem. Ficava me menosprezando o tempo todo por eu ser bi, como que eu já tinha gostado de pau. Do porquê eu não saia do muro logo para tentar me redimir. É como se eu não fosse levada a sério por ser bi. (companheira mulher)*

Entrevistada 3/Marta - *A maior questão do meu namoro é que eu e minha namorada fazemos parte de um grupo de mulheres aqui da minha cidade, não quero falar o nome, vai quê né. O grupo é muito sáfico, sáfico mesmo, só frequenta mulheres que gostam de mulheres. A grande maioria são lésbicas, mas tem algumas poucas Bi, como eu. Mas a gente nem fala muito da bissexualidade, porque lá, tipo, elas meio que diminuem muito a atração por homens, como se fosse uma coisa nojenta, que não entra aqui. Não só ouvi da minha namorada, mas mulheres que namoram outras bi e até já ouvi essas falas das próprias outras bi, que sentir atração por homem é nojento. E eu fico mal né, porque eu me sinto excluída, não sei ao certo meu sentimento, é ruim. Lá, existe uma exclusão da masculinidade como um todo, e eu que sempre questioneei minha sexualidade e meu gênero, me sinto mal. Esse aspecto da bissexualidade é excluído sabe, como se você ficasse com homem fosse meio traidora ou o 'por que você está fazendo isso, sabe?' E eu sinto raiva disso porque minha namorada só faz esse discurso e eu tenho raiva de mim porque uma época, no começo do grupo, eu também reproduzia esse discurso sabe, mas hoje já tenho a noção que é errado e eu me sinto excluída, humilhada sabe. Faz uns meses e minha namorada me chamou de ex depósito de porra, aquilo foi uma faca no meu peito, chorei dois dias. No grupo ela fez uma fala que essas mulheres bi são antigo depósito de esperma e que tem que tomar cuidado para se envolver e não pegar doença. Depois dessa fala ficamos o dia todo sem conversar. Tipo, colocar na cabeça de uma pessoa que ela não pode gostar de homem porque é uma coisa muito ruim, tanto porque existem homens gays que sofrem com essa narrativa, os homens trans que se sentem mais excluídos e no que eu vejo que acontece comigo que é a bifobia, tipo, 'porque você gosta de homem se você gosta e namora mulher, vira lésbica logo e para de ser trouxa'. Ouvir esses discursos nesses últimos meses me fez muito mal e um retrocesso no meu processo de autoconhecimento, sinto que agora eu abri os olhos, mas também sinto que minha namorada tem vergonha de eu ser bi, de eu ter namorado um homem por muito tempo antes dela. Eu me sinto invisível lá né. Eu só me sinto invisível e não aceita como eu sou. (companheira mulher)*

Averigua-se que as participantes mulheres que se relacionavam com companheiras mulheres viviam o menosprezo por terem se relacionado com homens, o estigma de serem vetores de ISTs entre homens e mulheres e a 'pressão' em se posicionar politicamente como lésbica. Dessa forma, tem-se os sentimentos de culpa por também terem se relacionado com homens e ter tido um relacionamento padrão, de inadequação e de incompreensão de sua sexualidade, e de não ser aceita, além de invisíveis diante do sofrimento.

Infere-se que estes comportamentos violentos advindos das companheiras também são reflexos de violências sofridas pela sua sexualidade, discriminações e preconceitos, como a lesbofobia. Constituindo um mecanismo de defesa, ações das companheiras manifestaram desde repúdio a toda expressão masculina à decisão de se envolver somente com mulheres que se identificam como lésbicas, como forma de proteção.

Diante disso, percebe-se a noção de monossexismo perpassando pelos relacionamentos íntimos dos participantes, que ao serem bissexuais, não correspondem à

normativa esperada, refletindo, assim, na bifobia. A violência da bifobia e invisibilidade sofrida pelos bissexuais atinge o estado emocional, gerando sentimentos de angústia, inadequação, sofrimento e não pertencimento.

Destarte, os resultados mostraram como os participantes do estudo eram vistos, através de um imaginário social e crenças preconceituosas frente aos bissexuais impactavam as experiências e relacionamentos íntimos e fomentam ações violentas por parte dos companheiros dos participantes. A bifobia foi encontrada em participantes que se relacionam tanto com homens quanto com mulheres, assim como a pressão para seguirem a binariedade e a culpa por gostarem sexualmente e afetivamente por mais de um gênero.

Em suma, as mulheres que durante a pesquisa estavam se envolvendo com homens procuravam respostas e estratégias para lidar com a violência sofrida, sendo esta, fruto de crenças heterossexistas, machistas e patriarcais. As mulheres que se envolviam com mulheres explicitaram a pressão para se posicionarem perante a sociedade como lésbicas, como escolha política, anulando, dessa forma, sua sexualidade, além de estigmas, violências estas resultantes das diversas violências sociais que as lésbicas também vivem. Dessa forma, todos esses elementos são expressos na Figura 4.

Figura 4 - Fatores explanados pelos adolescentes e jovens bissexuais sobre a visão de do outro sobre eles, orientação sexual bissexual, estratégias, crenças e imaginário social.



Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2022.

Diferentemente de como os/as parceiros/as demonstram, muitos participantes não se veem como confusos, indecisos ou perdidos. A visão sobre eles mesmos era diferente, eles sabiam muito bem quem eram e legitimavam sua bissexualidade, como se vê nos seguintes relatos:

Participante 28TMulher - *Parecia que eu era indigna de confiança por ser quem eu sou, bissexual e extrovertida, mesmo nunca tendo traído ninguém, mesmo sendo leal as pessoas que eu me relaciono e também às causas que acredito. Tô num processo, me sinto liberta, e totalmente eu. Não quero nunca mais entrar numa relação com alguém que não me aceita como sou, não sou menos que ninguém por ser bissexual.* (companheira mulher)

Além disso, ao serem questionados sobre as tomadas de decisões diante da violência íntima vivida, rompimentos da relação, tentativas ou pensamentos de término foram citados e sendo vinculados a visão de si e sua bissexualidade:

Participante 14EMulher - *A terapia tem me ajudado a me valorizar e a ter coragem para terminar a relação. Sei que se continuar assim, não ficaremos juntos. Não quero nunca mais me sentir culpada por ser bissexual, por ser quem eu sou, nem aceitar ele nem que ninguém me tratar mal por isso.* (companheiro homem)

Participante 09LMulher - *Acabei largando dela, foi libertador, não ia admitir ser tratada daquela forma, não sou doente, eu ser bissexual não tem nada a ver com os outros, exijo ser vista como realmente sou.* (companheira mulher)

Participante 21PHomem - *Depois de uma semana criei coragem para dizer que se ele não aceitasse que eu era bissexual não daríamos certo porque queria alguém que não tivesse vergonha de quem eu sou. Ele pediu desculpa, que estava com a cabeça quente, mas que era difícil para ele processar eu ser bi. Aí eu larguei dele, disse que o confuso era ele e que não ia aceitar mais aquilo.* (companheiro homem)

Novos recomeços e a esperança de viver relações saudáveis também foram citadas. No mais, estratégias para não cair na repetição de relação violenta também foram reveladas, como não se envolver com alguém que não aceite sua bissexualidade, já outros apresentam a escolha e preferências de envolvimento com outros bissexuais. Esta última estratégia tanto representa a busca por alguém que realmente entenda sua sexualidade evitando passar por questionamentos, pressões e falta de compreensão, quanto exprime a mesma estratégia das mulheres lésbicas que optam por se relacionar com outras lésbicas. De modo igual, os receios de se envolver com pessoas de outras identidades sexuais expressam mecanismos de defesa e proteção diante de toda violência sofrida outrora:

Participante 01TMulher – *Agora tô me envolvendo com uma mulher, ela confia em mim, me respeita, vejo que me admira como eu sou e pela primeira vez eu tive coragem de contar para minha mãe. Tô feliz porque tô vendo o que é alguém amar como a gente é, sem nos podar em nada. Nunca me amei tanto, pela primeira vez sinto que tenho orgulho de ser quem eu sou.* (companheira mulher)

Participante 03QMulher - *Hoje namoro há 3 meses com um homem bissexual também. Minha ex namorada também era bissexual. Não sei, mas eu me sinto mais à vontade e segura namorando bissexuais... Eu já carreguei muita culpa por ser não binária e bissexual... Agora a pessoa tem que aceitar quem eu sou, não vou me sujeitar a mais nada, não me esconder atrás de nada e sinto que só os bissexuais me entenderão.* (companheiro/a não binário)

Como mostrado acima, em quase todos os relatos desta série os participantes reivindicam serem aceitos como realmente são e legitimam a bissexualidade. Alguns adolescentes e jovens bissexuais exprimem o desejo de se relacionar somente com bissexuais como mecanismo de proteção e forma de se sentir totalmente aceito em sua sexualidade. Evidencia-se o desejo de não sentir culpa por gostar de ambos os gêneros, culpa essa fomentada pela antiga parceria. Sentimentos de autovalorização, liberdade, amor próprio, auto aceitação e anseio por encontrar uma parceria que respeita sua sexualidade se destacam. Neste contexto, para maior compreensão e visualização do leitor, os principais elementos da visão de si mesma foram sistematizados na Figura 5.

Figura 5 - Fatores explanados pelos adolescentes e jovens bissexuais sobre a visão de si mesmos, sua orientação sexual bissexual, sentimentos e anseios.



Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2022.

## 8 DISCUSSÃO

Estudar as vivências de violência nos relacionamentos íntimos vividos pelos adolescentes e jovens bissexuais caracteriza-se como desafiador, principalmente ao fundamentá-los e analisá-los pelo prisma do Paradigma da Complexidade. Para este propósito, foi necessário assumir uma posição sensível para o ser humano, pois diante de uma pandemia por Covid-19, atentou-se ainda mais para que os participantes se sentissem à vontade para o compartilhamento das experiências e para que se sentissem “ouvidos” e vistos. Diante disso, através do formulário online e entrevistas semiestruturadas criou-se a abertura de um espaço que possibilitasse a exposição de pensamentos, vivências e contextos.

A discussão realizada a seguir, expressa as conexões e interações entre os componentes e características encontrados nas declarações dos participantes, que possibilitaram, assim, analisar o sentido da violência nas relações de intimidade sob a ótica dos adolescentes e jovens bissexuais, e assim, investigar e ponderar sobre essa teia de saberes sob a perspectiva do Paradigma da Complexidade.

Adotou-se uma apresentação da discussão dos resultados por meio dos princípios dialógico, hologramático e recursão organizacional, sendo que estes serão separados meramente por fins didáticos, para facilitar o entendimento dos leitores. Acentua-se que os princípios se encontram em profundo diálogo, não havendo separação na teoria e prática, pois “a própria ideia hologramática está ligada à ideia recursiva, que está ligada, em parte, à ideia dialógica” (MORIN, 2007, p.75), e exprimem articulação entre os diversos componentes que constituem o fenômeno.

### 8.1 Princípio Dialógico

Por meio do princípio dialógico constata-se lógicas antagônicas e complementares, simultaneamente, e que coexistem em todas as interações dos seres humanos em sociedade e na natureza (MORIN, 2002). No presente estudo, foram constatados o relacionamento íntimo e as codependências existentes entre afeto e coerção presentes nas relações dos adolescentes e jovens bissexuais. Em várias exposições os sentimentos de amor e opressão/constrangimento se misturam, aspectos estes que se completaram e foram opostos nas relações durante o período de pandemia da covid-19.

Durante o isolamento social compulsório mudanças nas dinâmicas relacionais íntimas foram impostas, transformando as visões de si, do outro e do mundo. Tais transformações atingiram a subjetividade dos indivíduos, mas impactaram mais ainda aqueles que sofreram pela primeira vez uma ação violenta de seu companheiro. A vítima se vê em uma condição imprevisível, incerta e ambivalente. O que se idealizava de um relacionamento amoroso fica no imaginário e os sentidos da violência se transformam em conformidade ao contexto vigente. Assim, o olhar para a medida do isolamento social compulsório e para os relacionamentos vividos pelos adolescentes e jovens bissexuais, com todas as suas imprevisibilidades, incertezas e transitoriedades inerentes, produz novas percepções espaço-temporais, reflexões, formas de comunicação, posições e ambivalências, como exprime os relatos subjetivos dos participantes.

Diante disso, a literatura aponta que devido a preconceitos, a saída da casa dos pais, se dá mais cedo pelos jovens LGBTI+ do que pelos heterossexuais, para assim poderem se expressar mais livremente, vivendo sozinhos ou em lugares mais acolhedores (OLIVEIRA; CARVALHO; JESUS, 2020; SILVA, 2020). Para alguns, o isolamento social compulsório, restringiu essa opção, agravando ainda mais os danos à saúde mental dessa população específica no contexto da pandemia (JUNIOR et al., 2020).

Para outros, que estavam em um relacionamento íntimo, e tiveram a opção, ficaram mais tempo juntos em uma residência, sozinhos ou na casa dos pais, com os familiares, de um dos envolvidos. Nesta situação, o estranhamento e estresse por permanecer muito tempo na companhia da parceria, perdendo a privacidade e intimidade, impactando e gerando mudanças nas dinâmicas dos relacionamentos, nas capacidades de enfrentamentos de conflitos e na comunicação entre os pares.

Conforme o Paradigma da Complexidade, em todo sistema e relação humana há conflitos (ruídos), sendo estes essenciais para seu equilíbrio e avanço. Diante disso, ressalta-se que em todo relacionamento íntimo há conflitos, os quais são negociados a todo tempo pelos/as parceiros/as, pois são mutáveis e dinâmicos. Quando em uma relação de intimidade há violência, esta não é culpa ou de responsabilidade dos conflitos; ela é uma ferramenta utilizada por muitos sujeitos para a resolução de problemas na relação.

No contexto pandêmico, o estresse do autor da violência foi ainda mais relevado pelo medo do adoecimento pelo vírus, gerando maior passividade da vítima em compreender e não dar tanta importância para a agressão por também estar com medo da contaminação (PAIVA et al., 2020). Ademais, o isolamento social pode ser utilizado como desculpa ou justificativa para a ação violenta contra o(a) companheiro(a) (MAZZA

et al., 2020). Muitos participantes declararam estar no ciclo da violência íntima durante a pandemia, sendo este alimentado por essas desculpas e justificativas.

Segundo Helker et al. (2016) a dinâmica violenta na relação íntima é composta por tensão, explosão e lua de mel. Primeiro manifesta-se crises de ciúme exacerbado, chantagem emocional e agressão verbal, gerando fragilidades e insegurança em quem a sofre. Depois, essas agressões se tornam muito mais frequentes, podendo se apresentar até fisicamente, provocando ansiedade e medo crescente. Alguns sujeitos que sofrem as agressões tendem a se paralisar diante do ato, mas outras por impulso, revidaram a agressão como forma de proteção. O autor da violência utiliza de justificativas falaciosas para fomentar a culpa em quem a sofre, atribuindo-lhe a responsabilidade pelo ato, assim, quem a sofre procura relacionar as ações violentas ao contexto pandêmico, ao cansaço, ao estresse e medo do vírus e ao uso de álcool (HELKER et al., 2016).

Por fim, vive-se um momento de mais tranquilidade, em que o autor da agressão promete mudanças de comportamento e torna-se mais carinhoso, enquanto quem a sofre fica na esperança de realmente ocorrer a mudança e associa a violência a elementos externos ao companheiro. Durante o isolamento social, sair desse ciclo e dinâmica relacional é mais difícil ainda, além das emocionais explicitadas, há as físicas, que dificultam a vítima sair da mesma residência.

O ciclo da violência fragiliza o emocional e psicológico de quem a sofre, criando uma dificuldade para o rompimento da relação. Este fenômeno gera uma anestesia emocional, e uma dependência emocional do autor da violência (HELKER et al, 2016). Ademais, há o receio de outros perceberem a violência íntima e ocorrer julgamentos diversos, o que reduz a habilidade de evitar conflito e até podendo gerar uma condição paralisante, dificultando a procura por ajuda e rompimento da relação (D’AFFONSECA et al., 2021).

Muitos adolescentes e jovens bissexuais sentem vergonha e desapontamento, pois acreditam que não foram capazes de refutar os estereótipos acerca das suas relações íntimas, ou seja, que são perversas, destinadas ao fracasso e que já tem em si uma conotação violenta, culpabilizando-se ainda mais (NUNAN, 2004). Diante deste cenário, os/as bissexuais não podem negligenciar a ação violenta da parceria, pois assim como Osório et al (2019) explicita, “não se podendo descurar essa realidade, pelo simples fato de os agressores terem assumido uma mudança de comportamento” (p.9). Deduz-se que a produção de novos sentidos diante da situação violenta vivenciada está orientada à aceitação gradual e permeada por tensões que se prolongam no tempo junto com os



desafios no processo de contextualização da pandemia e de um governo autoritário conservador que reprime sexualidades e existências.

Como os dados apresentaram, assumir uma orientação sexual fora da heteronormatividade foi um desafio ainda maior durante a pandemia para os adolescentes e jovens bissexuais, não somente por enfrentar as reações adversas de suas famílias, mas também dos/as próprios/as parceiros/as, impactando em seu relacionamento íntimo e na dinâmica relacional do casal. Pelo princípio dialógico percebemos o amor e coerção se difundindo nas ações dos/as parceiros/as em não aceitarem a bissexualidade dos participantes, seus companheiros, ao responderem a esta notícia com violência, coibindo a expressão de sua bissexualidade em total liberdade e autenticidade. A dialógica amor e coerção também aparece quando a família do parceiro que deveria acolher e ser lugar seguro é preconceituosa, e a pessoa se vê coagida, além de se sentir mais insegura quando o companheiro não possui posicionamento e não transmite segurança e defesa.

Tendo em vista a força das manifestações maniqueístas e estratégias reducionistas e simplistas sobre a violência íntima vivida por bissexuais e para solução do problema, torna-se necessária a superação dialética que, por meio do Paradigma da Complexidade, permite a edificação de uma análise poliocular do fenômeno. Assim, este estudo corrobora pesquisas recentes que caracterizam a bifobia como um agravante para o envolvimento da população bissexual na violência por parceiro íntimo no período do isolamento compulsório (JUNIOR et al., 2020; OLIVEIRA; CARVALHO; JESUS, 2020).

A bifobia desqualifica o outro em função da sua sexualidade e/ou identidade de gênero. Tanto a bifobia quanto toda LGBTIfobia devem ser vistas “como um conjunto de práticas sociais plurais: violências simbólicas, agressões físicas, insultos verbais, silêncios, recusa de direitos, distribuição de privilégios e status social, julgamentos morais, reprodução de estereótipos” (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009).

Os resultados destes estudos demonstraram que a bifobia e todas as outras formas LGBTIfóbicas são tão vigentes em nossa sociedade que atinge até as pessoas que não se identificam como tal, mas que se relacionam com os bissexuais, como no discurso da participante Julia, em que ela era chamada de menino por ser bissexual e o namorado dela de gay, por se relacionar com ela. Para a família do namorado de Júlia, sua sexualidade e o relacionamento deles “não correspondem às rígidas exigências estabelecidas pelos padrões familiares” (PRADO, 1996, p.199). Para grande parte das instituições familiares, não basta o filho ter que ser heteronormativo, ele também não pode se relacionar com

alguém que esteja fora desse padrão, sendo essas ações e crenças movidas pela heterossexualidade compulsória.

Ao procurar respostas para o ato violento e estratégias de resolução dos conflitos na relação, as participantes performam reforçando uso de artifícios culturais e sociais como maquiagem e vestido, mas não obtém sucesso, pois continuam não sendo tratadas com respeito e sendo subjugadas pela orientação sexual. A performance da feminilidade é cultural e fruto da crença estrutural patriarcal e sexista que estipula os padrões a serem seguidos pelas mulheres e homens.

Mulheres bissexuais não são homens e qualquer comparação nesse sentido é uma manifestação de misoginia e bifobia. Em sua obra *O Segundo Sexo*, Simoni Beauvoir (1949) afirmava que "ser feminina é mostrar-se impotente, fútil, passiva, dócil. A jovem deverá não somente enfeitar-se, arranjar-se, mas ainda reprimir sua espontaneidade" (p.24). A autora discorre sobre os aspectos considerados e propagados como femininos e que ressaltam a força e poder da masculinidade. Tais características são reproduzidas socialmente como exigências feitas às mulheres e sobrevivem até os dias de hoje. Há uma crença sexista cristalizada hierarquizante de que qualquer mulher que não corresponda a feminilidade é considerada inferior. As mulheres bissexuais e lésbicas desfem<sup>5</sup> são desqualificadas a tal ponto que quem se relaciona com elas, tem retirado parte de seu privilégio na hierarquia classificatória de poder, especialmente por fugirem da hegemonia social e lógica de dominação (GRAMSCI, 2004).

Embora nos resultados deste estudo não tenha sido ressaltado a discriminação pelo núcleo familiar dos próprios participantes, sabe-se que é uma realidade recorrente e que impacta profundamente o estado emocional e psicológico dos adolescentes e jovens bissexuais e/ou não heteronormativos. Contudo, nesta pesquisa, destaca-se o preconceito advindo de seus/suas próprios/as parceiros/as. Por isso, acredita-se que apesar de a pesquisa ser para bissexuais autodeclarados, muitos adolescentes e jovens vivem o processo de revelar sua orientação e identidade sexual aos poucos, conforme se sentem seguros com as pessoas.

Por isso, como Cavalcanti (2012) explicita “‘sair do armário’ no caso dos bissexuais, é bem mais complexo do que se pensa” (s.p.). Denota-se que para os adolescentes e jovens bissexuais, a negociação nas formas de ser e de existir acontece constantemente, em diferentes contextos, até mesmo para aqueles que vivenciam sua

---

<sup>5</sup> Mulheres que não performam a feminilidade perante aspectos e construções culturais e sociais que ditam o que é o feminino.

sexualidade mais abertamente, que talvez foram acolhidos pelos seus familiares, mas ainda não tem garantia que serão aceitos por seus parceiros de relacionamentos íntimos.

Ademais, o país passa por uma ascensão política e social conservadora, da extrema direita, que com discursos de ideologia de gênero falaciosos, demagogos e retóricos, imbricados com narrativas religiosas, fazem com que muitos adolescentes e jovens bissexuais tenham medo de expressar sua sexualidade com medo da repressão e violência que é instigado a todo momento (MADEIRA; PEREIRA, 2022; SHIOTA; POSSMOZER, 2020). Corpos são aprisionados e existências colocadas em risco a todo momento pelo governo, o que refletia diretamente na tensão emocional dos LGBTI+ e na tomada de decisão de expressar sua sexualidade para os entes próximos.

Nos relatos do estudo, de modo preeminente, a identidade e orientação sexual bissexual era um fator determinante da interação do casal. Tanto companheiros homens cisgêneros quanto companheiras mulheres cisgênero, sejam heterossexuais e/ou homossexuais, os/as autores/as da violência, usavam a violência psicológica como meio de repreender a sexualidade dos participantes. De forma direta ou indireta, os companheiros homens cisgênero não aceitavam sua parceira bissexual que já tinha tido interesse por mulheres também, assim como as companheiras mulheres não aceitam que sua parceira já tinha se relacionado com homens. Ao serem anuladas em sua sexualidade, as mulheres bissexuais sofrem violência de gênero, social, psicológica de forma silenciosa, causando graves danos em suas subjetividades e juventude (SOLIVA; SILVA JUNIOR, 2014).

Diante disso, este estudo mostrou que o estado de tensão interno vivido pelos adolescentes e jovens bissexuais, entre receber atos de amor e de coação pela sua bissexualidade, advindo de sua parceria, é um fator de risco para a violência nas relações íntimas dos bissexuais, seja na relação com parceiros héteros ou homossexuais, independente do gênero destes.

Diante disso, a violência na relação íntima vivida pelos adolescentes e jovens bissexuais mantém dinâmicas relacionais complexas, ambíguas e, muitas vezes, contraditórias. Pelo princípio dialógico constata-se lógicas antagônicas e complementares pela visão que eles/as possuem das pessoas bissexuais e da bissexualidade. Enquanto os/as parceiros/as enxergam como promiscuidade, infidelidade, não confiável, fase confusa, indecisão e agem de forma violenta tentando controlar e dominar a bissexualidade do/a companheiro/a, os/as participantes bissexuais legitimam sua

sexualidade e buscam por respeito e reconhecimento ao mesmo tempo que permanecem nessas relações.

O princípio dialógico mostra que, contrariamente ao isolacionismo, expressa unicidade, respeitando as diferenças e antagonismos de lógicas internas do indivíduo dirigindo a condução de suas relações. Nesta dialógica apresentada, expressa-se a articulação que mantém a dualidade na unidade, por isso os participantes se encontravam livres e dependentes. Ao passo que os adolescentes e jovens bissexuais vivem/procuram por liberdade num processo da construção de aceitação e reconhecimento, e lutam para a visibilidade e respeito à sua bissexualidade, eles também se situam como dependentes, ao buscarem pertencimento e validação de seu/sua parceiro/a. Assim, os participantes acabam por aceitar mais e mais situações abusivas em nome da harmonia na relação, seja cedendo a comportamentos abusivos dos/as parceiros/as, seja em reproduzir discursos bifóbicos para ser aceita no coletivo das namoradas lésbicas.

Ter um relacionamento íntimo com uma pessoa que possui visão negativa e diferente do que se possui sobre si mesmo e sua sexualidade gera desdobramentos negativos na vida dos bissexuais. O estigma e a marginalização que a pessoa bissexual sofre reflete sobre sua saúde física e mental (JÚNIOR et al., 2020). A sensação de anulação de si mesmo, falta de pertencimento, baixa estima, falta de autoconfiança e taxas maiores de ansiedade e depressão são geradas e atingem o psicológico dos adolescentes e jovens quando se sentem julgados e não aceitos como são por seus parceiros íntimos e familiares (ALMEIDA; CALDAS, 2012). Ademais, uma pesquisa do *Bisexual Resource Center* de Boston mostra que bissexuais têm uma inclinação a enfrentar maiores disparidades de saúde, pois muitos tendem a evitar exames médicos, seja por falta de informação, por retaliação dos companheiros íntimos e por medo da discriminação, ou a mentir sobre seu histórico sexual (BARBOSA; MEDEIROS, 2018).

Em alguns casos, os/as autores de violência que querem controlar seus parceiros e agem de forma violenta não percebem que também tiveram seus corpos e mentes controlados por lógicas dominadoras que impõe crenças e comportamentos sobre as pessoas, como o patriarcalismo, machismo, sexismo, assim, não percebem que são controlados e que estão controlando seus/as parceiros também. E muitas vezes, quem sofre a violência na relação íntima não percebe que está sendo subjugado. Ambos não percebem os danos da imposição de padrões de ações e pensamentos porque acreditam que estão colaborando para o bem e harmonia do casal. Conseguir enxergar seu/sua parceiro/a e as dimensões envolvidas no ato violento, e não se eximir de olhar para si

enquanto sujeito que também se constitui em relações sociais e históricas, que contém suas contradições, se faz fundamental para a construção de lógicas saudáveis nestas relações.

As mudanças na percepção da relação íntima amorosa e da situação violenta provocam reações emocionais e dinâmicas de reflexividade acerca das experiências vividas. Quem sofre a violência passa a refletir sobre as novas possibilidades para a relação, uma negociação interna em que ora aparenta estar ameaçada, com vista para rompimento, ora apresenta alternativas para seguir em frente, cedendo a desejos para agradar o/a parceiro/a e relevando o ocorrido. Diante disso, por se constituir uma situação incontrollável, o posicionamento diante do/ parceiro/a e os sentidos baseados nas experiências anteriores necessitam ser mudados. Procurando por novos acordos e contratos na relação, que ampliam, expandem e possibilitam a reflexividade, autorregulação e regulação da parceria com novos sentidos de estabilidade-instabilidade.

Para Morin (2002; 2005), toda organização, sistema e relação social contempla e produz, de forma concomitante, antagonismo e complementaridades, necessários para existência e equilíbrio destas. As forças antagônicas, são compostas por forças de refutação, exclusão e dissociação, que são mantidas pela organização das diferenças, as quais são fundamentais para a existência de qualquer sistema e relação humana (MORIN, 2002). Desta forma, analisar a violência vivida por bissexuais pelo prisma da Complexidade é entender que as forças antagônicas fazem parte da relação íntima, mas o que deve se superar são as forças antagônicas que tendem à violência.

Considera-se que há inter-relações dos elementos mais estáveis dentro da relação, que comportam as forças que são antagônicas que tendem à violência. Essas forças antagônicas são, ao mesmo tempo, mantidas e neutralizadas - e é por isso que muitos adolescentes e jovens suportam situações violentas em nome da harmonia do casal. Assim, olhamos para as inter-relações dos elementos mais estáveis na dialógica amor e coerção com a finalidade de superar os antagonismos que tendem à violência, para que haja equilíbrio das forças antagônicas e, concomitantemente, os equilíbrios organizacionais do relacionamento íntimo vivido pelos bissexuais (DI CIOMMO, 2003; MORIN, 2005).

Diante disso, analisar a violência íntima vivida por bissexuais nestes contextos expostos revela-se os antagonismos que respondem à violência que devem ser separados dos demais. Perante as instabilidades, conflitos e atos violentos desenvolvidos nos relacionamentos de intimidade, as complementaridades existentes nessas relações não

devem eliminar a diferenciação, mas organizar a segregação entre os antagonismos, pois são a indiferença e a homogeneidade responsáveis pelo enfraquecimento e distorção dos relacionamentos de qualquer sistema (DI CIOMMO, 2003; MORIN, 1987; 2005). De acordo com Morin (2004): “É preciso separar, distinguir, mas também é necessário reunir e juntar. O princípio da ordem não morreu, é preciso integrá-lo na dialógica ordem-desordem-organização” (p.564).

Os parceiros agiam violentamente pelo medo e aversão ao que foge do padrão e da norma binária heterossexual-homossexual, sendo que procuravam por similaridades das identidades em meio a um mar de diversidades e diferenças. A similaridade entre as pessoas não exige um olhar profundo e reflexivo sobre nós mesmos e nossas relações com o outro. A superficialidade das relações estabelecidas pelas normas e a homogeneidade abre um espaço amplo para a disseminação de crenças infundadas e discriminações. Isso porque sem a prática do pensamento crítico advindo da autorreflexão e da reflexão em relação ao diferente, ao outro, é mais fácil disseminar crenças, mitos e imaginários sociais, pois não há parâmetros de comparação para tecer críticas sólidas onde impera a homogeneidade (MORONI, 2021; MORIN, 2005).

Diante disso, na bifobia e atos violentos se apresentavam na relação como a fuga da autorreflexão e da necessidade de compreender, negociar e conciliar com o outro, com o que se apresenta como diferente. Faz-se necessário assim, que as relações e identidades bissexuais inquietam as pessoas, para que os discursos do imaginário e a falta de conhecimento sobre ela seja transformada em interesse real e respeito pelas particularidades e subjetividades dessa população.

## **8.2 Princípio Hologramático**

O Pensamento Complexo convida a considerar as realidades dos adolescentes e jovens bissexuais e da sociedade na qual estão inseridos como repletas de antagonismos, dialéticas, singularidades e diversidades de forma contextualizada. Rompendo com a ideia cartesiana e positivista de que a verdade se encontra na clareza e na distinção de ideias, Edgar Morin expõe que “obrigam-nos a reduzir o complexo ao simples, isto é, a separar o que está ligado; a decompor, e não a recompor; e a eliminar tudo que causa desordens ou contradições em nosso entendimento” (MORIN, 2001, p.15)

O princípio hologramático proporciona uma perspectiva ampliada dos fenômenos, possibilita analisar a violência em sua totalidade, mas a desmembrada em dimensões

distintas, sem perder suas especificidades e conectividades (MORIN, 2002; 2007). Deste modo, por meio do Paradigma da Complexidade e do princípio hologramático observamos os elementos que poderiam constituir um todo do fenômeno da violência íntima vivida pelos adolescentes e jovens bissexuais em contexto e não mais isolado dele, possibilitando a articulação das dimensões múltiplas que o compõem e um maior grau de compreensão e conhecimento.

O princípio hologramático do Paradigma da Complexidade dialoga com o modelo ecológico para compreensão do fenômeno violência na relação íntima vivido por adolescentes e jovens bissexuais, proposto pela Organização Mundial da Saúde, que se baseia na evidência de que nenhum fator singular pode explicar o maior risco/proteção de algumas pessoas ou grupos à/da violência interpessoal (MORIN, 2005; WHO, 2017). Entende-se este fenômeno como resultado da interação de múltiplos fatores em quatro níveis – individual, relacional, comunitário e social (MORIN, 2005; WHO, 2017).

A Organização Mundial da Saúde propõe também a classificação da violência em três tipos, de acordo com a relação entre o sobrevivente e o autor da violência (autoprovocada, coletiva e interpessoal), e distingue quatro modos da violência ser infligida (física, sexual, psicológica e negligência) (WHO, 2017). A violência interpessoal vivida pelos bissexuais, tema de interesse do presente estudo, refere-se à violência entre indivíduos, sendo subdividida em intrafamiliar e comunitária. A violência íntima vivida pelos bissexuais, mesmo sendo interpessoal, é reflexo de outras formas de violências sociais, como fobias e preconceitos contra aqueles que não exprimem a heteronormatividade compulsória (MISKOLCI, 2009; 2014).

Além disso, o modelo ecológico associa-se ao princípio hologramático ao permitirem olhar para a interconexão e articulação das formas/dimensões da violência – seja física, verbal, sexual, psicológica, ou cibernética/mediática. Ademais, pelo princípio hologramático olha-se para os sujeitos autores de violência e/ou viventes, ao mesmo tempo, na interação consigo, com o outro, na sua inserção no sistema social, individual e fenomenal, conjecturando a autonomia e a dependência nas interações (MORIN, 2002).

A conjuntura que o Brasil se encontra reflete diretamente nas dinâmicas locais e individuais. Desde o golpe contra a Dilma Rouseff, que resultou em seu impeachment, surgia no Brasil uma onda conservadora, religiosa, autoritária, da extrema direita, que representava um retrocesso de direitos, políticas e conquistas para parte da população brasileira (SHIOTA; POSSMOZER, 2020). Ao ser eleito e começar a exercer seu mandato, Bolsonaro agia com atrocidades, sendo explicitamente contra todas as minorias,

mulheres, negros, deficientes, idosos, LGBTI+, não cristãos (MADEIRA; PEREIRA, 2022).

Neste cenário político, os preconceitos e discriminações se tornaram explícitas, e a polaridade entre direita (bolsonaristas e antipetistas) e esquerda (lulistas e antibolsonaristas) alimentaram ainda mais a intolerância, desrespeito e violências de todas as formas. Ademais, o clima de ódio e violência instaurado pelos bolsonaristas, atingia a dinâmica dos relacionamentos daqueles que eram vistos como inimigos da família tradicional, homens de bens e morais cristãs.

Intensificando a tensão já existente entre os brasileiros pelo cenário político, o vírus da Covid-19 surge atingindo o mundo inteiro e mostrando o quanto este governo foi negligente com a população (MATOS, 2021). Reconhecido como um dos acontecimentos mais marcantes registrados na contemporaneidade, a complexa e desafiadora pandemia da Covid-19, promoveu ações de todos os setores da sociedade. Caracterizando-se como uma questão de Saúde Coletiva, a pandemia atingia os distintos grupos sociais de formas diversas, de acordo com sua classe social, cor, etnia, gênero, geração, orientação sexual e localização.

Governos do mundo inteiro elaboraram medidas de proteção, no combate à transmissão do vírus, como o distanciamento e isolamento social, acarretando em confinamentos que agravaram a exposição à violência por parceiros íntimos e a diversas desigualdades sociais, principalmente para aqueles que a sociedade já os colocava em situação de risco. Diversos fatores favoreceram o fenômeno, como: estresse do autor da violência gerado pelo medo do adoecimento pelo vírus; consumo de álcool e outras substâncias psicoativas; incertezas do amanhã; situação habitacional, e; inviabilidade do convívio social com outras pessoas que representam rede de apoio (TELLES et al., 2020; MARQUES et al., 2020).

Como encontrado nos resultados, a restrição e o impedimento que os/as parceiros/as realizaram para que os/as participantes não conseguissem sair de casa para procurar ajuda, vivida pelos adolescentes e jovens bissexuais, está associada com preocupações financeiras visto que grande parte das pessoas foram dispensadas de estágios, trabalhos informais ou formais, gerando provável redução ou estagnação de renda, aumentando preocupação e estresse de ambos, o que facilitam aos autores de violência terem uma abertura maior para manipulação de sua parceria. Os dados deste estudo validam as pesquisas de D’Affonseca et al. (2021) e Usher et al. (2020) as quais apontaram a preocupação financeira, afastamento do trabalho, isolamento social



compulsório junto com o parceiro e o estresse pelo medo do vírus como os fatores de risco para a violência.

Ao evidenciar os participantes mulheres e homens da cor preta que sofreram violência íntima de seus pares e destacaram pelas narrativas de dor e sofrimento psicológico ressalta a importância do olhar interseccional, além de intersetorial. Certamente a presença do racismo em suas experiências vividas na sociedade também impactam a qualidade de seu relacionamento íntimo e a dinâmica deste. Segundo Crenshaw (2002), desigualdades de gênero, raça e classe se entrecruzam e se potencializam, sendo assim reconhece-se a complexidade das vulnerabilidades a que as mulheres e homens bissexuais e pretos estão expostas. Os segmentos de poder estruturados pelo racismo, classe social e patriarcalismo se entrecruzam e denotam a multiplicidade de opressões a que os bissexuais pretos estão subordinados, determinando mais ou menos poder em suas diversas relações, impactando suas relações íntimas (CRENSHAW, 2002).

Os dados deste estudo validam a pesquisa de Curia et al. (2020) que relatou que nas situações de violência as mulheres jovens, pretas e em situação econômica desfavorável, eram quem mais precisava de atenção devido a vulnerabilidade a que eram submetidas pela sociedade brasileira. Neste cenário, faz-se imprescindível estudos específicos para esta população com análises levando em conta os marcadores sociais e sua intersecção com a desigualdade de gênero, raça e cor (D'OLIVEIRA et al., 2020; SANTO-ROSA, 2021). Assim, a violência nas relações íntimas vivida por bissexuais na pandemia se esbarra na materialidade de condições de vida, em intersecções de sistemas normatizadores de relações sociais, como os informados na raça, no gênero e na classe e por crenças e imaginários preconceituosos.

Ressalta-se que o contexto pandêmico deixou grande parte da população mundial em estado emocional frágil, sendo este intensificado pela percepção e vivência da experiência de violência íntima. Por meio do princípio hologramático e sistêmico, verifica-se que as experiências do contexto da pandemia e do enquadramento do governo político atual, sendo conservador, misógino e autoritário, atravessa e transita pela violência nas relações íntimas, e como consequência, impacta o momento vivido numa relação partes/todo/parte. Dessa forma a pandemia e as repressões sexuais e discriminações sofridas pelos bissexuais afeta as dinâmicas das relações íntimas que impacta a maneira de enfrentar a pandemia. As relações íntimas na pandemia são vistas pelos diversos elementos/partes que as compõem e entre as partes e o todo, pelo contexto

pandêmico e de um governo violento contra as existências minoritárias; em outras palavras, os elementos/partes integram o todo das relações de modo a manter sua interdependência (MORIN, 2002; 2005).

Um estudo realizado para análise do quadro de trauma e violência durante a pandemia em São Paulo mostrou que apesar de o número de homicídios e feminicídios terem aumentado e número de ocorrências atendidas pela Polícia Militar (PM) relacionadas à violência interpessoal entre casais no Estado de São Paulo cresceram 44,9% em 2020, a lesão corporal e a violência interpessoal tiveram as denúncias reduzidas, se comparado a 2019 (SANTO-ROSA, 2021). Acredita-se que aqueles que sofrem tiveram inúmeras dificuldades para realizar denúncias, sentindo-se desencorajadas diante da convivência diária e do controle dos autores de violência sobre os meios de comunicação e interação dos seus companheiros (MARQUES et al., 2020; SANTO-ROSA, 2021).

Diante desse cenário, algumas estratégias foram criadas pelo Governo e instituições não governamentais na tentativa de acolher aqueles que sofrem de violência íntima, doméstica e familiar (BORGES, 2020; BRANDALISE, 2020; GARFIN et al., 2020; PAIVA et al., 2020; SANTO-ROSA et al., 2021; VIEIRA et al., 2020): i) a elaboração da PL 1.798/2020 possibilitando que o registro de ocorrência pudesse ser realizado pela internet ou número de telefone de emergência; ii) o uso de plataformas digitais nos canais de atendimento da Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos; em que qualquer pessoa poderia enviar de forma anônima, fotos, vídeos, áudios ou outros que registram situações de violência e outras violações de direitos humanos; iii) a iniciativa criada Conselho Nacional de Justiça e Associação dos Magistrados Brasileiros por meio da campanha “Sinal Vermelho contra a violência doméstica” que incentiva aqueles que sofrem de a desenharem um “X” na mão e exibi-la ao atendente nas mais de 10 mil farmácias que aderiram à campanha; iv) o Projeto Justiceiras, com parcerias com Rappi delivery e Uber, que através do aplicativo WhatsApp, atendia de forma jurídica, psicológica e assistencial às vítimas de violência e para quem precisasse haveria código promocional para uma viagem gratuita a delegacias, hospitais e serviços assistenciais; v) site Mapa do Acolhimento, responsável por reunir psicólogas e advogadas que fornecem apoio e orientações sobre a situação; e, vi) aplicativos e sites do cotidiano da população brasileira como Magazine Luiza e Avon disponibilizaram uma área que vítimas pudessem pedir ajuda.

Apesar de o Governo reconhecer o aumento da violência íntima durante a pandemia, os discursos do presidente em rede nacional e em suas *lives*, reduziram os fatores motivadores para fenômeno ao isolamento social compulsório, o que estimulava a população a entender que as medidas de proteção contra o vírus eram exageradas e não necessárias, ou colocando toda a culpa no isolamento por estimular brigas e mau comportamento das pessoas (BRANDALISE, 2020; MATOS, 2021). Com esses discursos advindos do representante máximo do Governo brasileiro em suas mídias, que não transmitiam informações precisas e atualizadas, propiciaram ainda mais consequentes e sérios sofrimentos emocionais e psicológicos nos sujeitos que viviam estresses e conflitos de posicionamento sobre a pandemia com os parceiros (GARFIN et al., 2020).

Além disso, ainda não se tem estudos e dados sobre os reais resultados dessas ações de proteção e nem das denúncias realizadas por esses meios. Como eram ações com propagandas voltadas para as mulheres heterossexuais, quais recursos e como conseguiram agir a população LGBTI+ que não se enquadra neste gênero e orientação sexual? O que poderiam ter feito os bissexuais que tinham sua rede de comunicação digital também cerceada? E aqueles que não tinham acesso à internet? Será que sem o olhar para essa população específica foi possível contornar as dificuldades, para procura de ajuda e proteção, efetivamente?

Como indaga Santana e Melo (2021, p.3):

Urge a reflexão e visibilização de que a suposta “democracia de atuação global” da Covid-19 não tem o mesmo impacto em contextos locais, pois há a potencialização das iniquidades sociais em grupos já vulnerabilizados como o de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Intersexuais e outras identidades (LGBTI+).

Neste cenário, em meio às incertezas e incontrolabilidade da pandemia em meados de 2020, a Albert Kennedy Trust, entidade LGBTI+ do Reino Unido, propagava orientações em seus meios de comunicação para jovens gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros. Entre essas, havia o aconselhamento para que estes jovens não assumissem sua sexualidade em meio à pandemia, pois além da ocorrência diária de discriminação por gênero e/ou orientação sexual, a probabilidade de familiares estarem sob estresse pela pandemia e não agirem de forma positiva era maior e para a segurança de todos era melhor cumprir as medidas protetivas de distanciamento social. No entanto, cerca de três quartos dos jovens LGBTI+ do Reino Unido saíram de casa após episódios de LGBTIfobia e ficaram em situação de rua, aumentando sua vulnerabilidade ainda mais.

Já no Brasil, pesquisas são escassas ou estão em processo de atualização de dados, não mencionam adolescentes e jovens LGBTI+ e não abarcam análises dos fatores relacionados ao gênero e a orientação sexual. Sendo desconsiderados nos levantamentos durante a pandemia, parecendo inexistir, questiona-se quem se preocupa com os adolescentes e jovens LGBTI+ brasileiros? De acordo com Santana e Melo (2021, p.9):

A LGBTIifobia modifica e potencializa o impacto da Covid-19 sobre a população LGBTI+, além de alterar a capacidade de proteção desse grupo em alguns eixos, tais como: insuficientes formas de implementar medidas gerais de prevenção; iniquidades em saúde preexistentes que podem ser potencializadas pela covid-19; e dificuldades no acesso aos serviços de saúde.

No que concerne as especificidades dos adolescentes e jovens bissexuais, não há estudos direcionados, não há dados oficiais sobre seus desafios durante a pandemia, pois suas experiências são diversas e singulares se comparadas a população heterossexual, gays, lésbicas e transsexuais.

Para além da vulnerabilidade que colocam as pessoas bissexuais, adolescentes e jovens, ao ficarem sem trabalhos, estágios, estudos presencialmente e com pouca interação com amigos e rede de apoio presencial, o posicionamento de si e do companheiro tornam-se novas configurações. O processo é não-linear e dinâmico, um processo dialógico marcado com transições que ocorrem no relacionamento e nas interações relacionais e na parte/todo.

Sofrer a violência da parceria íntima durante a pandemia é delicado, visto que as regras estabelecidas na relação estão incertas, as estratégias conhecidas para soluções de conflitos já colocadas em prática anteriormente são colocadas em jogo, e, as situações e vivências violentas se prolongam, gerando ainda mais apreensão e conflitos. Vive-se um conflito interno entre elaborar o ocorrido e os sentimentos de sofrimento que a parceria lhe proporcionou, e ao mesmo tempo, um medo que as outras pessoas descubram e o/a julguem por permanecer na relação, gerando-lhe sofrimento maior. Durante o isolamento social compulsório, violências psicológicas, morais, verbais e emocionais, tendem a ser mais relevadas, amenizadas, toleradas e apreendidas como naturais da relação (MAZZA et al., 2020). Assim, no dia a dia, as mudanças diárias dos protocolos de proteção da pandemia ganham maior significância do que as ações violentas na relação, visto que a maioria dos contatos com amigos e familiares se restringe ao virtual e com protocolos de segurança e distanciamento em encontros presenciais.

No contexto da pandemia, as violências íntimas fragilizam ainda mais os sujeitos, por permearem o campo online e offline das relações. Com o isolamento social,

promoveu-se um novo estilo de vida sendo totalmente regulado pelas redes sociais digitais e comunicações virtuais (MAIA; DIAS, 2020). Deste modo, o “[...] afeto, sexo e amor passam a se dar em uma nova configuração [...], em que as relações sociais são mediadas digitalmente” (MISKOLCI, 2014, p.273).

Nesta conjuntura aumentou-se o padrão de ocorrência de *cyberstalking*, como comportamento ou conduta persistente, repetitiva e invasiva que utilizam das tecnologias de informação e comunicação para monitorar e espionar constantemente as atividades digitais de sua parceria íntima (PIRES et al., 2018). Alguns indivíduos utilizam do *cyberstalking* para, através do monitoramento e exame, intimidar e ameaçar com chantagens emocionais seu/sua parceiro/a íntima, gerando medo, ansiedade e insegurança nele/as (SANI et al., 2018). Esta estratégia é utilizada para controle e dominação sobre a parceria, sendo que o outro envolvido na relação ao negar acesso aumenta a desconfiança e a tensão entre o casal (LASKEY et al., 2019).

A impossibilidade de sair de casa, pelo distanciamento social, colocava os recursos digitais como um instrumento de autorregulação e nova alternativa para o contexto pandêmico, assim os sujeitos criavam estratégias individuais de ação e enfrentamento da violência vivida (MAIA; DIAS, 2020). Sendo assim, muitos encontram como alternativa ceder à pressão do monitoramento digital/virtual com objetivo de ter paz na relação, anulando-se para a manutenção dessa, materializando a simbiose do mundo real e virtual (LASKEY et al., 2019; SANI et al., 2018). O *cyberstalking* como violência psicológica acompanha outras formas de manifestações desta e de outros tipos de violência, como a verbal (PIRES et al., 2018).

O contexto virtual atravessa as relações e a violência nas relações de intimidade entre os participantes deste estudo. Nos últimos anos, a literatura científica tem se aprofundado nas pesquisas sobre a violência nas relações de intimidade digitais e/ou virtuais entre os adolescentes e jovens, sendo caracterizado por comportamentos do uso de mídias digitais para monitorar, controlar, ameaçar, ferir, pressionar ou coagir um/a parceiro/a íntimo/a (OUYTSEL; PONNET; WALRAVE, 2016). Um estudo belga, com estudantes de 16 a 22 anos, identificou que alguns elementos estabelecem relações de modo considerável à vitimização de violência em relacionamentos íntimos digitais mediada pelo controle, tais como o envolvimento em comportamentos online de risco; a maior duração do relacionamento; e o maior número de redes sociais utilizadas (OUYTSEL; PONNET; WALRAVE, 2016).

Neste cenário em que as comunicações digitais eram o principal meio de aproximação entre as pessoas, as diversas manifestações de violência psicológica foram predominantes neste estudo. As que mais se destacaram foram *negging* e *benching*, pois se manifestaram tanto com parceiros fisicamente próximos ou distantes, tanto no mundo online/digital, quanto no mundo offline e presencial. O comportamento de elogiar e criticar ao mesmo tempo como é compreendido o *negging*, tem crescido com o tempo, frases como: ‘você está ótima assim, mas se emagrecer uns três quilos ficará perfeita’, ‘você fala demais, cuidado para não te interpretarem mal’, ‘você está linda, mas acho que fica melhor sem maquiagem’ e muitas outras que são ditas, as vezes até em tom de brincadeira, fazendo com que a desqualificação se apresente de forma muito sutil e velado, quase não sendo interpretado como comportamento abusivo.

Uma pesquisa pioneira do Reino Unido expôs a ‘indústria’ de ensino do *negging* entre empresas de namoro ou palestrantes, que o ensinam como uma ferramenta de sedução para conquistar mulheres (GRENN; KUKAN; TULLY, 2017). Os pesquisadores defendem que anteriormente o *negging* ‘original’ era tido como uma estratégia inofensiva para atrair mulheres, mas que o *negging* propagado por essa indústria de coaches e especialistas de relacionamentos é considerado um *negging* ‘evoluído’, sendo este “descrito como a redução proposital da autoestima da mulher para aumentar a atratividade percebida do homem, a fim de alcançar a conquista sexual” (GRENN; KUKAN; TULLY, 2017, p.7)

Segundo os autores, o *negging* age de uma forma potencialmente prejudicial, psicologicamente e emocionalmente, o que pode viabilizar um relacionamento íntimo abusivo (GRENN; KUKAN; TULLY, 2017). A gravidade se apresenta quando inúmeras séries, filmes e novelas abordam o comportamento sem o problematizar, apenas propagando como estratégias de conquista, sem alertar para as consequências emocionais deixadas naqueles que sofrem.

Um episódio da série *The Big Bang Theory*, um dos personagens explica aos colegas que iria para o bar caçar mulheres e utilizar a técnica que aprendeu com empresa de relacionamento, em seguida, ao interagir com uma personagem mulher, diz: ‘Penny, como você está linda, sabia que nem todas as mulheres ficam bem com o cabelo oleoso como o seu?’. Apesar da garota ter rejeitado a ‘cantada’ e ter agido com repulsa, não houve uma crítica sobre o *negging* e milhares de pessoas assistiram essa série americana. Este é só um exemplo.

A pesquisa do Reino Unido, com 308 participantes, de ambos os sexos, pretendia analisar a percepção da população sobre o *negging*, exibindo o comportamento em casais ou estranhos. Dessa forma, os participantes avaliaram o *negging* evoluído entre pessoas que acabaram de se conhecer ou estranhos de forma significativamente menos aceitável do que entre parceiros formais, inferindo que no início são mais capazes de encerrar o contato por não haver um investimento na relação. O fato é que seja a relação formal ou informal, a nocividade se apresenta igual em ambos os casos (GRENN; KUKAN; TULLY, 2017).

Assim, a pesquisa mostrou a falta de consciência sobre a importância de atos emocionalmente prejudiciais em relacionamentos íntimos e que pessoas em relações não saudáveis tendem a tolerar muito mais abusos psicológicos. Com o tempo, a opinião da pessoa autora da violência passa a ser a opinião mais importante para a pessoa que a sofre, que passa a se moldar para caber na idealização da outra (GRENN; KUKAN; TULLY, 2017). Ao longo do tempo esses comentários deixam sequelas emocionais e psicológicas graves nas pessoas, como preocupação excessiva com a estética, baixa autoestima, ansiedade, sentimento de invalidez, confusão emocional (GRENN; KUKAN; TULLY, 2017).

Já o *benching*, é tido como uma forma de “assombrar” o outro. Diferentemente do *ghosting* que a pessoa some do nada como um fantasma e não aparece mais, o *benching* é um abandono afetivo temporário, pois a pessoa que o pratica volta a ter contato. O *benching* é muitas vezes nomeado como castigo do silêncio, por a pessoa que pratica ignorar a existência de seu parceiro por um tempo. O *benching* surge a partir da imaturidade emocional, da dificuldade, ou até incapacidade, de uma boa comunicação e de lidar com situações conflituosas. Ao afastar-se sem sinais prévios, fomenta vulnerabilidade e dependência da relação. Esse comportamento tem consequências para quem sofre e também para quem o faz, ambas traduzem inseguranças: uma que sente a necessidade dessa relação, outra que não sabe se comunicar e não sabe se continua nela.

Pode-se pressupor que quem pratica *benching*, ou práticas semelhantes como o *ghosting*, provavelmente já vivenciaram o mesmo, sendo vítimas, e machucados, não elaboraram o término da relação e seus sentimentos corretamente, e que em alguns casos, estes podem não tem consciência dos danos que causam nos outros, justamente por não processarem suas próprias questões emocionais. Se afastam e voltam se aproximando como se nada tivesse acontecido. Pode-se inferir que os autores desta prática, ao evitar de

todas as formas o enfrentamento cara a cara, possuem uma incapacidade de enfrentar os próprios medos, muitas vezes associados com questões de abandono.

Para quem as sofre, deduz-se que o rompimento brusco ou sem muitas justificativas, pode agravar o trauma da experiência, podendo até dificultar a vítima reagir. Ao receber mensagens posteriormente, tentando uma reaproximação, pode propiciar à vítima a dificuldade da elaboração do acontecido de forma saudável. Infere-se que o comportamento gera sensação de uma rejeição vaga, fazendo com que a vítima procure justificativas para a situação e que o processo do rompimento seja mais longo e doloroso.

Nesta conjunção, esta pesquisa mostra que independente se os autores da ação do *negging* e/ ou *benching* tem consciência do dano que causam ou não e sejam esses comportamentos intencionais ou não, eles geram sentimentos de invalidez, insegurança, diminui a autoconfiança e autoestima, além de fomentar uma maior vulnerabilidade em quem os sofre. Nos estudos de Fonseca, Ribeiro e Leal (2012) sobre a violência psicológica, a vergonha aparece como sentimento predominante, comprometendo ainda mais a autoestima das pessoas as sofre, e a “indiferença com que são tratadas contribui para que elas permaneçam na inautenticidade” (p.5).

Nesta contextura, pelo princípio hologramático percebe-se que as violências psicológicas por parceiros(as) íntimos (as) vivido pelos bissexuais durante a pandemia fragilizam ainda mais esses sujeitos diante de um momento conturbado como o do contexto atual, constituindo, assim, as principais fontes que levam os adolescentes e jovens a protelar uma possível ruptura do relacionamento íntimo, por se sentirem presos(as) e incapazes sem o(a) autor(a) da violência, as dificuldades em pedir ajuda ou tomar decisões neste contexto (KAUKEN, 2020; MAZZA et al., 2020; OLIVEIRA et al., 2020; PIQUEIRO et al., 2020).

Ao serem, simultaneamente, resultados e geradores de condutas e ideais, a forma como os adolescentes e jovens bissexuais lidam e agem frente às instabilidades, aos conflitos, às violências sofridas dentro da relação de intimidade, seja fomentando novas práticas violentas ou novos ideais e novas formas de interações entre eles e a sociedade, é um marco que torna cada adolescente e jovem bissexual, nesta fase da vida, indivíduos diversos e singulares.

Pelo princípio hologramático também é possível ter uma perspectiva holística da coocorrência de ações violentas entre os/as parceiros/as íntimas vivida por bissexuais, em que ambos assumem posição de autor e sobrevivente da violência, podendo ser de forma



concomitante ou não. Dessa forma, há bidirecionalidade da violência na relação íntima e esta pode se manifestar em grau e nível da gravidade diferente para cada um envolvido na parceria (HU et al., 2019; MACHADO et al., 2019; RIDINGS et al., 2018).

Há tempos a literatura evidenciava o necessário e complexo debate entre o particular e o universal neste contexto, para não ocorrer uma estigmatização e cristalização de quem sempre é a vítima e quem sempre é o agressor, ultrapassando o reducionismo de quem “é do bem” e quem “é do mal” (MORIN, 2001). Considerando-se que para o Paradigma da Complexidade são os próprios indivíduos que produzem a sociedade que os produz (MORIN, 2007), realizar uma investigação sobre a bidirecionalidade da violência dentro do relacionamento íntimo vivido pelos bissexuais é algo fundamental para a compreensão do fenômeno em toda a sua complexidade.

Neste cenário, esta pesquisa vai ao encontro da literatura que expõe a violência psicológica como o tipo mais comum, não só em relacionamentos que se manifesta violência unidirecional, mas também em relações de intimidade em que há bidirecionalidade da mesma (HU, et al., 2019; LASKEY et al., 2019). Dependendo das interpretações tecidas pela experiência vivenciada, diante de uma ação violenta na relação íntima, as pessoas tendem a assumir papéis e posições diferentes, enquanto significa a experiência e tenta a transformar.

Nos estudos de Conroy et al. (2020) apresentou que entre casais que viviam violência bidirecional, 49,8% não apresentavam concordância sobre a violência psicológica perpetrada e sofrida por eles/as. As diferenças de percepção sobre esta podem estar relacionadas com as crenças que os participantes têm sobre o que venha a ser este tipo de violência, justamente por não deixarem facilmente marcas visíveis.

A violência psicológica foi predominantemente o tipo de violência mais relatada nesta presente pesquisa. Deduz-se que, apesar de em grande parte estar acompanhada de outras formas de violência, ela é a mais naturalizada, e por isso pode ser considerada pelos/as autores/as e viventes uma forma menos grave de violência. Pondera-se que neste tipo de violência os/as autores tendem a minimizar os atos violentos praticados e os/as viventes não se sentem como vítimas ou não terem a total dimensão do impacto da violência psicológica em suas subjetividades (CONROY et al., 2020).

No que tange a violência física, para Palmetto et al. (2013), os sujeitos envolvidos neste tipo de violência bidirecional na relação íntima sofrem lesões mais graves, pois há uma escalada da violência que aumenta a severidade e a frequência da mesma. O presente estudo vai ao encontro com as pesquisas de Hu et al. (2019), Palmetto et al. (2013) e

Machado et al. (2019), as quais mostram que esta violência bidirecional surge como resposta de uma ação violenta vivida, retaliação ou legítima defesa.

Wu et al. (2015) apresentou em sua pesquisa a prevalência de 86% da violência bidirecional em casais gays, lésbicas e bissexuais, sendo que 62% dos casais reconhecem e concordam entre eles sobre a violência que era vivida como autores e vítimas. O estudo de Stults et al. (2020) apresentou 65% de prevalência da violência bidirecional entre homens homossexuais e bissexuais (STULTS et al., 2020).

Esta pesquisa apresenta violência íntima vivida por bissexuais de modo não reiterado, mas pautado por tensões na relação que surgiram de forma esporádica antes e durante a pandemia, mas que em alguns casos foram intensificando, pelos dois envolvidos na parceria, mesmo que em grande parte como autodefesa e revidação. Mas, diferenciando dos estudos de Bates et al. (2016), que apresentava ausência de escala de intensidade ou de gravidade e mantinha-se baixo controle coercivo, o presente estudo apresenta alto controle coercitivo por pelo menos uma das partes envolvidas.

Neste estudo, pelo princípio hologramático, percebe-se o quanto o desejo pela posse e dominação do/a companheiro/a recíproco que se encontra na bidirecionalidade da violência também é consequência da forma como a sociedade se organiza. Foucault concebe esse mecanismo de “dominação” como sinônimo de poder, ou seja, um desejo de poder sobre o outro (FOUCAULT, 2008). Essa dominação se dilui de diferentes formas na sociedade, como os diferentes preconceitos, discriminações e subalternação sofridas pelos sujeitos que atingem suas subjetividades e o modo como passam a interpretar o mundo e suas experiências. E assim, uma violência gera a outra e se retroalimentam no elemento/parte/todo da sociedade.

Pelo olhar hologramático verifica-se que apesar da bidirecionalidade, não se pode equiparar a violência feita pelo heterossexual e/ou branco e a reação violenta do/a bissexual, ainda mais se o/a bissexual for negro/a, como os/as participantes deste estudo. Segundo DiAngelo (2018), colocou-se como sujeito universal o ser cisgênero, heterossexual e branco, que atuam negando seu lugar social de privilégios e assumem que todas os seres brancos e não brancos ocupavam os mesmos lugares e tinham as mesmas oportunidades. Assim, com essa falácia, as violências sofridas pelas pessoas não brancas, não heterossexuais e não cisgêneras, como transexuais, negras e LGBTI+, também são negadas.

E nesta sociedade, racista, misógina, classista, LGBTIfóbica, equiparar o impacto da violência sofrida e o sofrimento das pessoas é negar as estruturas desiguais de poder

que atacam os corpos dos negros, não heterossexuais e não cisgêneros o tempo todo (PFEIL; GONZALEZ, 2021). Os sofrimentos do ser heterossexual e/ou branco e do ser bissexual e/ou negro são constitutivamente desiguais. Verifica-se assim, que apesar da bidirecionalidade, há desigualdade da violência vinda dos parceiros homens cisheteronormativos com a das mulheres bissexuais, pois como Freire (1978) expõe, há uma grande diferença: “A daqueles [dos cisheteronormativos] é exercida para preservar a violência, implícita na exploração, na dominação. A dos últimos [dos bissexuais], para suprimir a violência, através da transformação revolucionária da realidade que a possibilita” (p.32).

Ademais, esta pesquisa retira do campo da discussão a noção de que a violência na relação íntima só pode ocorrer por meio do poder que um homem cisgênero heterossexual opera sobre a mulher, já que a violência íntima bidirecional vividos por homens e mulheres bissexuais e homossexuais desafia essa ideia cada vez mais (STULTS et al., 2020; WEI et al., 2020). Assim, pelo olhar hologramático percebe-se que a violência bidirecional vivida pelos bissexuais perpassa por classe social, cor e etnia, e pelas especificidades dos gêneros e orientações sexuais (CASIMIRO, 2008; WU et al., 2015).

Neste contexto, a violência por parceira(o) íntima(o) bissexual está permeada pelos obstáculos sociais vividos pelos adolescentes e jovens, o que intensifica ainda mais sua invisibilização, situando os viventes, que muitas vezes não são assim autoreconhecidos, em estado de risco ainda maior (JUNIOR et al., 2020). A menor visibilidade deste fenômeno em suas especificidades produz um acréscimo nos obstáculos sentidos pela população bissexual, tal como a dificuldade no acesso a redes de apoios disponíveis no enfrentamento da violência íntima (SANTOS, 2020).

Políticas de segurança e específicas para a população bissexual e/ou não heteronormativa e para as demandas das ocorrências da violência íntima nessas relações não são instituídas, não havendo reconhecimento do fenômeno e proteção dos sujeitos que vivenciam a violência por parceiros íntimos. Dessa forma, estar vivenciando violência por parceiros íntimos se torna uma dupla batalha pela visibilidade a ser enfrentada pelos bissexuais e por toda população LGBTI+.

As equipes dos serviços de saúde (locais estes estratégicos para o acolhimento da população em estado de violência) não estão habituados com experiências de vitimização da população bissexual, principalmente no que tange a seus relacionamentos íntimos. Assim, encontram-se despreparados para atender as necessidades específicas de cuidados

de saúde relacionadas ao contexto social, à discriminação e à vulnerabilidade que se impõe sobre a população bissexual (SOUZA et al., 2021). Diante disso, estudo de Souza et al. (2021) a respeito da vulnerabilidade em saúde e mulheres bissexuais/lésbicas, expondo que “alvo preferencial de processos de estigmatização, elas são duplamente estigmatizadas, marginalizadas e penalizadas: por serem mulheres e por terem orientação sexual não heteronormativa” (p.14).

No que tange as implicações ao campo da saúde, Carvalho e Philippi (2013) apresentaram as percepções da população que se identifica como bissexual e/ou não heteronormativa em relação aos serviços de saúde. O estudo mostrou o sentimento de não acolhimento e cuidado dessa população pelos profissionais da saúde e o despreparo destes. Segundo De Barros, Sani e Santos (2019), muitos LGBTI+ narram permanecerem no relacionamento íntimo violento por não saberem como procurar ajuda e pelo receio de serem discriminados nos serviços de saúde.

Junior et al. (2020) aponta que frequentemente são narrados protocolos em saúde que tornam as abordagens em saúde e cuidado violentas ou pouco acolhedoras para a população LGBTI+, como coleta de informações e exames físicos de forma não adequada ou inapropriada. Neste contexto, a Organização Pan Americana da Saúde aponta, no que diz respeito à sexualidade, que os serviços e profissionais de saúde não têm considerado e reconhecido as diversidades e especificidades dessa população nos atendimentos, pois não sabem suas demandas, não há comunicação de forma adequada, não conhecem suas particularidades (OPAS, 2017).

Faz-se necessário o desenvolvimento da compreensão do fenômeno da violência íntima vivida por bissexuais e de mecanismos de enfrentamentos e cuidados voltados a essa população, no campo social e da saúde (JUNIOR et al., 2020; OPAS, 2017). Ademais, faz-se fundamental para a superação desses estigmas e iniquidades que os profissionais de saúde realizem o atendimento humanizado, contextual, levando em conta os marcadores de gênero, classe, raça/ cor, etnia e orientação sexual (PINTO et al., 2020).

A visibilização do fenômeno da violência íntima vivida por bissexuais se faz imprescindível para seu combate. Ademais, há necessidade de considerar um cuidado específico a população bissexual e à violência por parceiros íntimos vivenciadas por eles, por meio de uma abordagem contextualizada; do conhecimento dos conceitos de interseccionalidades e vulnerabilidades que se colocam sobre os bissexuais, e das reflexões sobre as crises de interpretação, intracepções ou inferências, que muitos

profissionais da saúde fazem fundamentados em valores e preconceitos que reproduzem a cisheteronormatividade (JÚNIOR et al., 2020).

O uso da dialógica, do hologramático e do recurso organizacional visam romper com o reducionismo, com relações lineares, de causa e efeito, e com o círculo vicioso contemplado pela visão cartesiana e positivista. Segundo Edgar Morin (1999, p.34):

[...] é preciso reformar as instituições, mas se as reformamos sem reformar os espíritos, a reforma não serve para nada, como tantas vezes ocorreu nas reformas do ensino de tempos passados. Como reformar os espíritos se não reformamos as instituições? Círculo vicioso. Mas se tivermos o sentido da espiral, em dado momento começaremos um processo e o círculo vicioso se tornará em círculo virtuoso. O problema no segundo paradoxo colocado por Marx a respeito da educação: quem educará os educadores? É preciso que eles se eduquem a si mesmos. Era o que eu desejava dizer nesta introdução à reforma do pensamento.

Para a transformação das instituições, espíritos e consciência, é necessário pensar na transdisciplinaridade, mas não qualquer transdisciplinaridade, pois nem todo diálogo é sinônimo de religação e nem toda religação apresenta complexidade em saberes, ficando em sua superficialidade (MORIN, 2007). De acordo com Morin (2007), é necessário se perguntar, qual transdisciplinaridade usar e como usar. Em vista disso, olhar para o fenômeno da violência na relação íntima vivida por bissexuais com uma visão Complexa é também identificar quais saberes, disciplinas, abordagem em saúde e políticas realmente têm sido inter-relacionadas e postas em práticas, a fim de alcançar: as pessoas bissexuais, negras, de classe baixa; as pessoas bissexuais que vivem a bidirecionalidade da violência na relação; as pessoas bissexuais que também são transsexuais, não binários ou a gêneros; ou seja, para atingir toda a diversidade que os bissexuais representam em sua cor e etnia, gênero, classe social, sexualidade e geração. Segundo Morin (2004, p.545):

Trata-se de estarmos sempre acompanhados, de modo também reflexivo, de um desassossego constante das nossas ações, de perguntarmos sempre o que estamos fazendo, a que se refere nossa própria ação, o que ela está produzindo, no que se ela está transformando, de estarmos presente, juntos, na ação contextualizada.

Neste ínterim, o papel da saúde coletiva e enfermagem se faz fundamental, contribuindo para um novo olhar do fenômeno e produção de novos significados a este, por meio dos espaços que ocupam, ofertando atenção digna a estes sujeitos e resiliência em suas subjetividades (CARLOS et al., 2020). Assim, a enfermagem é peça importante para visibilização da violência por parceiros íntimos vivida por bissexuais e para a promoção de ações de prevenção e pósvenção do fenômeno.

Pensar a complexidade é olhar para essa reestruturação do saber, pensar e agir, compreendendo que fazemos parte de uma realidade multidimensional e interligada, onde há possibilidade de organização mesmo através de elementos que geram incertezas, onde o global e o individual convivem, estabelecendo comunicação (MORIN, 2002). Assim, é necessário uma abordagem e educação que colabore em questionar formas de pensar e viver sexualidade, que invista na formação de uma massa crítica juvenil, rompendo com a simplificação para que haja cidadanias ativas, sujeitos por emancipação, sexualidades plurais e relacionamentos íntimos saudáveis. Essa percepção é ampliada pelo pensamento complexo, a partir do qual somos partes do todo e, qualquer alteração nas partes, implica mudança no todo.

### **8.3 Recurso Organizacional**

Ao investigar o fenômeno da violência na intimidade vivido por bissexuais, o Paradigma da Complexidade propõe encontrar um meio, método e estratégia que detecte as implicações, articulações e interdependências, pois tudo o que é humano é multidimensional: psíquico, histórico, econômico, cultural, demográfico e sociológico (MORIN, 2002).

No princípio de Recursão Organizacional é possível compreender os adolescentes e jovens, assim como a identidade bissexual, como produtos e produtores de seus processos interacionais e da sociedade em que vivem, para assim olhar a interconexão que dá características à violência no relacionamento íntimo vivido por eles. Ao refletir sobre o princípio do recurso organizacional constata-se que todas as relações sociais dos seres humanos, são construídas e desconstruídas de acordo com o contexto sócio-histórico-político-econômico-cultural de cada época (MORIN, 2002).

O Paradigma da Complexidade estabelece o conhecimento do movimento circular que diz respeito à reintrodução do conhecimento e todo conhecimento – todo conhecimento é uma tradução e/ou (re)construção de um “espírito/cérebro” numa determinada cultura e em determinado tempo (MORIN, 2001; 2007).

Compreendemos a violência na intimidade vivida por bissexuais pelo conhecimento do recurso organizacional e do movimento circular ao considerar: (i) que da mesma forma que as intersubjetividades do ser humano são influenciadas e construídas por valores, condutas, padrões, modelos de relações, mitos, ideais e práticas de vida, também são influenciadoras e construtoras destas; (ii) como as concepções de

homem/mulher, heterossexual/homossexual e bissexual que foram construídas historicamente e suas implicações nos dias atuais.

Estes conhecimentos também implicam a compreensão a partir da cultura local, regional ou global que pode influenciar e modificar estes entendimentos. Por isso, considera-se os relacionamentos íntimos dos adolescentes e jovens como construções sociais, que são concebidas e desenvolvidas em uma sociedade traçada e regulada, de forma dominante, pelo capitalismo, racismo, binarismo, classicismo, misoginia, patriarcalismo, cisnormativismo, heterossexualidade compulsória e heteronormativismo.

Como a orientação sexual bissexual foi um dos elementos centrais na dinâmica relacional perpetrada por violência relatada pelos adolescentes, a Complexidade mostra que [...] toda a gama de bissexuais, homossexuais e transexuais que escapam à perspectiva simplificadora” (MORIN, 2005, p.362). Tem-se que o Paradigma do Positivismo ou do Conflito não traz reflexões sobre gênero, sexo e desejo nem aprofundamentos sobre a sexualidade humana e gênero nos sistemas de construção, estabelecimentos e representações de poder (FERNANDES, 2021).

A sexualidade é um elemento distintivo do nosso ser, é elemento fundamental para eu interagir com o outro, construir elementos para o reconhecimento de si e o modo como o outro me reconhece. Sexualidade é a maneira como a pessoa lida com sua identidade e suas questões psicológicas, emocionais, autoestima, afetos e relacionamentos e meios sociais (GROSSI, 2007). Dessa forma, a sexualidade é um processo de produção social, é resultante da forma como interagimos com o meio.

Diante disso, compreende-se o ser humano cheio de subjetividades, complexo e diverso, o qual está subserviente aos “direitos e deveres impostos pela sociedade, através do Estado e da história da sexualidade humana dentro da microfísica do poder” (FOUCAULT, 1984, p.87). Segundo Foucault (2008), o Estado e Poder se mesclam e exercem sobre todos seus indivíduos a biopolítica, o biopoder e o micropoder. O primeiro se refere a regulamentação da vida, o segundo concerne ao impacto do poder dos governos sobre a vida das pessoas, e o terceiro tange ao poder diluído pelas camadas da sociedade, fazendo com que os corpos se tornem disciplinados e adequados às normas sociais. As instituições cristã, penal e médica e seus discursos controlam os corpos, dominam ao manifestar controle dos desejos, aprisionaram em identidades fixas e em ideias de população (FOUCAULT, 2008).

Assim, por meio desses discursos controlam-se o que é possível ou não, e os corpos LGBTI+ são controlados por esses dispositivos. A LGBTIfobia advém das

diversas formas de dominação, como colonização, aculturação e destituição das dissidências de valor moral. Destarte, o corpo sempre foi um campo de controle e ainda hoje o é fortemente, com outras formas de disputas por dominação e imposições, com proclamações de verdades absolutas de como se deveria ser. Expressa-se assim, diferentes modalidades de aprisionamento e hierarquização de estar e ser. Segundo Foucault (2010, p.8-9),

Em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e distribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Com isso, “é importante destacar que as diferenças traçadas entre homens e mulheres, heterossexuais e homossexuais foram/são montadas historicamente, diante do processo de evolução da sociedade bem como os princípios, valores culturais e sociais” (MORIN, 2005 p.362). Pelo princípio do recurso organizacional percebe-se a imposição e padrão da heterocisnormatividade, como uma lógica conservadora, preconceituosa e moralista, que regula e normatiza os corpos a partir do poder disciplinador e da não legitimação das relações não cisheterossexuais (SOUZA; HONORATO, 2020).

A discriminação sofrida pelos bissexuais e toda comunidade LGBTI+ revela o poder que as ideias normativas têm sobre a vida das pessoas. A construção dessas ideias forma as imagens do imaginário social - elemento importante para construir as pontes necessárias na sociedade, para nos sentirmos incluídos, parte dela e nela. Assim, essa discursividade que propaga um imaginário social preconceituoso e discriminatório é internalizada, difundindo o que se considera normal e anormal. Assim, permeada pelas práticas sociais, a noção de norma regula os corpos e os classifica como normais, necessitando assim, ‘assujeitar-se’ à norma para assim ser considerado sujeito e legitimado (BUTLER, 2014).

Os discursos e ideias classistas, sexistas, racistas, patriarcais e LGBTIfóbicas, fundamentadas no cristianismo fundamentalista derivam do legado do processo de colonização/colonialidade/modernidade. Dessa forma, com o recurso organizacional verifica-se como as lógicas das relações de poder coloniais foram atualizadas e colocadas em prática através da colonialidade do saber/poder, violentando, eliminando/aniquilando, silenciando e invisibilizando os bissexuais e todos os não cisheterobranco-normativos (PFEIL; GONZALEZ, 2021). Dascal (2009, p.2) traz em seus estudos a noção de colonialidade das mentes:



É um tipo de violência epistêmica caracterizada como transmissão e modificação de sistemas sociais e de hábitos de pensamentos, tais como família, linguagem, religião, ciência, educação, ideologia, mídia e agrupamentos políticos, os quais disseminam formas de imposição do pensamento e ação do colonizador.

Assim, de acordo com Moroni (2021), “a posse e o controle dos corpos e das mentes daqueles que sofrem dessas formas de subjugação permanece até hoje em suas versões contemporâneas, trazendo consigo os rastros de ações e intenções do passado” (p.360). Esses discursos e imaginário social se tornaram uma ferramenta importante na colonialidade de mentes, gerando crenças e ações discriminatórias que fundamentam as violências nas relações íntimas vivida pelos bissexuais. Para Moroni (2021, p.361):

Na maioria dos casos, os colonializadores não percebem que também tiveram suas mentes colonializadas e que estão colonializando mentes, tampouco os colonializados percebem que estão sendo subjugados por colonializadores via autoridade epistêmica. Ambos não percebem os danos da imposição de crenças e padrões de ações porque acreditam que estão colaborando para o bem comum da sociedade.

O paradigma da complexidade propõe uma abordagem contra-hegemônica que questiona os paradigmas coloniais, eurocentrismos e universalismos, e suas interferências nos modos de agir, pensar e existir. Pelo prisma do Paradigma da Complexidade, Morin (2003) discorre o quanto os homens criam ideias e por elas são dominados, morrendo e matando por elas, para que se mantenham e perpetuem. “Os dogmas racionalizadores são os que se verificam, não em relação à experiência ou aos acontecimentos do mundo real, mas em relação à palavra sacralizada de seus fundadores” (MORIN, 2011, p.55). Mas, como lembra Morin (2003), “Assim, quando conservamos e descobrimos novos arquipélagos de certezas, devemos saber que navegamos em um oceano de incertezas” (p.59). E acrescenta, “todas as verdades são mutantes. [...] o absoluto é, simultaneamente, o incerto”. (MORIN, 2011, p.28-29).

Os discursos do estado, penal, político, religioso, médico e econômico que controlam os corpos, vontades e as mentes colonizadas, se fazem presentes na nossa sociedade de forma arraigada. Esses mesmos discursos são os utilizados por Bolsonaro e seus aliados, a bancada evangélica do senado até o pastor da igreja do bairro, e todos aqueles que elegeram como inimigos da família tradicional, todos os LGBTI+, as mulheres negros, deficientes, idosos, pobres e demais minorias sociais(MADEIRA; PEREIRA, 2022; SHIOTA; POSSMOZER, 2020).. São esses discursos que colonizam mentes que reproduzem a ideia de ideologia como gênero, falaciosa e retórica, que legitimam a repressão sexual e os corpos divergentes para serem extintos.

Em pleno 2022, quando parte da sociedade brasileira não concorda com o resultado da reeleição do Bolsonaro e começam a propagar *fake news* e discursos absurdos, como ‘salvem as crianças do comunismo e da homossexualidade’, ‘votou no PT, agora seu filho vai virar gay e você irá se arrepender’, ‘agora os banheiros serão unissex e os homens vão abusar sua filha dentro do banheiro’. O bolsonarismo ainda reage de forma violenta àqueles que eles consideram uma afronta às suas ideias, e vê na vitória do oponente uma afronta aos conservadores e detentores do poder (MADEIRA; PEREIRA, 2022).

Esses discursos dominantes reproduzidos por tempos em tempos, colonizando mentes, constitui a base de toda violência vivida pelos bissexuais em seus relacionamentos íntimos. A violência na relação não existe porque são bissexuais, mas sim porque a sociedade é violenta o tempo todo com eles. Quando há violência na relação é porque a dinâmica relacional reflete a dinâmica vivida pela sociedade. Diante deste contexto que se compreende a fala da participante entrevistada Júlia: “E ele (ex namorado) não via problema em nada disso, se eu me maquiava ou não, se era bi ou não, mas a família dele via, eram homofóbicos. E isso impactou nosso namoro”.

Segundo Fernandes (2019, p.14):

Ao se impor às sociedades colonizadas esse arcabouço de práticas, cabe às justificativas morais e filosóficas fundamentar o esvaziamento desses povos de si mesmos. Trata-se de lhes ensinar como sua cultura é equivocada, seus afetos são errados, sua sociedade é atrasada e iletrada, sua religião não tem fé, sua cor é escura demais, seu amor é uma espécie de **perversão** [grifo do autor] e, enquanto se mantiverem sendo e parecendo com o que são e parecem, representarão um atraso no progresso humano, ou um lar apropriado para o capeta, ou uma subversão da ordem das coisas. A mensagem colonial é clara: ‘seja o que for, mas não seja o que você é’. ‘Isso é errado!’ ‘Isso é errado!’ ‘A única alternativa é você se tornar o que nós somos’ ... ‘vamos lhe ensinar a abrir mão da sua cultura, mas não vamos lhe acolher em nossa sociedade, pois, por mais que queiramos obrigá-lo a ser como nós, somos completamente diferentes?...

Impelido pelo processo de colonização/colonialidade, a mesma violência contra as pessoas não cisgêneras, não heterossexuais e não brancas, também atingiu e alterou as maneiras e possibilidades de amar quem não esteja dentro do padrão de sujeito universal branco, hetero e cisgênero. Ou seja, nega-se as formas e possibilidades de amar e ser amado aos corpos negros e LGBTI+ (PFEIL; GONZALEZ, 2021). E assim como pontua Bell Hooks (2010), “esses sistemas de dominação são mais eficazes quando alteram nossa habilidade de querer e amar” (s.p.).

Viver em um país com um governo autoritário, que potencializou e legitimou todas as violências contra os bissexuais e toda a comunidade LGBTI+, que colocou suas vidas em risco, estimulou o ódio e a discriminação contra estes corpos, é um dos principais elementos que resultou nas relações íntimas não saudáveis e violentas, tanto nos relacionamentos com companheiros/as heterossexuais quanto LGBTI+.

O ato de as companheiras lésbicas exprimirem desejo que sua namorada assumira a lesbianidade como escolha política e tenha repulsa aos homens ou qualquer forma de masculinidade ou em pessoas que se relacionem com eles, refletindo de forma negativa nas mulheres bissexuais, é consequência e resultados das diversas opressões advindas da heteronormatividade, heterossexualidade compulsória, misoginia, machismo e patriarcalismo que as lésbicas sofrem. Como exposto pela Complexidade, “a sociedade é produzida pelas interações entre indivíduos, mas a sociedade, uma vez produzida, retroage sobre os indivíduos e os produz. Ou seja, os indivíduos produzem a sociedade que produz os indivíduos” (MORIN, 2007, p.74).

Para Foucault (1976), essas sistematizações de poder correntes em nossa sociedade tanto regulam e limitam as pessoas por meio do controle dos corpos e da sexualidade, quanto, por outro lado, provocam resistência, por meio da qualidade de organizar novas formas de reagir ao poder (FOUCAULT, 1976; ORELLANA, 2017). Tal reação pode se apresentar na escolha de se envolver somente com mulheres que só se relacionam com mulheres, na união política entre as mulheres as lésbicas, e na revidação da violência. E nesta conjuntura, há a reprodução de preconceitos contra as mulheres bissexuais, sendo este um mecanismo de defesa aos sistemas de poder.

A discriminação e preconceitos sofridos pelas mulheres lésbicas fazem com que criem estratégia de sobrevivência e política de enfrentamento das estruturas de opressão, sendo que o lugar e como são vistas na sociedade, reflete diretamente em suas relações e na qualidade de suas relações íntimas. Pressupõe-se também que muitas mulheres lésbicas tenham sofrido amorosa e socialmente com mulheres que se relacionam com homens, o que explicaria o receio de se envolver com mulheres bissexuais. Entretanto, em meio aos mecanismos de defesa e luta, acabam por gerar novas formas de violências, como as que resultam contra as mulheres bissexuais.

Ao reproduzir este comportamento e optar por tentar se relacionar somente com bissexuais, as mulheres bissexuais também procuram por estratégias de enfrentamento. No caso das participantes negras, manejar muitas outras estratégias contra as estruturas de opressão se torna vital: “Mulheres respondendo ao racismo [e também à

lesbofobia/bifobia] significa mulheres respondendo à raiva; raiva da exclusão, dos privilégios não questionados, das distorções raciais, do silêncio, do maltrato, estereotipização, defensividade, má nomeação, traição e captação” (LORDE, 1981, p.126). Isso se dá porque o racismo estrutural da sociedade coloca as mulheres bissexuais em uma posição triplamente vulnerável, pelo gênero, orientação sexual e cor. Neste sentido, as estratégias de luta e defesa das mulheres bissexuais negras, muitas vezes precisam ser enérgicas para serem vistas, para terem algum resultado (PFEIL; GONZALEZ, 2021; WERNECK, 2016).

Nada justifica o uso da violência, a reprodução da mesma, mas a luta das mulheres bissexuais negras na sociedade, em todos os sentidos, é mais dura, e é necessário ser levado em consideração essas experiências que refletem diretamente em suas relações íntimas. Ressalta-se a necessidade de produção de conhecimento científico específicos sobre a saúde da mulher negra não heterossexual no campo das Ciências da Saúde e Saúde Coletiva, com participação da temática nos currículos educacionais dos profissionais de saúde. Infere-se que além da não consolidação dos campos de pesquisa sobre a saúde da mulher negra não cisheterossexual, também há pouca adesão da temática e debates sobre o racismo, seus impactos na saúde e nos relacionamentos íntimos, e seus modos de enfrentamento dentro das instituições de estudos e pesquisas (WERNECK, 2016).

No que tange a violência vivida pela mulher bissexual que se relaciona com um homem heterossexual, implica compreender que nem todos os homens são violentos, mas que há um contexto que produz interações socialmente e historicamente construído, o qual busca condicionar a experiência e o ser feminino e que é estruturado por um “sistema de dominação masculina que produz e reproduz, orienta práticas, comportamentos, instituições e normas” (BARROSO, 2019, p.142). Também, quando em situação de desconforto, no qual não aceita a bissexualidade de sua companheira, interpretando-a como ameaça a sua masculinidade, tende a agir com agressividade ou a reprimir suas emoções publicamente (DANTAS; MELLO, 2008). A violência surge como uma possibilidade de demonstrar poder e virilidade quando se sentem inseguros, vulneráveis e fragilizados (ZUMA et al., 2013).

Para Dantas e Mello (2008), homens são socializados e estimulados a “uma postura destrutiva e, muitas vezes, autodestrutiva” (p.3). Bourdieu (2010) trazia o fato de que nesta estrutura da dominação masculina os homens também se tornam vítimas por terem que provar constantemente sua virilidade. Fundamentados na ideia de Bourdieu, Zuma et al. (2013) afirma que “ao terem que atestar a sua virilidade, mesclada com a

violência, os homens vivem a tensão e a contensão. E, nesse processo de testagem, aquilo que é tido como ‘coragem’ pode ser enraizado numa covardia, ou seja, pode se basear no medo ‘viril’ de ser excluído do mundo dos homens” (p. 174). Assim, “a virilidade é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo” (BOURDIEU, 2010, p.67)

Com isto, segundo Beauvoir (1949), “ninguém é mais arrogante em relação às mulheres, mais agressivo ou desdenhoso do que o homem que duvida de sua virilidade” (p.9). Este estudo ratifica outras pesquisas que demonstram e associam a extrema insegurança masculina e a dúvida sobre seu poder à violência íntima (BARROSO, 2019; D’AFFONSECA et al., 2021; DANTAS; MELLO, 2008; ZUMA et al., 2013).

Dessa forma, o estudo mostrou que para alguns homens que se relacionam com mulheres bissexuais e não aceitam sua sexualidade utilizam dos ideários de superioridade, força e virilidade que lhe são atribuídos social e culturalmente para agirem com violência e bifobia contra suas parceiras. Assim, o homem acredita que sua companheira está fugindo dos papéis sexuais e sociais atribuídos a ela, ou seja, se interessar somente por homens, e passa a querer puni-la por ser vistas como transgressora ou que ousa desafiar as normas convencionais de gênero (UNITED NATIONS HUMAN RIGHTS, 2019).

Infere-se que muitas das ações violentas, como mostrou este estudo, baseiam-se no heterossexismo e heterossexualidade compulsória, revelando concepções de que por não serem heterossexuais, as mulheres bissexuais não são vistas como mulheres de verdade ou não são vistas da mesma forma que as mulheres heterossexuais são, por isso necessitam de menos cuidado e proteção.

A bissexualidade é vista como vulnerabilidade e vulnerabilizante pelos companheiros das participantes, os/as autores/as da violência, já que recorriam ao abuso e á força das práticas sexuais como prova de interesse sexual no gênero e sexo deles, além de ser uma forma punitiva para o/a outro/a que foge da norma. Assim, na violência sexual praticada, a bissexualidade é vista como fator motivador e também é usada como justificativa para as ações violentas. Dessa forma, as mulheres bissexuais são duplamente vitimizadas e submetidas a muitas formas de violência que se sobrepõem, dado que sofrem violências pela orientação sexual e pelo gênero (SOUZA et al., 2021).

A bissexualidade constituiu-se assim como um dos núcleos centrais nas narrativas sobre as experiências violentas vivenciadas pelos participantes, mas há uma diferenciação que fomenta a ação do autor. Enquanto para os homens heterossexuais são crenças

heteronormativas, machismo, patriarcalismo, que os alimenta e os mantém em situação de superioridade socialmente construída. Para os homens cisgêneros gays, mulheres lésbicas, a reprodução de violência e discriminação que eles sofrem reflete no relacionamento e na sua busca de sobrevivência e reconhecimento na sociedade.

Muitos questionam-se por que mulheres lésbicas e homens gays, que enfrentam e sofrem práticas homofóbicas e lesbofóbica que objetivam destituir seu lugar de existência, e que também lutam pela diversidade de afetos, corpos, sentidos e significados, agem de forma violenta e repulsiva aos/as companheiros/as bissexuais?

De acordo com a Complexidade, ao procurar elaborar novas respostas e significados e romper com reducionismos, a recursão organizacional revela que ações e vivências violentas nos relacionamentos íntimas e na sociedade, assim como dentro da própria comunidade LGBTI+, são produtos e produtores de outras experiências e condutas (MORIN,2002). Sabe-se que ninguém está imune de praticar essas ações e que diante da construção social patriarcal, heteromormativa, sexista que classificam e reclassifica as categorias sociais formadas por eles hierarquizando-as nas relações de poder. Mesmo os homens cisgêneros gays, homens transgênero e lésbicas sofrendo discriminação e preconceitos diversos, estão inseridos nesta sociedade e reproduzem o esquema de classificação e hierarquização de poder dentro da própria comunidade LGBTI+, e estão passíveis a praticar a síndrome de pequeno poder, como explicitado por Saffioti (1989).

A síndrome é formada por dispositivos de submissão dos hierarquicamente inferiores por aqueles que se encontram em uma posição acima, assim há uma hierarquia nas relações e práticas de poder mesmo entre os subordinados. Isto propicia a perpetuação do status quo dos que estão no topo da hierarquia, como os heterossexuais, homens, brancos e ricos. Por não se enquadrar nem na categoria de homossexual nem de heterossexual, os bissexuais representam transgressão desse padrão de poder e gera incômodo e insegurança dos dois lados, pelo grau de dificuldade de controle que o/a bissexual exprimi. A síndrome de pequeno poder, gera “benefícios” para que mesmo os mais submissos da hierarquia se sentem superiores aos outros que se encontram em inferioridade. Diante disso, a síndrome é forte por haver inúmeros beneficiários, mesmo que em diferentes níveis, a partir dela (SAFFIOTI, 1989).

Neste enquadramento, percebe-se que a comunidade LGBTI+ sofre com tantas discriminações e violências estruturais de diferentes níveis, que acabam por reproduzir indiretamente para seus parceiros de dentro da comunidade, sendo produtos e produtores

de seus processos sociais (MORIN, 2007). Assim, a forma como se compreende e se assume essa violência, de si e do outro, possibilita o desenvolvimento de recursos para lidar com ela. Nesse ínterim, ao passarem por situações não saudáveis em seus relacionamentos íntimos, alguns bissexuais procuram novos recomeços e com estratégias de não se envolver com alguém que não aceite sua bissexualidade e preferências de envolvimento com outros bissexuais. Reproduz-se assim, outras formas de violências com pessoas de outras identidades sexuais, mesmo que seja por receios, mecanismos de autodefesa e autoproteção diante de toda violência sofrida outrora.

A bissexualidade foi tida como um dos elementos de fatores de risco para a violência na relação íntima porque ela problematiza o que é tido como natural, questiona as classificações e categorias que controlam a sexualidade dos indivíduos. Destaca-se a ideia de heterossexual versus homossexual e essa simbiose homo-hetero que não permite pensar um sem o outro, porque um se realiza no reverso com o outro, enquanto a bissexualidade gera uma crise, pois percebe-se que o ser humano vai além dessas fronteiras (CAVALCANTI, 2012).

Pelo prisma do Paradigma da Complexidade a bissexualidade ultrapassa o imaginário social de que é uma sexualidade forjada, uma fase, uma simples combinação de desejos e comportamentos homossexuais e heterossexuais, de que é metade de cada orientação sexual (BUTLER, 2009; MORIN, 2008). A identidade bissexual é algo totalmente novo, fruto da interação das diversidades, subjetividades, singularidades que é um ser humano, e a associação de diferentes elementos que compõem esse ser humano, formando algo totalmente novo, assim como a Complexidade (MORIN, 2008). Assim, não é a soma nem a metade de homo e hetero, mas é uma identidade totalmente nova e diversa, que expressa formas extraordinárias e possibilidades novas de se viver, pensar e amar.

Apesar de a heterossexualidade e homossexualidade serem totalmente assimétricas, possuem em comum a moralidade da monossexualidade, que é a atração por um único gênero e é vista como o padrão aceitável e natural. A ausência desta é o que faz os bissexuais serem estigmatizados dentro das relações íntimas, tanto por parceria homossexual quanto heterossexual, por transgredirem essa norma social e cultural.

A bissexualidade ao romper com a monossexualidade causa a desestabilização das certezas. A sociedade, com princípios positivistas, antes inquestionáveis e irrefutáveis, passa a ser desafiada pelas instabilidades dos não monossexuais. Ademais, não há um bissexual universal, pois diferentemente do ser heterossexual e homossexual que há uma

ordem, uma organização, o ser bissexual não. Ser bissexual é também acolher o contraditório, o fluido, o caos, a desorganização.

Ao não corresponderem as qualidades da homossexualidade nem da heterossexualidade, e se interessarem afetivamente por mais de um gênero, representam ameaças para ambos, e fuga de definições e do conhecido, fora do controle por apresentar inúmeras possibilidades do ser. Assim, neste estudo, percebe-se que a violência íntima é utilizada como estratégia de controle sobre os bissexuais pela sua não monossexualidade, e é tida como identidade sexual invalidada ou de menor valor que as identidades que reproduzem o monossexismo. Depreende-se a expectativa dos/as parceiros/as para que seus companheiros, os participantes, correspondam à estrutura normativa da monossexualidade de se interessar por um só gênero, e como suas frustrações geram ações violentas e até punitivas para com eles.

Toda essa discursividade cristalizada que desqualifica a bissexualidade acarreta sofrimento e alimenta a violência na intimidade. Além disso, esses discursos propagam imaginários sociais que estigmatizam e rotulam as pessoas como passíveis de serem vítimas ou autores de violência, fazendo com que diversas discriminações e ideias equivocadas sejam internalizadas cada vez mais.

Esse fenômeno também fomenta outros imaginários sociais e mitos estigmatizados:

- i) As mulheres são vistas somente como amáveis, passivas, dóceis e não se violentam, o que dificulta o reconhecimento da violência na relação entre duas mulheres lésbicas ou bissexuais, contribuindo para a visão de que as mulheres não são oprimidas e agredidas por outras mulheres (HASSOUNEH; GLASS, 2008). Este mito contribui para imagem da mulher como histérica e que possuem falta de controle emocional, que suas agressões não são fortes e não causam danos sério, desqualificando e minimizando suas ações (HASSOUNEH; GLASS, 2008);
- ii) Os homens são tidos como dominantes, agressivos, fortes e naturalmente violento o que faz com que toda relação íntima entre homens gays ou bissexual é violenta, o que dificulta no reconhecimento da vítima em tornar consciente da violência vivida e ter coragem de pedir ajuda por vergonha (BROWN, 2008; KAY; JEFFRIES, 2010);
- iii) Nas relações entre dois homens ou duas mulheres, um/a sempre adquire comportamentos dominantes do macho dominador e o/a outro/a envolvido/a



como a fêmea dominada, reforçando os papéis e estereótipos de gênero (HASSOUNEH; GLASS, 2008);

- iv) As pessoas bissexuais são vistas como vetores transmissores de diversas ISTs, por transitarem entre homossexuais e heterossexuais. Como este preconceito é velado, por medo de retaliação do autor, não se encontram estudos que ajudem a visibilizar e desestigmatizar essa imagem das pessoas bissexuais;
- v) A invisibilização da bissexualidade ao não ser reconhecida como orientação sexual legítima e com práticas múltiplas. Esse imaginário reforça a classificação de que qualquer relação íntima afetiva e sexual entre duas mulheres ser sempre adjetivada como lésbica e entre dois homens como gay, e que a pessoa bissexual está numa relação heterossexual ou homossexual dependendo do gênero do/a parceiro/a. Mas, as pessoas bissexuais sempre estão em relacionamentos bissexuais. A prática é sempre bissexual e diversa, por isso fala-se de bissexualidades (MOSCHKOVICH, 2022), e;
- vi) A bissexualidade é considerada como uma fase, indecisão, como se fosse recusa e negação da homossexualidade, reforçando a heteronormatividade compulsória e negando a sua existência. Esse mito reforça a imagem de hipersexualização das pessoas bissexuais, com estereótipos de infidelidade e promiscuidade, o que gera o sofrimento psíquico emocional de forma acentuada (LEWIS, 2008).

Todos esses discursos do imaginário social ridicularizam sujeitos, invalidam suas identidades e seus modos de ser no mundo e os negam a possibilidade de viver e de se relacionar afetivo e sexualmente de forma livre. Acredita-se que é por meio de uma educação efetiva que abarque toda a diversidade e também pela produção de conhecimento científico e cultural centrados nas experiências, que se conseguirá mudar, mesmo que de modo lento este imaginário social, além de toda estrutura normativa presentes na sociedade, que acabam por objetivar, através do discurso e da prática, a discriminação, marginalização e subalternização.

Romper com esses mitos e imaginários se faz fundamental para a compreensão do ser humano como ser dinâmico e em constante transformação:

Aceitar e enxergar indivíduos que não se submetem a identidades cristalizadas, também é perceber que nenhuma identidade sexual é fixa, que todas as formas de ser no mundo são modificadas dia após dia, e os seres humanos possuem a fluidez como direção para exprimir de modos infinitamente diferentes temores, afetos e desejos (SILVA; LEITE JUNIOR, 2020, p.17).

O aparecimento da própria orientação sexual bissexual como núcleo e fator de risco à violência nas narrativas dos participantes, deduz-se uma ideação e estrutura da noção de identidade estática e de uma concepção padronizada acerca do que é ser bissexual, desconsiderando as historicidades, afetos, experiências e contextualizações de cada ser humano.

Acredita-se no envolvimento efetivo no qual os bissexuais deixam de ser vistos como categoria secundária de ser humano, inferiores frente aos heterossexuais e homossexuais, para serem reconhecidos como sujeitos das próprias escolhas que são. É possível que os bissexuais vivam de maneira que possam se expressar quem é sem medo, e não viver "mutilada" pelas amarras do que é correto e aceito para a sociedade. Para que isso ocorra, o Paradigma da Complexidade aponta que as forças de atração, diálogos, afinidades, ligações, comunicações precisam superar as forças de exclusão e dissociação (MORIN, 2002; 2005).

Um paradigma é tido como o organizador do sistema de ideias, pois “[...] os indivíduos conhecem, pensam e agem segundo os paradigmas inscritos culturalmente neles” (MORIN, 1992, p.188) e “o paradigma que produz uma cultura é ao mesmo tempo o paradigma que reproduz essa cultura” (MORIN, 2000, p.67). No presente estudo, a importância desse novo Paradigma, por meio do Pensamento Complexo e do princípio do recurso organizacional, é justamente demonstrar que atos e condutas de violência dentro das relações íntimas vividas pelos bissexuais são reflexos e resultados das interações entre eles e deles com a sociedade em que estão inseridos, ao mesmo passo que também são os responsáveis e protagonistas ao gerarem comportamentos e pensamentos violentos.

A visibilidade é um fator decisivo para o respeito à diversidade, seja na cor, crença, gênero e orientação sexual. Mudamos a sociedade ao darmos visibilidade e mudarmos a cultura que nos forma, o todo que está presente na nossa mente que foi internalizado por esta mesma cultura, ou seja, “o mundo está na nossa mente, a qual está no nosso mundo” (WISNIEWSKI, 2020, p.7). O Paradigma da Complexidade nos desafia a pensar e materializar estratégias para romper com todos os padrões coloniais. Para reverter as consequências da violência, invisibilização e silenciamento é necessário viabilizar encontros e afetos entre as pessoas negras, e afetos entre corpos LGBTI+, pois esses encontros são encontros de cura para amar e ser amado, fortalecendo-se para a transformação social (HOOKS, 2010; PFEIL; GONZALEZ, 2021).

Este estudo revela o caráter polidimensional, retroativo e interdependente dos aspectos relacionados à violência nas relações de intimidade vividos por adolescentes e

jovens bissexuais. Posto isto, as lógicas equivocadas dos mitos, crenças, discursos conservadores e excludentes, dos imaginários sociais e dos demais elementos viabilizadores da violência, precisam ser desconstruídos – daí a importância de forças antagônicas de dissociação, por exemplo, na manutenção da equalização ou ‘afinamento’/redução de ruído das relações e sociedade –, para que outras lógicas/elementos como diálogos, comunicações e pedagogia sejam propagados desde já e durante décadas, para que ocorra uma mudança na nossa cultura, e assim, uma transformação nas relações íntimas entre os adolescentes e jovens bissexuais.

Destarte, por meio do princípio recurso organizacional, Morin (2005) pondera o quanto todos fazem parte e são parte da sociedade, mas cada parte já é a representação de toda ela: “o todo está na parte que está no todo, como num holograma” (MORIN, 2005, p.86). Estar disposto a uma desconstrução diária de paradigmas, crenças, imaginários, mitos e dar voz a novas concepções de sexualidades, relacionamentos, gêneros e toda diversidade e complexidade dos bissexuais se faz importante, pois “nosso cérebro-mente produz o mundo que produziu o cérebro-mente. Nós produzimos a sociedade que nos produz” (MORIN, 2005, p.190).

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda investigação é relevante diante das demandas da sociedade, mas o avanço em direção a um paradigma que ultrapasse as fronteiras entre o micro e o macro é imprescindível na atualidade. Ressalta-se, assim, o ineditismo do tema da violência nas relações íntimas vivida por bissexuais e analisada à luz do Paradigma da Complexidade.

O atual cenário político do Brasil, autoritário e conservador, foi negligente com as políticas e protocolos de segurança diante da pandemia da Covid-19, potencializou as iniquidades e desigualdades vivenciadas pelos bissexuais e toda a população LGBTI+ (MATOS, 2021). O governo realizou apologia explícita à violência, produziu medo, cerceamento político dos direitos sexuais, repressão sexual e legitimação do apagamento de existências, o que impactou diretamente na maneira como esses sujeitos conduziam suas relações íntimas e sociais. As consequências dessas conjunturas para os adolescentes e jovens bissexuais foram imensuráveis, aumentando os processos de invisibilização das demandas da população em diversos graus e esferas, além dos processos sociais interligados à bifobia e à toda LGBTIfobia.

O Paradigma da Complexidade vem contribuir e oferecer uma reflexão importante para a desconstrução dos imaginários sociais, discursos, mitos e crenças que favorecem a bifobia e a violência íntima vivida por bissexuais e para as transformações nas relações íntimas que vivenciam violências para que se tornem mais saudáveis nas especificidades demandadas em cada adolescente e jovem, sendo relações saudáveis e livres no contexto de cada um.

Nos enunciados dos adolescentes e jovens bissexuais encontraram-se diversas dimensões da violência manifestas em suas relações: verbais, psicológicas, físicas, patrimoniais e sexuais. Os resultados apontaram a dialógica afeto-coerção presente nas relações íntimas entre os adolescentes e jovens bissexuais, em decorrência desta, constatou-se: a forte presença da violência social de gênero; o isolamento social utilizado como desculpa ou justificativa para a ação violenta; o ciclo da violência íntima; a bissexualidade como fator de risco para a violência íntima, sendo fruto do patriarcalismo e heterossexualidade compulsória; as pessoas bissexuais são estigmatizadas devido a crenças sexistas, misóginas e patriarcais, e as mulheres são duplamente vitimizadas, pela orientação sexual e pelo gênero; situações de violência lesbofóbica vividas/presenciadas, de modo articulado, como viabilizadores para ocorrência da

violência; os participantes e seus/as companheiros/as possuem visões antagônicas sobre pessoas bissexuais e da bissexualidade.

No princípio hologramático, verificou-se: o impacto do contexto pandêmico e político, na maneira como os adolescentes e jovens bissexuais conduziam suas relações íntimas; a bidirecionalidade presente em grande parte das relações, resultante de revidação e/ou autodefesa; a maior ocorrência de violência psicológica; principalmente as caracterizadas como *negging* e *benching*; a tecnologia por meio das redes sociais digitais foi preponderante para a violência de intimidade entre adolescentes e jovens bissexuais, criando uma simbiose entre o mundo *online* e *offline* e denotando novas formas de controle e coerção. À vista disso, destaca-se aqui a escassez de pesquisas sobre as plataformas digitais como elementos e fatores de exposição que influenciam a ocorrência da violência nas relações de intimidade.

Na recursão organizacional, constatou-se: os discursos conservadores e dominantes que exercem poder e controlam os corpos e sexualidades, refletindo diretamente nas vivências relacionais das pessoas bissexuais; crenças patriarcais e heterossexistas cristalizadas alimentam imaginários sociais e mitos que estigmatizam e desqualificam os bissexuais, além de ser a base da bifobia; a ausência da monossexualidade faz com que os bissexuais sejam estigmatizados dentro das relações íntimas tanto por parceria homossexual quanto heterossexual, sendo vistos como transgressores dessa norma social e cultural; as violências sociais vividas pelos/as autores/as da violência refletem e são reproduzidas em seus relacionamentos íntimos.

Encontrou-se o sentido da violência no relacionamento íntimo para os adolescentes e jovens bissexuais em diferentes tramas tecidas por eles: (i) tentativa de conseguir algum controle/domínio sobre o parceiro (acesso às senhas e redes sociais; *cyberviolência*, *stalking*, entre outros); (ii) expressão de amor (demarcação de território por ambos de forma aceita e desejada; abrir mão de sua privacidade como prova de amor, ceder a situações violentas para a harmonia do casal, entre outras), e; (iii) punição e/ou confirmação de interesse/atração sexual pelo/a parceiro/a (práticas sexuais forçadas como demonstração de interesse no sexo e gênero do parceiro ou para dominação da outra pessoa, punindo-a por ser bissexual).

Diante desta fusão entre violência e amor, evidenciou-se a construção e o estabelecimento da relação íntima entre os adolescentes na manifestação de diversas coações. Desse modo, algumas estratégias foram estabelecidas nos relacionamentos íntimos dos adolescentes tentando evitar a continuação da violência: revidação da

violência como autodefesa; fazer uso de elementos culturais para expressar maior feminilidade, para serem mais aceitas pelos parceiros; ações violentas como tentativas para a consolidação da confiança; e, não se relacionar com pessoas que não aceitam sua bissexualidade ou até de se envolver somente com bissexuais. Nessa direção, os resultados do presente estudo provocam e reforçam a importância de investigações contínuas sobre a violência nas relações íntimas vivida por adolescentes e jovens bissexuais em sua complexidade.

Ao adotar como marco teórico-conceitual e metodológico o Paradigma da Complexidade, que fomenta o Pensamento Complexo, o presente estudo confirmou a predominância de uma análise integrada das categorias que emergiram na pesquisa, visto que os componentes estavam em profunda articulação e interação, impossibilitando a separação das partes para assim compor o todo. Os princípios dialógico, hologramático e recurso organizacional se sobrepõem e estão em intenso diálogo em toda análise.

O Pensamento Complexo leva à reflexão de que viver um relacionamento íntimo vivido pelos bissexuais adolescentes e jovens é uma caminhada que se faz caminhando, na qual imprevisibilidades, instabilidades e incertezas sempre surgirão. Por meio desse Paradigma percebe-se que a relação de intimidade é circular, a qual deve recusar/romper com o círculo vicioso (relação linear de causa e efeito e simplificação abstrata) e substituí-la pelo círculo virtuoso. O rompimento com os círculos das ações violentas herdadas e reproduzidas, inconscientemente ou não, é necessário para que ocorra a libertação e o fim do imaginário social sobre os bissexuais, das imposições de papéis, das assistências de diversas áreas profissionais fragmentadas e reducionistas às pessoas que sofrem violência.

Pontua-se que professores, enfermeiros e outros profissionais da saúde na atenção primária encontram dificuldades em oferecer ações de educação sexual e promoção de saúde junto aos adolescentes e jovens LGBTI+, os quais estão em constante interação com as redes sociais digitais e engendrando novas formas de violências. Dessa forma, o desafio para relações íntimas saudáveis, com novas construções, ressignificações e significados baseados na Complexidade se faz presente e precisa ser aceito principalmente pelos profissionais da saúde e educação para a compreensão dos fenômenos complexos por meio das interações e interligação dos diversos elementos destes e assim, produzir novos conhecimentos e práticas realmente capazes de enfrentar o fenômeno.

A invisibilidade da orientação sexual bissexual reflete na invisibilidade da violência íntima vivida por eles. Há emergência na criação de políticas públicas de saúde e segurança específicas para a população bissexual e para o fenômeno da violência íntima vivida por bissexuais. Ademais, ressalta-se aqui a necessidade do desenvolvimento de projetos de prevenção de violência na intimidade entre os adolescentes e jovens LGBTI+, com expressão promocional da saúde, e a atuação de profissionais capazes de empoderar os sujeitos para o processo de transformação de fatores vulnerabilizantes, valendo-se de estratégias de educação em saúde ativas e participativas que considerem suas características. Em suma, considera-se que um real enfrentamento da violência nas relações íntimas vivida pelos adolescentes e jovens bissexuais dar-se-á por meio da devida visibilidade do fenômeno.

Ultrapassando a visão simplista de que a comunidade LGBTI+ se tornou uma sopa de letrinhas, sempre colocado na mesma esfera que gay e lésbica, mas em posição secundária, a população bissexual, com toda sua diversidade, apresenta problemáticas de lutas específicas e demandas diferentes. As relações íntimas que perpassam por situações violentas também são específicas para essa população, diante disso, ressalta-se a escassa produção acadêmica específica sobre os bissexuais.

Buscou-se assim, construir um estudo que contemplasse questões e específicas para a população bissexual, com abordagem qualitativa para explorar as singularidades e os fatores contextuais específicos. Com o link do formulário online, foram convidados a participarem todas as pessoas bissexuais que estavam em relação íntima durante a pandemia, independentemente se as reconheciam como relações abusivas. Assim, alcançaria pessoas que viviam situações violentas ou não e que as reconheciam como violentas ou não, para não excluir as pessoas que não se viam como viventes ou autoras de violência.

O presente estudo também delimitou um período, não só para aprender sobre como as dinâmicas relações das pessoas bissexuais se deram durante a pandemia dentro de um cenário político autoritário, mas também para acessar o contexto relacional mais recente das pessoas, visto que as mesmas se encontram em constante transformação e uma relação íntima de três anos ou quatro anos atrás não corresponde mais a sua realidade. Ademais, atentou-se se ambos os parceiros estavam na pesquisa, para que não ocorresse sobreposição de dados, e para a ocorrência da bidirecionalidade no fenômeno.

Para além do olhar reducionista, defendido pelo paradigma simplista, cuja intervenção disciplinar almeja a mudança de comportamentos pautada na adequação

funcionalista das relações de intimidade, procurou-se compreender o fenômeno, objetivando cobrir as inúmeras lacunas científicas de modo aprofundado, contextual e articulado.

Entretanto, a realização deste estudo também foi marcada por algumas limitações. Embora a internet e os formulários *online*s existirem cada vez mais nas atividades sociais e fazer parte da vida de toda população mundial, principalmente durante a pandemia, algumas pessoas que poderiam ser potenciais participantes podem não ter acesso a internet em casa, não só por uma retaliação de uma parceria íntima abusiva, mas também pelo próprio sistema social que não oferece oportunidade e acesso a todos de forma equitativa. Desta forma a pesquisa pode ter atingido somente pessoas com condições financeiras e com acesso a internet e a eletrônicos como computadores e celulares.

Além disso, muitos participantes podem ter sentido dúvidas se os questionários eram totalmente anônimos, o que pode ter impedido os mesmos de responder de forma sincera sobre suas experiências no relacionamento íntimo durante a pandemia. O fato de o fenômeno estudado constituir uma experiência pessoal pode ser associado por alguns participantes a sentimentos de vergonha, culpa, medo e insegurança e assim, haver uma tendência a respostas que sejam consideradas por eles mais aceitáveis pela sociedade. E mesmo que grande parte dos/as participantes declararam serem autores/as de diversos tipos de comportamentos violentos, o medo do julgamento social poderia estar presente mesmo assim. Como exemplo disso, não houve relatos de experiências em que os participantes declararam terem impedido os/as seus/as companheiros/as de procurarem apoio familiar, policial ou serviço de saúde devido a violência vivida na relação.

Apesar de recorrer a participantes que se auto identificam como bissexual, os resultados devem ser interpretados com cuidado, para não ocorrer equívocos, e podendo não ser indicativos de toda a população. No cenário político com um governo autoritário e conservador, acredita-se que muitos bissexuais se protegiam e se viam com medo de se autodeclarar bissexual ou até mesmo de responder a pesquisa. O contexto pandêmico, com o auge das infecções e mortes pelo vírus e com o isolamento social compulsório, pode ter gerado desestabilidades, fragilidades, estresse, específicos do período, que resultaram nas características e experiências aqui encontradas do fenômeno estudado, mas que não corresponda de forma fidedigna a realidade pós pandemia.

A pesquisa contou predominantemente com participantes mulheres e poucos homens, o que pode sugerir algumas lacunas sobre as experiências íntimas que



perpassaram por violência durante a pandemia específicas para a população masculina bissexual. As vivências são diferentes e singulares entre os gêneros, em vista disso, considera-se pertinente a realização de estudos específicos para a população masculina bissexual sobre o fenômeno.

Neste estudo, tanto os formulários online quanto as entrevistas semiestruturadas, presenciais e por vídeos, foram determinantes para a apreensão dos elementos entre os diferentes aspectos e dimensões da violência no relacionamento íntimo vivida pelos adolescentes e jovens bissexuais, de maneira articulada e de modo a distingui-los do contexto, porém de forma complementar, sem os isolar, com vistas a se captar a complexidade do fenômeno em estudo. As entrevistas semiestruturadas apresentaram flexibilização no roteiro no desenvolvimento da pesquisa, o que foi importante para captar as subjetividades presentes nos relacionamentos e na individualidade de cada sujeito participante.

O Paradigma da Complexidade contribuiu de forma imprescindível para a busca do desenvolvimento de um olhar ampliado sobre a temática, proporcionando maior clareza sobre os elementos que compõem o fenômeno, e principalmente, sobre a interdependência e interconectividade entre eles, de modo articulado e contextualizado.

Enfim, este estudo representa uma forma de visibilização e luta pelo reconhecimento de direitos, políticas, acesso adequado à saúde, assim como de afetos e corpos, sentidos e significados, dignidade e respeito pelos diferentes modos de existir.

## REFERÊNCIAS

ABILLEIRA, M. P., RODICIO-GARCÍA, M. L., VÁZQUEZ, T. C., DE DEUS, M. P. R., CORTIZAS, M. J. I. Personality characteristics of a sample of violent adolescents against their partners. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 32, n. 1, p. 1-11, 2019.

ALMEIDA, L. M. M. F.; CALDAS, J. M. P. Intimidade e saúde. *Psicologia USP*, v. 23, n. 4, p. 737-755, 2012.

AVENA, D. A violência doméstica nas relações lésbicas: Realidades e mitos. *Aurora*, São Paulo, v. 7, 2010.

BACKES, D. S. et al. Grupo focal como técnica de coleta e análise dos dados em pesquisas qualitativas. *O Mundo da Saúde*, São Paulo, v. 35, n. 4, p. 438-442, 2011.

BAGGIO, M. A; ERDMANN, A. L. Relações múltiplas do cuidado de enfermagem: o emergir do cuidado "do nós". *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 18, n. 5, p. 895-902, 2010.

BARROSO, M. F. Violência estrutural contra mulheres em Belo Monte: o que os dados oficiais (não) revelam. *Em Pauta*, v. 17, n. 43, p. 140-154, 2019.

BATES, A.; HOBMAN, T.; BELL, B. T. (2020). "Let me do what I please with it... Don't decide my identity for me": LGBTIQ+ youth experiences of social media in narrative identity development. *Journal of Adolescent Research*, v. 35, n. 1, p. 51-83.

BORDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BORGES, L. J.; HEINE, J. A.; DELL'AGLIO, D. D. Personal and contextual predictors for adolescent dating violence perpetration. *Acta Colombiana de Psicología*, v.23, n. 2, p. 438-448. 2020.

BRAGA, I. F; DOS SANTOS, M. A; FARIAS, M. S; FERRIANI, M. D. G. C; SILVA, M. A. I. The Multiple Faces and Masks of Heteronormativity: Violence Against Brazilian Teenagers and Young Homosexuals. *Salud & Sociedad*. v. 9, n. 1, p. 52-67, 2018.

BROWN, T. N. T; HERMAN, J. L. *Intimate partner violence and sexual abuse among LGBTI people: a review of existing research*. Los Angeles: Williams Institute/UCLA School of Law, 2015.

BULLER, A. M. et al. Associations between intimate partner violence and health among men who have sex with men: a systematic review and meta-analysis. *PLoS Medicine*, v. 11, n. 3, p. 1-12, 2014.

BUTLER, J. *Problemas de gênero*. Feminismo e subversão de identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

\_\_\_\_\_. *Regulações de gênero*. Cad. Pagu, Campinas, n. 42, p. 249-274, 2014.

CALZO, J. P.; ANTONUCCI, J. P.; MAYS, V. M.; COCHRAN, S. D. Retrospective recall of sexual orientation identity development among gay, lesbian, and bisexual adults. *Developmental Psychology*, v. 47, n. 6, p. 1658-1673, 2011.

CAMPEIZ, A. B; CARLOS, D. M; CAMPEIZ, A. F; SILVA, J. L; FREITAS, L. A; FERRIANI, M. G. C. Violence in intimate relationships from the point of view of adolescents: perspectives of the Complexity Paradigm. *Rev Esc Enferm USP*, p. e03575, 2020.

CÁRDENAS, M.; BARRIENTOS, J.; GÓMEZ, F. Determinants of heterosexual men's attitudes toward gay men and lesbians in Chile. *Journal of Gay & Lesbian Mental Health*, v. 22, n. 2, p. 105-119, 2018.

CARLOS, D. M. *O cuidado em rede a famílias envolvidas na violência doméstica contra crianças e adolescentes: o olhar da Atenção Básica à Saúde*. 2018 f. Tese (Doutorado, Enfermagem em Saúde Pública). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2014.

CARLOS D. M.; DE PÁDUA E. M. M.; FERNANDES M. I. D.; LEITÃO M. N. C.; FERRIANI M. G. C. Violência doméstica contra crianças e adolescentes: olhares sobre a rede de apoio. *Rev Gaúcha Enferm.*, v. 37(esp), p. e72859, 2016.

CARNEIRO, A. S. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Acesso em: 19 dez. 2021

CARVALHO, J. N. et al. A autonomia do cuidado exercido por adolescentes para um viver saudável: o olhar da enfermagem. *Cogitare Enfermagem*, Curitiba, v. 16, n. 2, p. 268-274, 2011.

CARVALHO, L. S.; PHILIPPI, M. M. Percepção de lésbicas, gays e bissexuais em relação aos serviços de saúde. *Universitas: Ciências da Saúde*, Brasília, v. 11, n. 2, p. 83-92, 2013.

CASIMIRO, C. Violências na conjugalidade: a questão da simetria de gênero. *Análise Social*, Lisboa, v. XLIII, n. 3, p. 579-601, 2008.

CASTRO, E. *Vocabulário de Foucault: um percurso por seus temas, conceitos e autores*. Belo horizonte: Autêntica, 2009.

CAVALCANTI, C. D. Práticas Bissexuais: uma nova identidade ou uma nova diferença. *Polêm!ca*, v. 9, n. 1, p. 79–83, 2010.

CECCHETTO, F. et al. Violências percebidas por homens adolescentes na interação afetivo-sexual em dez cidades brasileiras. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 20, n. 59, p. 853-864, 2016.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION (CDC). *Preventing Teen Dating Violence*. Estados Unidos, Atlanta, CDC. v. 2, n. 1, 2019.

COE – Council of Europe. *COVID-19 crisis: Secretary General concerned about increased risk of domestic violence*. 2020. Disponível em: <<https://www.coe.int/en/web/portal/-/covid-19-crisis-secretary-general-concerned-about-increased-risk-of-domestic-violence>>.

COELHO, F. M. F. “*Ideologia de gênero é coisa do capeta*”: transições discursivas em um percurso político-religioso contra a educação de gênero no Brasil no período 2012-2021. São Bernardo do Campo, 2022. 150 p. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2022.

COSTA, B. R. L. Bola de neve virtual: o uso das redes sociais virtuais no processo de coleta de dados de uma pesquisa científica. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, v. 7, p. 15-37, 2018.

COSTA, P. R. S. M. *Violências contra mulheres em tempos de COVID-19*. 2020. Universidade Federal de Sergipe. Disponível em: <<http://www.ufs.br/conteudo/65089-violencias-contra-mulheres-em-tempos-de-covid-19>>. Acesso em 03 de mar de 2021.

COSTA, L.; MACHADO, C.; ANTUNES, R. *Violência nas relações homossexuais: A face oculta da agressão na intimidade*. 2009. Rede ex aequo. Escola de Psicologia, Universidade do Minho. Disponível em: <https://www.rea.pt/artigos-cientificos/>. Acesso em: 04 de abr de 2019.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. In: *Estudos Feministas*, v.10, n.1, p. 171-188, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>. Acesso 13 de fev de 2021.

CUNHA, O; GONÇALVES, R. A. The current practices of intervention with batterers. *Revista de Psiquiatria Clínica*, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 40-48, 2014.

CURIA, B. G. et al. Produções Científicas Brasileiras em Psicologia sobre Violência contra Mulher por Parceiro Íntimo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 40, p. e189184, 2020.

DANTAS, B. M; MELLO, R. P. Posicionamentos críticos e éticos sobre a violência contra as mulheres. *Psicol. Soc.* v.20, edição especial, p.78-86, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/kj6s6xfJkXRXgYtFVDPvXYw/?lang=pt>. Acesso em 25 de jun de 2018.

DASCAL, M. Colonizing and decolonizing minds. In I Kuçuradi (Org.). *World Philosophy Day*. Ankara: Philosophical Society Of Turkey, p. 308-331, 2009. Disponível em: <https://philpa-pers.org/rec/DASCAD>. Acesso em: 23 de jul de 2019.

DE BARROS, I. C; SANI, A; SANTOS, L. “É igual, mas é diferente”. Gênero e violência na intimidade entre pessoas do mesmo sexo. *Análise Social*, Lisboa, v. 1, n. 230, p. 106-130, 2019.

DIANGELO, R. Fragilidade Branca. *Revista EcoPós*. v. 2.n. 3, 2018.

DI CIOMMO, R. C. Relações de gênero, meio ambiente e a teoria da complexidade. Universidade Estadual de Passos - Minas Gerais. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 423-443, 2003.

D'OLIVEIRA, A. F. P.; PEREIRA, S.; SCHRAIBER, L. B.; GRAGLIA, C. G. V.; AGUIAR, J. M.; SOUSA, P. C.; BONIN, R. G. (2020). Obstáculos e facilitadores para o cuidado de mulheres em situação de violência doméstica na atenção primária em saúde: uma revisão sistemática. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 24, p. e190164.

DOMINGUES, H. M. J. *Prevalência e caracterização da violência em casais de gays, lésbicas e bissexuais*. Tese (Doutorado). Universidade Fernando Pessoa Faculdade de Ciências Humanas e Sociais Porto, 2015.

DORNELLES, P. G; DAL'IGNAII, M. C. Gender, sexuality and age: Heteronormativity in pedagogical practices of Physical Education in schools. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 41, n. especial, p. 1585-1599, 2015.

EDDIE, S. K. et al. Risk and Protective Factors of Same-Sex Intimate Partner Violence in Hong Kong. *Journal of Interpersonal Violence*, Nova York, v. 28 n.7, p. 1476 -1497, 2013.

EDWARDS, K. M; SYLASKA, K. M; NEAL, A. M. Intimate partner violence among sexual minority populations: A critical review of the literature and agenda for future research. *Psychology of Violence*, v. 5, p. 112-121, 2015.

ELÍSIO, R; NEVES, S; PAULO, R. A violência no namoro em casais do mesmo sexo: discursos de homens gays. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra. n.117, p. 47-72, 2018.

FERNANDES, E. *“Existe índio gay?” A colonização das sexualidades indígenas no Brasil*. 2ed., Editora Brazil Publishing, 2019.

FINNERAN, C; STEPHENSON, R. Intimate partner violence, minority stress, and sexual risk-taking among U.S. men who have sex with men. *Journal of Homosexuality*, n. 61, p. 288-306, 2014.

FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.

Fonseca, D. H.; Ribeiro, C. G.; Leal, N. S. B. Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais. *Psicologia & Sociedade*, v. 24, n. 2, p. 307-314, 2014.

FOUCAULT, M. *Nascimento da biopolítica*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade: a vontade de saber*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

Foucault, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1976.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 2010.

FOUCAULT, M. *Da Amizade como modo de vida*. LED!F: Laboratório de estudos discursivos Foucaultianos. Disponível em: <http://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/amizade.pdf>. Acesso em 05 jan. 2021.

FRASER, M. T. D.; GONDIM, S. M. G. *Da fala do outro ao texto negociado*: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 14, n. 28, p.139-152, 2004.

FRAZÃO, P.; Rosário, R. O coming out de gays e lésbicas e as relações familiares. *Análise Psicológica*, v. 1, n. XXVI, p. 25–45, 2008.

FREIRE, P. *Cartas à Guiné-Bissau*: registros de uma experiência em processo. 2 ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GARFIN, D. R.; SILVER, R. C.; HOLMAN, E. A. The novel coronavirus (COVID-2019) outbreak: Amplification of public health consequences by media exposure. *Health Psychology*, v. 39, n. 5, p. 355-357, 2020.

GILLUM, T. L.; DIFULVIO, G. “There’s So Much at Stake”: Sexual Minority Youth Discuss Dating Violence. *Violence Against Woman*. *Thousand Oaks*, v. 18, n. 7, p. 725-45, 2012.

GLASER, B. G; STRAUSS, A. L. *The discovery of grounded theory*: strategies for qualitative research. New York: Aldine de Gruyter. 1997.

GOLDENBERG, T. et al. “Struggling to be the alpha”: Sources of tension and intimate partner violence in same-sex relationships between men. *Culture, Health & Sexuality*, v. 18, p. 875-889, 2016.

GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. In: Obras do Antônio Gramsci, Tradução e Edição: Carlos Nelson Coutinho, v. 2, 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GREEN, K; KUKAN, Z; TULLY, R. Public perceptions of 'negging': lowering women’s self-esteem to increase the male attractiveness and achieve sexual conquest. *Journal of Aggression, Conflict and Peace Research*, v. 9, n. 2, 2017.

HANNEMAN, R; RIDDLE, M. *Introduction to social network methods*. Riverside, CA: University of California, Riverside; 2009.

HESTER, M. et al. Feminist epistemology and the politics of method: surveying samesex domestic violence. *International Journal of Social Research Methodology*, v. 13, n. 3, p. 251–263, 2010.

HOOKS, B. *Vivendo de amor*. 2010. Portal Geledes. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor>. Acesso em 19 de mar de 2020.

JUNIOR, A. L; RAIMONDI, G. A; MURTA, D.; TCHAYRA T. S; BORRET, R. H. LGBTII+ Teaching and health care: reflections in the context of the Covid-19 pandemic. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 44. supl.1, 2020.

KAUKINEN, C. When stay-at-home orders leave victims unsafe at home: exploring the risk and consequences of intimate partner violence during the COVID-19 pandemic. *American Journal of Criminal Justice*, v. 45, p. 1-12, 2020.

KWON, P. Resilience in lesbian, gay, and bisexual individuals. *Personality and Social Psychology Review*, v.17, n. 4, p. 371–83, 2013.

L.A. Gay & Lesbian Center. (2011). Lesbian, gay, bisexual, and transgender intimate partner violence: The California report.

LASKEY, P. B. E; TAYLOR, J. A systematic literature review of intimate partner violence victimisation: An inclusive review across gender and sexuality. *Aggression and Violent Behavior*, v. 47, p. 1-11, 2019.

LETTIERE, A. *A rede de atenção à mulher em situação de violência sob a perspectiva do pensamento complexo*. 2014. 133 f. Tese (Doutorado). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2014.

LETTIERE, A.; NAKANO, A. M. S. Rede de atenção à mulher em situação de violência: os desafios da transversalidade do cuidado. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 17, n. 4, p. 1-8, 2015.

LEWIS, R. J; MASON, T. B; WINSTEAD, B. A; KELLEY, M. L. Empirical investigation of a model of sexual minority specific and general risk factors for intimate partner violence among lesbian women. *Psychology of Violence*, v. 7, n. 1, p. 110-119, 2017.

LOURO, G. L. Teoria Queer – uma política pós-identitária para a educação. *Revista Estudos Feministas*, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.

\_\_\_\_\_. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições*, v. 19, n. 2 p. 56, 2008.

LORDE, A. *The use of anger: womens responding to racism*. In: \_\_\_\_\_. *Sister outsider: essays and speeches*. New York: The Crossing Press, p.124-133, 1984.

LUZ, R. R; GONÇALVES, H. S. Violência doméstica entre casais homossexuais: a violência invisível. *Revista Bogoas: Estudos gays, gênero e sexualidade*, v. 8, n. 11, p. 79-89, 2014.

MADEIRA, B; PEREIRA, C.M. Autoritarismo, desinformação e revanchismo: um retrato do Brasil de Bolsonaro: Nota Introdutória. *Relações Internacionais*. Março, p.05-10, 2022. Disponível em: [https://ipri.unl.pt/images/publicacoes/revista\\_ri/pdf/RI73/RI73\\_art01\\_BMCOMP.pdf](https://ipri.unl.pt/images/publicacoes/revista_ri/pdf/RI73/RI73_art01_BMCOMP.pdf)

- MAIA, B. R.; DIAS, P. C. Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 37, 2020.
- MALTERUD, K. Qualitative Research: Standards, Challenges, and Guidelines. *The Lancet*, v. 358, p. 483-488, 2001.
- MARANHÃO, R. A. Domestic violence during the quarantine of COVID-19: between novels, femicides and prevention. *Braz. J. Health*, v. 3, n. 2, p. 3197-321, 2020.
- MARONI, J. Fake News and coloniality of minds: considerations through the paradigm of complexity. *Perspectiva Filosófica*, v. 48, n. 1, 2021.
- MARQUES, E. S. et al. Violence against women, children, and adolescents during the COVID-19 pandemic: overview, contributing factors, and mitigating measure. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 36, n. 4, p. e00074420, 2020.
- MATOS, M, C. O neofascismo da política de saúde de Bolsonaro em tempos perigosos da pandemia da covid-19. *Revista Humanidades e Inovação: Política de Saúde e Lutas Sociais em tempos de Pandemia da Covid-19*. v.8, n.35, p.25-35. 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/5340>
- MAZZA, M.; MARANO, G.; LAI, C.; JANIRI, L.; SANI, G. Danger in danger: Interpersonal violence during COVID-19 quarantine. *Psychiatry Research*. p. 202-289, 2020.
- MCCLENNEN, J. Domestic violence between same-gender partners: Recent findings and future research. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 20, n. 2, p. 149-154, 2005.
- MILLETICH, R. J. et al. Predictors of women's same-sex partner violence perpetration. *Journal of Family Violence*, v. 29, n. 6, p. 653-64, 2014.
- MINAYO, M. C. S. et al. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- MISKOLCI, R. Machos e Brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. *Rev. Estud. Fem.* v. 21, n. 1, p. 301-324, 2014.
- MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. 3ed. Lisboa: Stória Editores, 2001.
- \_\_\_\_\_. *O Método 5: a humanidade da humanidade*. Porto Alegre: Sulinas, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Ciência com consciência*. 8ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- \_\_\_\_\_. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 12ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2006.
- \_\_\_\_\_. *Introdução ao pensamento complexo*. 3ed. Porto Alegre: Sulinas, 2007.



MURRAY, E.; MOBLEY, K.; BUFORD, P.; SEAMAN-DEJOHN, M. Same-sex intimate partner violence: dynamics, social context, and counseling implications. *Journal of LGBTI Issues in Counseling*, v. 1, n. 4, p. 7-30, 2007.

NASCIMENTO, G. C. M. et al. Relacionamentos amorosos e homossexualidade: revisão integrativa da literatura. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 3, p. 547-563, 2015.

NATIVIDADE, M. T.; OLIVEIRA, L. Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores. *Sexualidad, Salud y Sociedad: Revista Latinoamericana*, Rio de Janeiro, n. 2, 2009.

NUNAN, A. Violência doméstica entre casais homossexuais: O segundo armário? *Psico*, v. 35, n. 1, p. 69-78, 2004.

OLIVEIRA, D. C. et al. “Pegar”, “ficar” e “namorar”: representações sociais de relacionamentos entre adolescentes. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 60, n. 5, p. 497-502, 2007.

OLIVEIRA, F. A. G; CARVALHO, H. R; JESUS, J. G. LGBTII+ during Covid-19 Pandemic. *Diversitates International Journal*, v. 12, n. 1, p. 60–94, 2020.

OLIVEIRA, W; MAGRIN, J.; ANDRADE, A.; MICHELI, D.; CARLOS, D.; FERNÁNDEZ, J.; SILVA, M.; SANTOS, M. Intimate Partner Violence in Covid-19 Times: Scoping Review. *Psicologia, Saúde & Doenças*, v. 21, n. 3, p. 606-623, 2020.

ORELLANA, R. C. Foucault y la resistencia. Una gramática del concepto. *Contrastes. Revista Internacional de Filosofía*, v. 22, n. 11, 2017.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). *Saúde e sexualidade de adolescentes*. Construindo equidade no SUS. Brasília, 2017. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/34279>. Acesso em: 15 de fev de 2021.

ORINGHER, J.; SAMUELSON, K. (2011). Intimate partner violence and the role of masculinity in male same-sex relationships. *Traumatology*, v. 17, n. 2, p. 68-74, 2011.

OSÓRIO, L. et al. Violência na intimidade nos relacionamentos homossexuais gays e lésbicos. *Psicol. Soc.* v.32, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32i170358>. Acesso em 27 de abr de 2021.

OUYTSEL J. V.; PONNET K.; WALRAVE M. Cyber dating abuse victimization among secondary school students from a lifestyle-routine activities theory perspective. *J Interpers Violence*, v. 33, n. 17, p. 2767-2776, 2016.

PALMETTO, N.; DAVIDSON, L. L.; BREITBART, V.; RICKERT, I. Predictors of physical intimate partner violence in the lives of young women: victimization, perpetration and bidirectional violence. *Violence and Victims*, v. 28, n. 1, p. 103-121, 2013.

PÁDUA, E. M. M. *Metodologia da Pesquisa: abordagem teórico-prática*. 15ed. Campinas: Papyrus, 2013.

PAMPLONA, R. S.; DINIS, N. F. Probabilidade: discursos produzidos sobre a bissexualidade. *Comunicações*, Piracicaba, v. 20. n. 2, p. 97-112, 2013.

PFEIL, B.; GONZALEZ, R. *Polemização, deslegitimação e fragilidade: mecanismos de fuga para impedir o processo de desconstrução da LGBTIifobia e do racismo. Descolonizando a psicologia.* 2021. Disponível em: <https://descolonizandopsi.com.br/hello-world/>. Acesso 13 fev de 2022.

PIETRO, A. T.; YUNES, M. A. M. A violência sexual contra crianças e adolescentes: reflexões imprescindíveis. In: SILVA, F, F; MELLO, E. M. B. (orgs.). *Corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais na educação*. Uruguaiana: UNIPAMPA, 2011.

PIEXAK, D. R. et al. Cuidado de enfermagem na perspectiva da Teoria da Complexidade: algumas reflexões. In. GOMES, L.M.X. (org.). *Cadernos de Ciência e Saúde*, v. 4, n. 2, 2014.

PINTO, I. V. et al. Perfil das notificações de violências em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais registradas no Sistema de Informação de Agravos de Notificação, Brasil, 2015 a 2017. *Rev. Bras. Epidemiol.*, v. 23, supp.1, 2020.

PIQUERO, A. R; RIDDELL, J. R; BISHOPP, A. S; NARVEY, C; REID, J. A; PIQUERO, N. L. Staying Home, Staying Safe? A Short-Term Analysis of COVID-19 on Dallas Domestic Violence. *American Journal of Criminal Justice*. n. 45, p. 601–635, 2020.

PIRES, S; SANI, A. I; SOEIRO, C. Stalking e cyberstalking: coocorrência e padrões de vitimação em estudantes universitários. *Arq. Bras. Psicol.*, Rio de Janeiro, v. 70, n. 2, p. 5-21, 2018 .

PYRA, M.; WEBER, K.; WILSON, T. E.; COHEN, J.; MURCHISON, L.; GOPARAJU, L.; COHEN, M. H. Sexual minority status and violence among HIV infected and at-risk women. *Journal of General Internal Medicine*, v. 29, n. 8, p. 1131-1138, 2017.

REYES, L. M. V. Del cortejo hostigante al rompimiento en línea, ciberviolencia en preparatorianos. *Rev. Educ. y Soc.*, v. 16, n. 1, p. 5-22, 2020.

REYES, L. M. V; JAIMES, G. R. R. Voces de la Ciberviolencia. *Voces De La Educación*. v. 5, n. 9, p. 63-75, 2020.

RISSON, N. M.; MIGOTT, A. B. B. A visão da bissexualidade pelo bissexual. *Revista Fórum*, Passo Fundo, v. 8, n.19, p. 19-23, 1996.

ROLLÈ, L.; GIARDINA, G.; CALDARERA, A. M.; GERINO, E.; BRUSTIA, P. When Intimate Partner Violence Meets Same Sex Couples: A Review of Same Sex Intimate Partner Violence. *Front. Psychol.*, n. 9, 2018.

SAFFIOTI, H. I. B. A síndrome do pequeno poder. In: M. A. Azevedo & V. N. A. Guerra, (Orgs.), *Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder*, São Paulo: Iglu, p. 13-21, 1989.

SANGER, N.; LYNCH; I. 'You have to bow right here': heteronormative scripts and intimate partner violence in women's same-sex relationships. *Culture, Health & Sexuality*, v. 20, n. 2, p. 201-217, 2018.

SANI, A. I. As variáveis mediadoras do impacto na criança da exposição à violência interpares. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 111-133, 2006.

SANTANA, A. D. S; ELO, L. P. Pandemia de covid-19 e população LGBTII+. (In)visibilidades dos impactos sociais. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, n. 37, 2021.

RIBEIRO-JÚNIOR, M. A. F. Estado atual do trauma e violência em São Paulo - Brasil durante a pandemia de COVID-19. *Rev. Col. Bras. Cir.*, v. 48, 2021.

SANTOS, A. C. 'Entre duas mulheres isso não acontece' – Um estudo exploratório sobre violência conjugal lésbica. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Lisboa, v. 98, p. 3-24, 2012.

SANTOS, A. M. R; CARIDADE, S. M. M. Violence in Intimate Relationship between Same-Sex Partners: Prevalence Study. *Trends Psychol.* v. 25, n. 3, p. 1341-1356, 2017.

SANTOS, B. S.; MENEZES, M. P. *Epistemologias do Sul*. Tradução e organização revisada por Margarida Gomes. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

SANTOS, T. M. B. et al. Fatores que contribuem para o início da atividade sexual em adolescentes: Revisão Integrativa. *Revista de Atenção à Saúde*, São Caetano do Sul, v. 13, n. 44, p. 64-70. 2015.

SCHRAIBER, L. B. et al. Assistência a mulheres em situação de violência – da trama de serviços à rede intersetorial. *Athenea Digital Revista Pensamento e Investigação Social*, Bellaterra, v. 12, n. 3, p. 237-254, 2012.

SEFFNER, F. *Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual*. 2003. 260 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2003.

SHIOTA, P, F; POSSMOZER, M. Evangélicos e governo Bolsonaro: aliança nos tempos de covid-19. *Confluências. Revista Interdisciplinar de Sociologia e direito*. v.22,ed.2, p. 384-406, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/conflu.v22i2.43024>

SILVA, F. S. O “descortinamento” das vulnerabilidades da população LGBTIqia+ diante a pandemia de coronavírus. *Rev. Psicol Saúde e Debate*, v. 6, n. 2, p. 346-355, 2020.

SILVA, I. C. A.; LEITE JÚNIOR, F. F. A Bissexualidade Como Incógnita e Fragmentação Normativa Ligada a Dicotomia Hétero/Homo: Cartografando Produções em Ciências Humanas e Sociais. *Rev. Mult. Psic.*, v.14, n.1, p. 861-879, 2020.

SILVA, T. A. et al. Movimento LGBTI, políticas públicas e saúde. *Revista Amazônica* (online), Manaus, v. 21, n. 2, p. 191-208, 2018.

SOLIVA, T.; SILVA JUNIOR, J. B. Entre revelar e esconder: Pais e filhos em face da descoberta da homossexualidade. *Sexualid, Salud y Sociedad*, v. 17, p. 124-148, 2014.

SOUZA, C. et al. Violência contra mulheres lésbicas/ bissexuais e vulnerabilidade em saúde: revisão da literatura. *Psicologia, Saúde & Doenças*, v. 22, n. 2, p. 437-453, 2021.

SOUZA, D. C. et al. Assassinatos de LGBTIs no Brasil – uma análise de literatura entre 2010- 2017. *Periódicus*, Salvador, v. 1, n. 10, p. 24-39, 2018.

SOUZA, D. C.; HONORATO, E. J. S. Violência nas relações homossexuais – Uma bionecropolítica? *Revista Espaço Acadêmico*, n. 225, p.230-246, 2020.

STEPHENSON, R.; FINNERAN, C. Minority Stress and Intimate Partner Violence Among Gay and Bisexual Men in Atlanta. *American Journal of Men's Health*. v. 11, n. 4, p. 952-961, 2016.

STULTS, C. B. et al. Intimate partner violence and substance use risk among young men who have sex with men: The P18 cohort study. *Drug and Alcohol Dependence*, v. 154, p. 54-62, 2015.

SZWARCWALD. C. L. et al. ConVid – Pesquisa de Comportamentos pela Internet durante a pandemia de COVID-19 no Brasil: concepção e metodologia de aplicação. *Cad. Saúde Pública*, v. 37, n. 3, p. e00268320, 2021.

TAQUETTE, S. R.; MONTEIRO, D. L. M. Causes and consequences of adolescent dating violence: a systematic review. *Journal Injury Violence Res.*, v. 11, n. 2, p. 137-147, 2019.

TAQUETTE, S. R; RODRIGUES, A. O. Homosexual experiences of adolescents: considerations for healthcare. *Interface*, v. 19, n. 55, p. 1181-1191, 2015.

TELLES, L. E. B.; VALENÇA, A. M.; BARROS, A. J. S.; SILVA, A. G. Domestic violence in the COVID-19 pandemic: a forensic psychiatric perspective. *Brazilian Journal of Psychiatry*. <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2020-1060>, 2020.

USHER, K. et al. Pandemic-related behaviours and psychological outcomes; A rapid literature review to explain COVID-19 behaviours. *International Journal of Mental Health Nursing*, v. 29, p. 1018–1034, 2020.

VIEIRA, P. R.; GARCIA, L. P.; MACIEL, E. L. N. Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela? *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v. 23, p. e200033, 2020.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014.

ZUMA, C. E.; MENDES, C. H. F.; CAVALCANTI, L. F.; GOMES, R. Violência de gênero na vida adulta. In: NJAINE, K.; ASSIS, S., G. (Orgs.). *Impactos da violência na saúde*. Rio de Janeiro: EAD/ENSP, 2013.

YU, Y.; XIAO, S.; LIU, K. Q. Dating violence among gay men in China. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 28, n. 12, p. 2491-2504, 2013.

WEI, D. et al. Effects of emotion regulation and perpetrator-victim roles in intimate partner violence on mental health problems among men who have sex with men in China. *Epidemiology and Psychiatric Sciences*, v. 29, p. 1–9, 2020.

WERNECK, J. Racismo institucional e saúde da população negra. *Saúde Soc.* São Paulo, v.25, n.3, p.535-549, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-129020162610>. Acesso em 25 de set de 2018.

WISNIEWSKI, R. R. Gênero e diversidade: educação e invisibilidade LGBTIQ nos espaços urbanos. *Atos de Pesquisa em Educação*, v. 15, supp. 1, n. 1, p. 76-93, 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Núcleo de Estudos da Violência*. Prevenindo a violência juvenil: um panorama das evidências. São Paulo, OMS, v. 98, n. 27, 2017.

WU, E. et al. The association between substance use and intimate partner violence within black male same-sex relationships. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 30, n. 5, p. 762-781, 2015.

## APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO

Centro Colaborador da Organização Mundial da Saúde  
para o Desenvolvimento da Pesquisa em Enfermagem

Avenida Bandeirantes, 3900 - Ribeirão Preto - São Paulo - Brasil - CEP 14040-902  
Fone: 55 16 3602.3382 - 55 16 3602.3381 - Fax: 55 16 3602.0518  
www.eerp.usp.br - eerp@edu.usp.br

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (VERSÃO ONLINE)

**Pesquisa:** A violência nas relações de intimidade vivido por adolescentes e jovens bissexuais pela perspectiva do Paradigma da Complexidade.

Prezado(a) Participante,

Meu nome é Ana Beatriz Campeiz, sou doutoranda no Programa de Saúde Pública, pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP (EERP/USP) e sou responsável por esta pesquisa sob orientação da Profa Maria das Graças Bonfim de Carvalho. Gostaríamos de convidá-lo para participar desta pesquisa, a qual tem como objetivo analisar a violência nas relações de intimidade vivido por adolescentes e jovens bissexuais pela perspectiva do paradigma da Complexidade. O Paradigma da Complexidade considera as contradições e imprevisibilidades ao analisar a violência nas relações afetivas e a compreende nas conexões entre seus elementos pessoais, sociais e processuais de maneira articulada e contextualizada.

Salientamos que a referida pesquisa se dará por meio da aplicação de um formulário online semi-estruturado, com algumas questões pré-determinadas e outras em aberto. O preenchimento do formulário online será realizado em um local escolhido por você, podendo em âmbito privado ou público, desde que tenha privacidade, no qual você se sinta confortável e seguro/a. No momento do formulário se você não souber ou se não quiser responder a uma pergunta, não tem problema. O tempo necessário para interação do formulário deverá ser aproximadamente 10 minutos. Sua participação é voluntária e deverá ser devidamente autorizada. A aceitação para participar, não trará nenhum gasto financeiro sendo que será mantida em segredo a identificação, ou seja, você não será identificado/a por nome, apelido ou qualquer outro meio que possibilite suas identificação, sendo, as informações usadas exclusivamente para esta pesquisa. Toda pesquisa com seres humanos pode gerar alguns riscos e desconfortos. Levando-se em conta o tema abordado, caso haja desconforto como, por exemplo, ao falar de situações vividas, você poderá interromper a participação imediatamente, continuando ou não mais tarde. Além disso, garante-se o direito à indenização, conforme as leis vigentes no país, caso haja qualquer ou eventual dano decorrente da sua participação na pesquisa.

Você não terá nenhum benefício direto, nesse momento, pela sua participação, mas será uma oportunidade para conhecer mais sobre seus direitos enquanto cidadão, onde buscar assistência caso precise, além de poder compartilhar suas experiências de maneira sigilosa, colaborando para que os resultados da pesquisa possam nos ajudar a analisar a violência nas relações de intimidade entre adolescentes e jovens do mesmo sexo e

quais sentidos são atribuídos a esse fenômeno sob o olhar dos adolescentes e jovens. Quando terminarmos a pesquisa, o resultado final poderá ser divulgado em revistas e encontros científicos.

Lembramos que a qualquer momento da pesquisa você poderá desistir de sua participação, uma vez que esta participação é voluntária. Este termo é online, ao clicar abaixo, você afirma que leu o termo e concorda em participar.

O projeto da pesquisa foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da EERP/USP, responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. Aspectos esses que ressaltam a necessidade de revisão ética e científica das pesquisas envolvendo seres humanos, visando a salvaguardar a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar do sujeito da pesquisa. Se tiver alguma dúvida, poderá entrar em contato conosco pelo celular (16) 988044773 ou telefone (16) 3315-3413 de 2ª à 6ª feira das 8 às 17h ou pelos e-mails [gracacarvalho@eerp.usp.br](mailto:gracacarvalho@eerp.usp.br) e [biacampeiz@usp.br](mailto:biacampeiz@usp.br), ainda poderá contatar o CEP no endereço da EERP/USP - Avenida dos Bandeirantes, 3900 - Campus USP - Ribeirão Preto - SP - 14040-902 - Telefone (16) 3315-9197 ou no ramal 9197 – de 2ª à 6ª feira das 8 às 17h.

Agradecemos a sua colaboração!

### **Consentimento da participação da pessoa como sujeito da pesquisa.**

- Declaro que li e concordo em participar da pesquisa.
- Não concordo em participar da pesquisa.

## APÊNDICE B – Roteiro de Perguntas do Formulário Online

## Formulário Online - Roteiro de perguntas

1- Você se identifica/ é autodeclarado/a bissexual?

sim

não

2- Reside no estado de São Paulo?

sim

não

Qual cidade?

\_\_\_\_\_

3- Está vivendo ou viveu um relacionamento íntimo desde que foi declarado pandemia por covid-19/ durante o isolamento social? (relacionamento íntimo: ficar algumas vezes/por semanas/meses, namoro, casamento, relação não rotulada que teve formas de intimidade)?

sim

não

4- Seu/a parceiro/a se autoidentifica como bissexual e também respondeu este formulário?

sim

não

se sim, pede-se para apenas um dos/as parceiros/as responder a este questionário.

5- Qual a sua idade?

18

19

20

21

22

23

24

6- Qual gênero você se identifica?

Mulher cisgênero

Homem cisgênero

Mulher transgênero

Homem transgênero

Não Binário

Intersexual

Agênero

Não sei como me identifico/ em processo de descoberta pessoal

Demais identificações: \_\_\_\_\_

7- Qual raça/cor você se identifica?

Branca

Preta

Parda

Amarela

Indígena

Não tenho certeza de como me identifico

Demais identificações: \_\_\_\_\_



8-Estado Civil:  
solteira/o  
casada/o ou união estável (mora juntos/as a mais de 06 meses)

9-Qual sua ocupação:  
Estudo  
Trabalho e estudo  
Trabalho  
Desempregado  
Outras atividades:\_\_\_\_\_

10-Qual sua renda mensal (pessoal)?  
Não tenho  
Até 01 salário mínimo  
Até 02 salários mínimos  
Até 03 salários mínimos  
Até 04 salários mínimos  
Até 05 salários mínimos  
Acima de 05 salários mínimos

11- Qual a renda mensal da sua família?  
Até 02 salário mínimo  
de 02 a 04 salários mínimos  
de 05 a 06 salários mínimos  
Acima de 06 salários mínimos

12-Quantas pessoas moram na sua casa (incluindo você):  
Moro sozinha/o  
02 ou 03 pessoas  
De 04 a 06 pessoas  
acima de 06 pessoas

13-Qual seu nível de escolaridade?  
Ensino superior completo  
Ensino superior incompleto  
Ensino médio completo  
Ensino médio incompleto  
Ensino fundamental completo  
Ensino fundamental incompleto

AS PRÓXIMAS PERGUNTAS SERÃO VOLTADAS PARA SUAS RELAÇÕES ÍNTIMAS VIVIDAS DURANTE A PANDEMIA POR COVID-19.

14-Seu/s relacionamento/s (desde que foi declarado pandemia) era/ é com:  
Mulher cis  
Homem cis  
Mulher trans  
Homem trans:  
Não binário  
Intersexual  
Agênero  
Não sabe como se identifica  
outras identidades:\_\_\_\_\_

15-Já ouviu falar em relação abusiva ou formas de violência íntima entre casais?  
Sim  
Não

## QUADRO COM ESCRITAS DE DIFERENTES FORMAS DE VIOLÊNCIAS

16-Acha que seu/sua companheiro(a) é/era violento(a) (seja sutilmente ou fortemente)?

Não

Sim

Se sim, qual a sua percepção sobre esta?

---

17-O/A seu/sua companheiro(a) já agiu alguma vez de forma abusiva/ violenta (ou que te gerou algum constrangimento) com você? Consegue perceber qual foi a forma de violência? Como foi?

---

18-Durante a PANDEMIA e ISOLAMENTO SOCIAL, o(a) seu/sua companheiro(a) agiu alguma vez de forma abusiva/ violenta (ou que te gerou algum constrangimento) com você? Consegue perceber qual foi a forma de violência? Como foi?

---

19-Diante da pergunta anterior, como você se sentiu? Qual foi sua reação ou decisão?

---

20-Durante a PANDEMIA e ISOLAMENTO SOCIAL, você agiu de alguma forma abusiva/violenta (ou que gerou algum constrangimento) com seu/sua parceiro(a)? Como foi?

---

21-Diante/após as situações reportadas anteriormente, como seu/sua companheiro/a se sentiu? Qual foi a reação ou decisão dele/a?

---

22-Como você percebe a violência a verbal/psicológica/ física/ patrimonial/ sexual em sua relação íntima nesse período de pandemia? Quais situações você vivenciou/vivencia?

---

23-Quais os principais desafios vivenciados na sua relação íntima durante esse período de pandemia?

---

24-Você contou com a percepção de pessoas próximas?

---

25-Seu/sua parceiro/a realizou algum empecilho/barreira para que você tivesse dificuldade de acesso aos serviços de saúde, de pedir ajuda ou encontrar com amigos/ familiares, de conectar com a polícia ou outras formas de segurança?

---

26-Você realizou algum empecilho/barreira para que seu/sua companheiro/a tivesse dificuldade de acesso aos serviços de saúde, de pedir ajuda ou encontrar com amigos/ familiares, de conectar com a polícia ou outras formas de segurança?

---

27-Você teve vontade de ir a algum serviço de segurança ou saúde (delegacia, ups, upa, cras, caps, hospital, entre outros) devido a alguma violência sofrida pelo(a) parceiro(a)? Conseguiu?

---

28-Comente sobre seus sentimentos ao participar da pesquisa, sua opinião sobre ela. Caso tenha interesse, deixe um contato (celular ou e-mail) para uma possível entrevista (totalmente sigilosa) ou entre em contato com o número de celular (xx)xxxxx-xxxx.

---

## ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa



USP - ESCOLA DE  
ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO  
PRETO DA USP



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DA EMENDA**

**Título da Pesquisa:** A violência nas relações de intimidade entre adolescentes e jovens do mesmo sexo biológico sob a perspectiva do Paradigma da Complexidade

**Pesquisador:** Ana Beatriz Campeiz

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 26940619.0.0000.5393

**Instituição Proponente:** Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 4.155.501

**Apresentação do Projeto:**

Trata-se de proposta de emenda a projeto de pesquisa já apreciado e aprovado por este CEP, Parecer Consubstanciado número : 3.836.421, de 13 de fevereiro de 2020. De acordo com a pesquisadora: "Devido ao atual cenário mundial com o impacto da COVID-19, é necessário acrescentar um formulário online do google, com roteiro de perguntas abertas e fechadas, para contato com os participantes da pesquisa. O formulário online será sigiloso, mas haverá espaço para quem se sentir a vontade, entrar em contato com a pesquisadora principal para marcar a entrevista. O compartilhamento do formulário seguirá a mesma metodologia da pesquisa original, pelo snowball (um participante indica o outro). Essa seria uma alternativa viável e segura no quadro atual, para que a pesquisadora e os futuros participantes sigam corretamente o isolamento social e não precisem sair de casa.

O formulário online colherá informações se a pessoa se enquadra no perfil de participantes (mais de 18 anos, de Ribeirão Preto e com pelo menos uma experiência homoafetiva), se em sua perspectiva ela está vivenciando alguma forma de violência na relação íntima e se esta tem interesse em participar de uma entrevista sobre a temática da pesquisa. Com a aprovação do formulário online, conseguiremos apreender aspectos importantes específicos da violência entre homoafetivos durante a pandemia do COVID-19, e que, sem esse primeiro contato neste cenário, pode-se perder dados importantes.

A entrevista poderá ser presencial, em um momento oportuno, mesmo que demore, ou, se

**Endereço:** BANDEIRANTES 3900

**Bairro:** VILA MONTE ALEGRE

**CEP:** 14.040-902

**UF:** SP

**Município:** RIBEIRAO PRETO

**Telefone:** (16)3315-9197

**E-mail:** cep@eerp.usp.br



USP - ESCOLA DE  
ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO  
PRETO DA USP



Continuação do Parecer: 4.155.501

necessário, via vídeo, gravada e transcrita. Por se tratar de um tema delicado, acredita-se que alguns participantes podem preferir aguardar, para pessoalmente, com a certeza do sigilo e privacidade, fazer a entrevista."

**Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo geral: Analisar o sentido da violência nas relações de intimidade entre adolescentes e jovens do mesmo sexo sob a ótica dos próprios adolescentes, pela perspectiva do Paradigma da Complexidade.

Objetivos específicos:

- (1) Identificar como ocorrem as relações de intimidade entre adolescentes e jovens do mesmo sexo, considerando-se os diferentes aspectos individuais, sociais e interpessoais, de maneira articulada e contextualizada;
- (2) Identificar e analisar as diferentes dimensões da violência que se materializam nas relações de intimidade entre esses pares, a fim de conhecer suas especificidades e singularidades;
- (3) Identificar e analisar quando e como acontece a VRI entre pares do mesmo sexo e estudar estas relações com adolescentes e jovens do sexo feminino e masculino, a fim de verificar e analisar as particularidades que podem ser diferentes entre os sexos e gêneros.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Tópico já apreciado.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Vide tópico "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Vide tópico "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

**Recomendações:**

Considerando que o presente protocolo identifica que a coleta de dados se dará por meio de questionário online, solicita-se que a modalidade de registro indique, de forma DESTACADA, ao participante de pesquisa a importância de guardar em seus arquivos uma cópia do documento de Registro de Consentimento e/ou garantindo o envio da via assinada pelos pesquisadores ao participante de pesquisa.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Sem óbices éticos.

Endereço: BANDEIRANTES 3900

Bairro: VILA MONTE ALEGRE

CEP: 14.040-902

UF: SP

Município: RIBEIRAO PRETO

Telefone: (16)3315-9197

E-mail: cep@eerp.usp.br



USP - ESCOLA DE  
ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO  
PRETO DA USP



Continuação do Parecer: 4.155.501

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Parecer apreciado ad referendum.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1565165_E1.pdf	26/05/2020 15:57:48		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	ENTREVISTAONLINE.pdf	26/05/2020 15:55:44	Ana Beatriz Campeiz	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetoemenda.pdf	26/05/2020 15:50:56	Ana Beatriz Campeiz	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEFORMULARIOONLINE.pdf	26/05/2020 15:48:19	Ana Beatriz Campeiz	Aceito
Outros	oficioemenda.pdf	26/05/2020 15:46:11	Ana Beatriz Campeiz	Aceito
Outros	oficio_resposta_cep.pdf	11/03/2020 11:49:23	Ana Beatriz Campeiz	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEversao2.pdf	11/03/2020 11:46:39	Ana Beatriz Campeiz	Aceito
Outros	oficio_encaminhamento.pdf	20/02/2020 19:02:13	Ana Beatriz Campeiz	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostoassinada.pdf	06/12/2019 16:47:42	Ana Beatriz Campeiz	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

Endereço: BANDEIRANTES 3900

Bairro: VILA MONTE ALEGRE

CEP: 14.040-902

UF: SP

Município: RIBEIRAO PRETO

Telefone: (16)3315-9197

E-mail: cep@eerp.usp.br



USP - ESCOLA DE  
ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO  
PRETO DA USP



Continuação do Parecer: 4.155.501

RIBEIRAO PRETO, 15 de Julho de 2020

---

**Assinado por:**  
**RONILDO ALVES DOS SANTOS**  
(Coordenador(a))

**Endereço:** BANDEIRANTES 3900

**Bairro:** VILA MONTE ALEGRE

**CEP:** 14.040-902

**UF:** SP

**Município:** RIBEIRAO PRETO

**Telefone:** (16)3315-9197

**E-mail:** cep@eerp.usp.br